

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**BRUNA GUIMARÃES DE SOUSA E SILVA**

**UMA FENOMENOLOGIA DAS INTERVENÇÕES CLÍNICAS COM ARTE E  
INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL EM NISE DA SILVEIRA**

São Luís  
2020

**BRUNA GUIMARÃES DE SOUSA E SILVA**

**UMA FENOMENOLOGIA DAS INTERVENÇÕES CLÍNICAS COM ARTE E  
INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL EM NISE DA SILVEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia  
Linha de pesquisa: Clínica e Avaliação Psicológica

Orientador: Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba

Coorientador: Prof. Dr. Plínio Santos Fontenelle

São Luís  
2020

Silva, Bruna Guimarães de Sousa e.

Uma fenomenologia das intervenções clínicas com arte e interação humano-animal em Nise da Silveira / Bruna Guimarães de Sousa e Silva. - 2020.

104 p.

Coorientador(a): Plínio Santos Fontenelle.

Orientador(a): Jean Marlos Pinheiro Borba.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

1. Arte. 2. Expressão artística. 3. Interação humano-animal. 4. Nise da Silveira. 5. Psicologia clínica fenomenológica. I. Borba, Jean Marlos Pinheiro. II. Fontenelle, Plínio Santos. III. Título.

**BRUNA GUIMARÃES DE SOUSA E SILVA**

**UMA FENOMENOLOGIA DAS INTERVENÇÕES CLÍNICAS COM ARTE E  
INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL EM NISE DA SILVEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia  
Linha de pesquisa: Psicologia Clínica e Avaliação Psicológica

Aprovada em: 27/08/2020.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba (Orientador)  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

---

Prof. Dr. Plínio Santos Fontenelle (Coorientador)  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

---

Prof. Dr. Valéria Oliveira Marques  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

---

Prof. Dr. Fernanda Peixoto Martins  
Universidade Federal Rural do Amazonas – UFRA

---

Prof. Dr. André Vinícius Dias Senra  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

## AGRADECIMENTOS

Certamente, esta dissertação não é fruto somente do meu esforço individual, mas também de um conjunto de pessoas que, tanto em minha vida pessoal, quanto em minha vida acadêmica me ofereceram apoio emocional, me auxiliaram na pesquisa e me mostraram uma vez mais que, o trabalho de cada dia nunca existe sem a reciprocidade das relações.

Portanto, expresso meus sinceros agradecimentos à minha família, em especial meus pais, Diógenes e Vanda, os quais me forneceram um ambiente encorajador e tranquilo para crescer e estudar, e à minha tia Sandra Lúcia, que também me acolheu e me possibilitou fazer o mestrado quando minha rotina estava demasiado ocupada.

Aos meus amigos do ambiente de trabalho, em especial Isa e Roberto, que, sempre me ajudavam a relaxar quando necessário e me ofereciam sábias palavras.

À Ana Paula, que compartilhou comigo das alegrias e angústias deste trajeto, bem como à Anne, Yuri, Samily e Samiris, que sempre estiveram presentes mesmo na ausência, e me lembraram que novos desafios podem trazer ao meu conhecimento pessoas valiosas.

À Lidiane e Thayane, que além de importantes amigas, foram também prestativas e corajosas veteranas.

Aos meus colegas de classe do mestrado, com os quais estive “no mesmo barco” e que tive a felicidade de conhecer.

A todos os professores que lecionaram as disciplinas que fiz no mestrado, pelo conhecimento do qual foram facilitadores e que contribuí para minha pesquisa e formação acadêmica.

À Gladys Schincariol, Marize Parreira e Luiz Carlos Mello, os quais me receberam com tanto carinho e atenção quando de minha visita ao Museu de Imagens do Inconsciente e que cuidam do legado de Nise com admirável zelo. Agradeço, também, aos clientes que lá conheci e que me permitiram conhecer um pouco desse legado, bem como à toda a equipe do Museu, responsáveis por esta inestimável e preciosa instituição brasileira.

Ao meu orientador, Jean Marlos Pinheiro Borba, pelo difícil trabalho de me orientar, e por todo o valioso aprendizado que me oportunizou. E ao meu coorientador, Plínio Fontenelle, pelas valiosas contribuições e inestimável gentileza.

Por fim, expresso meus agradecimentos à Nise da Silveira. Nise me ensinou importantes e comoventes lições sobre profissionalismo, ciência, coragem e ética. Espero que este trabalho possa demonstrar o grande respeito que tenho por sua figura e espero ter obtido sucesso em retratar a imagem significativa e honesta de sua história e herança.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo realizar um estudo das intervenções clínicas de Nise da Silveira no Hospital Pedro II, efetuadas através da expressão artística e da Interação Humano-Animal, e suas intersecções com a fenomenologia, a fim de delinear suas contribuições para a Psicologia Clínica Fenomenológica no mundo-da-vida contemporâneo. Parte-se da percepção de que a abordagem diferenciada de Nise na clínica, primando pelo respeito aos seus clientes e por uma postura liberta de preconceitos em relação a eles, pode ser vista sob o olhar fenomenológico. Esta dissertação traça o percurso da abordagem niseana, iniciando com a explanação de sua biografia. Em seguida, apresenta-se um breve histórico da expressão artística no tratamento em hospitais psiquiátricos e no ateliê inaugurado no Hospital Pedro II, refletindo, também, acerca da importância das mandalas e da abstração nas obras criadas. Considerando a relevância do mundo-da-vida dos clientes de Nise, a seguir, discute-se a trajetória de alguns deles, enquanto exemplos das possibilidades de ressignificação dos sentidos nas intervenções clínicas. Logo após, debate-se Interação Humano-Animal e o papel dos coterapeutas na atuação terapêutica. Por fim, aborda-se a atitude fenomenológica em paralelo com o modo niseano de atuar na clínica, tratando das suas contribuições para a clínica fenomenológica através de tal atitude, e do afeto catalisador caracterizado pela intersubjetividade. A pesquisa foi desenvolvida enquanto um estudo teórico, através do método fenomenológico. As reflexões finais evidenciam a atividade, afetividade e liberdade enquanto pilares das intervenções de Nise, refletindo sobre como atitude fenomenológica de suspensão dos *a priori* engendra a aprendizagem na clínica e a criação de novos modos de buscar com o cliente as suas próprias possibilidades de melhora, ressaltando assim a ética, e a indissociabilidade de sujeito/objeto como imprescindíveis para a atuação clínica e também científica.

**Palavras-chave:** Nise da Silveira. Arte. Expressão artística. Interação humano-animal. Psicologia clínica fenomenológica.

## ABSTRACT

This dissertation aims to carry out a study of the clinical interventions of Nise da Silveira at Pedro II Hospital, carried out through artistic expression and Human-Animal Interaction, and their intersections with phenomenology, in order to outline their contributions to Clinical Phenomenological Psychology in the contemporary life-world. It starts from the perception that Nise's differentiated approach in the clinic, valuing respect for her clients and for a posture free of prejudices towards them, can be seen from the phenomenological point of view. This dissertation traces the path of Nise's approach, starting with the explanation of her biography. Then, a brief history of artistic expression on the treatment in psychiatric hospitals and in the studio opened at Hospital Pedro II is presented, also reflecting on the importance of mandalas and abstraction in the works created. Considering the relevance of the life-world of Nise's clients, a discussion on the trajectory of some of them, as examples of the possibilities of resignifying the senses in clinical interventions, follows. Soon after, Human-Animal Interaction, and the role of co-therapists in therapeutic performance, are discussed. Finally, the phenomenological attitude is approached in parallel with Nise's way of acting in the clinic, dealing with its contributions to the phenomenological clinic through such an attitude, and the catalyzing affection characterized by intersubjectivity. The research was developed as a theoretical study, through the phenomenological method. The final reflections show activity, affection and freedom as pillars of Nise's interventions, reflecting on how the phenomenological attitude of suspension of *a priori* generates learning in the clinic and also the creation of new ways of seeking with the client, their own possibilities for improvement, thus emphasizing ethics, and the inseparability of subject/object as essential for clinical and also scientific performance.

**Kew-words:** Nise da Silveira. Art. Artistic expression. Human-animal interaction. Clinical phenomenological psychology.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Nise da Silveira nos anos 40 .....	17
Figura 2	– Obra de Adelina Gomes (1953) .....	27
Figura 3	– Obra de Carlos Pertuis (1958).....	30
Figura 4	– Obra de Fernando Diniz (s.d.).....	31
Figura 5	– Obra de Adelina Gomes (s.d.).....	33
Figura 6	– Obra de Fernando Diniz (s.d.).....	34
Figura 7	– Nise observa Raphael Domingues pintar.....	35
Figura 8	– Obra de Fernando Diniz (1952) .....	39
Figura 9	– Obra de Fernando Diniz (1953) .....	40
Figura 10	– Obra de Fernando Diniz (1953) .....	40
Figura 11	– Obra de Fernando Diniz (1949) .....	42
Figura 12	– Obra de Fernando Diniz (1967) .....	43
Figura 13	– Obra de Adelina Gomes (1959) .....	45
Figura 14	– Obra de Adelina Gomes (s.d.).....	46
Figura 15	– Obra de Adelina Gomes (1969) .....	47
Figura 16	– Obra de Adelina Gomes (1969) .....	48
Figura 17	– Obra de Adelina Gomes (1973) .....	48
Figura 18	– “O Planetário de Deus” (1947), por Carlos Pertuis .....	50
Figura 19	– Obra de Carlos Pertuis (1948).....	51
Figura 20	– Obra de Carlos Pertuis (1976).....	52
Figura 21	– Obra de José da Silva Paixão (s.d.).....	53



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>NISE DA SILVEIRA.....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>A EXPRESSÃO ARTÍSTICA NO HOSPITAL PEDRO II.....</b>	<b>19</b>
<b>3.1</b>	<b>A Psiquiatria e a herança de Descartes: implicações e contribuições .....</b>	<b>19</b>
<b>3.2</b>	<b>Breve história da Arte no Hospital Psiquiátrico .....</b>	<b>23</b>
<b>3.3</b>	<b>O ateliê: a arte como elemento terapêutico .....</b>	<b>25</b>
<b>3.4</b>	<b>As mandalas: o sujeito e a forma perfeita.....</b>	<b>30</b>
<b>3.5</b>	<b>A abstração nas produções plásticas .....</b>	<b>33</b>
<b>4</b>	<b>OS ARTISTAS DE ENGENHO DE DENTRO .....</b>	<b>38</b>
<b>4.1</b>	<b>O espaço de Fernando .....</b>	<b>38</b>
<b>4.2</b>	<b>Emygdio de Barros .....</b>	<b>41</b>
<b>4.3</b>	<b>Adelina Gomes: a mãe, as flores e os gatos .....</b>	<b>44</b>
<b>4.4</b>	<b>Carlos Pertuis, o sol e os coterapeutas .....</b>	<b>49</b>
<b>5</b>	<b>COTERAPEUTAS: a relação humano-animal .....</b>	<b>54</b>
<b>6</b>	<b>NISE E A ATITUDE FENOMENOLÓGICA: caminhos para um psicologia clínica fenomenológica .....</b>	<b>66</b>
<b>6.1</b>	<b>A peneira e o mundo da vida.....</b>	<b>67</b>
<b>6.2</b>	<b>Eu, você e nós: intersubjetividade e afeto catalisador .....</b>	<b>73</b>
<b>6.3</b>	<b>As contribuições de Nise para a clínica fenomenológica .....</b>	<b>78</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>88</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>95</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em 1936, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, a associação com práticas ou ideias entendidos como comunistas era considerado uma transgressão, alçada mesmo à terminologia de crime. Neste ano, Nise da Silveira, psiquiatra do Hospital da Praia Vermelha, foi denunciada por ter no seu quarto do hospital, literatura comunista, e foi levada presa.

Ora, haverá símbolo maior para representar aqueles que transgridem as regras do que a prisão?

É comum, e muitas vezes justo, mas também por vezes mesmo feito de modo inquestionável em nossa sociedade, que as transgressões recebam uma punição. A criança quando desobedece aos pais, entende-se que deve ser castigada. O aluno quando não comparece com o uniforme adequado, entende-se que deve ser advertido. O ladrão quando rouba, entende-se que deve ser preso. E, aquele que ignora as regras impostas pelo pensamento racional, comumente denominado louco, por longo tempo entendeu-se que deveria ser internado em hospitais psiquiátricos.

Certamente, esta política asilar não foi justificada sob o cunho da palavra ‘punição’, porém, um exame dos preconceitos ensejados sobre os ‘loucos’ esclarece que, de certo modo, ele quebrava a regra da racionalidade, mesmo contra sua vontade. Não deve aparecer como surpresa que os seres humanos enderecem a intolerância àquilo que não compreendem. Para muitos, o pensamento diverso daquele chamado ‘louco’ não deixava de ser uma infração da norma social.

Nise passou um ano presa. Muitos dos pacientes dos quais ela veio cuidar passaram décadas. Porém, não em prisões como as entendemos, mas em ambientes igualmente cinzas e sufocantes, nos quais lhe era negado até mesmo a liberdade de seus próprios pensamentos. Eram os hospitais psiquiátricos, popularmente conhecidos como manicômios.

Contudo, mesmo tendo sido absolvida das acusações do Estado, Nise não deixou de ser transgressora. Ao retornar ao trabalho, se recusou a aplicar o eletrochoque em um paciente, demonstrou firmeza em sua oposição aos métodos cientificamente elucidados da psiquiatria, e determinou que, se a regra lhe fugia ao entendimento do bom senso, o certo seria recorrer à transgressão.

O que se deu deste ponto em diante se tornou, para além da história, um dos germes de grande transformação nos tratamentos psiquiátricos em território brasileiro, bem como uma importante contribuição à pesquisa científica no campo da esquizofrenia. Através de

metodologias incomuns, utilizando o pincel e o vínculo com os animais, Nise da Silveira demonstrou que a rebeldia, por vezes, é necessária aos avanços da ciência e para o exercício da ética. Isto levou Mello (2014) a chama-la de “uma psiquiatra rebelde”.

Neste sentido, que caminho segue a Psicologia? Esta que se propõe a estudar os fenômenos humanos que concernem à subjetividade, à intersubjetividade e interação do sujeito com o meio, atentando especialmente para fatores que afetem tal sujeito de modo benéfico ou prejudicial. Neste campo, são vastos os temas que lhe dizem respeito e me parece interessante que, por vezes, alguns destes temas não encontram de imediato a ressonância que lhes cabe por suas contribuições à história da Psicologia.

Enquanto psicóloga, a perspectiva que tenho de minha formação é diversa daquele que tinha quando ainda estava em vias de me graduar. O diploma me habilita a exercer a profissão, mas não indica necessariamente que meus conhecimentos e competências estão à altura dos desafios encontrados na profissão e esta é uma construção constante que passa do movimento da crítica àquele da contribuição para o enriquecimento dos currículos universitários.

A ciência deste fato ressoou significativamente quando, já prestes a me graduar, ouvi falar sobre Nise da Silveira e, já graduada, conheci mais de sua trajetória. A primeira pergunta que me fiz, uma vez conhecedora do relevante trabalho de Nise foi: como eu nunca havia ouvido falar sobre esta mulher antes? Onde estava Nise na formação em Psicologia? Ou melhor, onde estava a Psicologia em relação à Nise?

Por algum tempo, contudo, eu também me perguntara onde estava Arte na Psicologia. Muito se dedica a ciência psicológica às teorias, às palavras. Mas qual é o espaço significativo dedicado às expressões humanas que se atinham à criatividade e não à racionalidade somente? Não dizem elas tanto quanto as palavras? Não são tão significativas quanto? Estas últimas perguntas foram respondidas por Nise e, apesar dos avanços em tais estudos, continuamos a enfrentar semelhantes desafios da falta de reconhecimento de sua importância.

Assim, o aprofundamento do estudo sobre as intervenções clínicas de Nise da Silveira constitui o norte desta dissertação e, para tal, proponho-me à ir em busca daquilo que é próprio da atuação niseana, suas essências, por meio da orientação fenomenológica husserliana.

Mas, dantes, é necessário retornar às coisas mesmas neste ponto; àquilo que veio previamente à Nise em minha trajetória acadêmica.

Desde os primeiros períodos da graduação em Psicologia, fui apresentada à Fenomenologia e seu método, este embasado em uma filosofia que se propõe a investigar os fenômenos de modo rigoroso, ao mesmo tempo em que efetua uma crítica à objetivação do mundo que, segundo Edmund Husserl (1913/2006, 2009, 1936/2012), foi estabelecida pela ciência moderna (de paradigma natural e matemático). O olhar sobre a objetificação do mundo e o desvelar dos fenômenos me pareceu de grande pertinência e afetou o modo como passei a encaminhar meus estudos e pesquisas.

Como modo de aproximação aos estudos da fenomenologia, passei a integrar o Grupo de Estudos e Pesquisa em Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica (GEPFEF) e participei de alguns dos encontros ludovicenses de Fenomenologia, Psicologia Fenomenológica e Filosofias da Existência. Gradualmente, ficava mais claro que a crítica fenomenológica à ciência era algo histórico e atual e que, a suposta evolução do conhecimento e controle humano sobre o mundo, era de grande implicação para a Psicologia. A proposta fenomenológica é de uma contribuição para a reinvenção da ciência, de modo que ela possa conhecer os fenômenos a fundo e incorporar, ao cotidiano humano, uma postura ética.

Tal qual aponta Husserl (1936/2012), o conhecimento objetivo pressupõe idealidades, que atribuem ao objeto um caráter, o qual dissocia o sujeito do objeto e exclui as questões acerca do sentido, caracterizando, assim, o que ele chama de atitude natural. Esta atitude é um posicionamento acrítico diante dos objetos que, nas palavras de Goto (2008, p. 77) “ofusca [...] logo de início nosso contato com as coisas evidentemente apodícticas”, levando-nos a crer que aquilo que se apresenta é verdadeiro, real e óbvio.

Diante da atitude natural, assim, a questão repousa sobre a suposição de um conhecimento radical e não sobre a concretude do mesmo. Aquilo que Husserl (2006) propõe é a superação de dada atitude na chamada *epoché*, a suspensão dos juízos sobre o objeto, e na *redução fenomenológica*, que será capaz de encontrar as essências e sentidos dos fenômenos. Em atitude fenomenológica, o sujeito deve suspender temporariamente todos os *à priori* e teorias, a fim de apreender o fenômeno em sua pureza.

Entretanto, retornarei a este ponto em outro momento. Por ora, dirijo o olhar para o outro caminho deste trabalho.

O encontro com as intervenções clínicas conduzidas por Nise da Silveira se efetou no final da graduação e logo após, também, através do livro, de autoria da mesma, intitulado *Imagens do Inconsciente* (2015), no qual a psiquiatra retrata a trajetória e fundamentos das suas intervenções no Hospital Psiquiátrico Pedro II, na metade do século XX. O livro prima pela

explicitação prática e teórica das atividades de pintura e modelagem desenvolvidas em um ateliê no setor de Terapia Ocupacional, algo inovador no Brasil para a época.

O panorama das instituições psiquiátricas nas primeiras décadas do século XX era o de “depositório de loucos”; um ambiente com a função de excluir e punir todos aqueles que atrapalhavam de alguma forma a “ordem” social dominante (MUÑOZ; PESSOA; OLIVEIRA, 2007). Ao voltar-se para o sujeito dito ‘louco’, não como um indesejável, um doente inoportuno ou, mesmo, um ser desprovido de humanidade, Nise da Silveira modificou o modo de fazer da psiquiatria ao considerar os pacientes (chamados por ela de “clientes”) seus pares, e ao adotar novos modos de olhar para a psicopatologia: respeitando o modo de ser da pessoa com transtorno mental e incorporando à sua prática, alternativas diferenciadas de tratamento.

Percebo aqui o principal ponto de convergência entre as intervenções clínicas de Nise a fenomenologia: ao olhar para o sujeito e sua doença pelo modo como se apresentavam, suspendendo as teorias psiquiátricas, parece-me que ela demonstrava, intuitivamente, uma atitude fenomenológica, uma vez que, antes de olhar para o fenômeno com o auxílio de uma teoria, ela olhava para o fenômeno da maneira como ele aparecia, sem preconceitos.

Para fins de tratamento dos clientes, a suspensão dos juízos não foi a única abordagem diferenciada da médica alagoana. Ela também escreveu história quando percebeu que a expressão artística e a Interação Humano-Animal (IHA) poderiam ser elementos terapêuticos, remodelando, assim, o ato terapêutico, o que permitiu fundar as primeiras bases da luta antimanicomial e a reformulação do campo da saúde mental no Brasil (MELLO, 2014).

O empenho de Nise em compreender seus clientes a encaminhou para a possibilidade terapêutica da arte, na qual a psiquiatra via as manifestações do inconsciente ao qual aludiu a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, abordagem adotada por Nise em sua trajetória. Ela percebeu o potencial criativo dos clientes e se propôs a permitir a aparição deste universo de imagens, contando que tais atividades contribuiriam para sua compreensão dos sujeitos e seu tratamento e, conseqüentemente, para a melhora dos quadros esquizofrênicos (SILVEIRA, 2015).

De fato, muitos dados relevantes foram levantados com tal empreitada: muitos de seus pacientes demonstraram uma habilidade artística refinada, contrariando o discurso psiquiátrico da época que dizia que tais pacientes não possuíam capacidade criativa. Com as obras de arte feitas por estes, Nise fundou o Museu de Imagens do Inconsciente em 1952, atualmente nomeado Instituto Nise da Silveira (TOMELIN JR., 2016).

Contudo, a arte não foi o único fator responsável pelo sucesso das intervenções. Ela também contrariou o modelo psiquiátrico ao valorizar em primeiro lugar as relações afetivas.

Penso que, mesmo sem conhecer a fenomenologia husserliana, ela de modo metodologicamente semelhante a ela, e primeiro buscou acessar o fenômeno anteriormente a explicá-lo, suspendendo as teorias difundidas pela psiquiatria para compreender os fenômenos apresentados por seus clientes.

Este mesmo cuidado afetivo permitiu a Nise perceber o potencial terapêutico da presença dos animais junto aos clientes. Alguns animais apareciam no hospital e estabeleciam fortes vínculos com os clientes. Esta interação humano-animal contribuía significativamente para a melhoria dos quadros dos internos a tal ponto que Nise passou a chamar os animais de coterapeutas não humanos (SILVEIRA, 2015)<sup>1</sup>. Ela ilustra, por exemplo, o caso de Carlos Pertuis e sua relação com os cães Sertanejo e Caralampia, caso que será melhor detalhado em uma seção posterior.

Aquilo que se mostra surpreendente, porém, é que com tamanha relevância do trabalho de Nise da Silveira, por seu caráter questionador, inovador e exitoso – uma nova prática diferenciada desenvolvida por uma mulher médica e nordestina em finais da segunda metade do século XX –, poucas pessoas ainda conheçam a herança científica e prática deixada por ela.

O Museu de Imagens do Inconsciente segue de portas abertas com milhares de obras disponíveis para apreciação do público e estudo de pesquisadores (TOMELIN JR., 2016). Nise fez experiências no começo de suas intervenções, sem saber se as intervenções com arte, por exemplo, trariam algum benefício ao tratamento dos clientes. Porém, seu esforço sempre foi para que, além da melhora de seus pacientes, aquilo que fosse aprendido pudesse favorecer na construção da ciência. Deste modo, o labor dela também foi realizado para o propósito de desenvolvimento de pesquisas científicas (SILVEIRA, 2015).

Portanto, considerando a relevância de Nise da Silveira para a história da Psiquiatria e da Psicologia, a vanguarda de seus trabalhos e uma discussão ainda não aprofundada sobre os pontos em comum que a sua obra possui com a fenomenologia, proponho-me a investigar as intervenções clínicas de Nise por meio da expressão artística e da interação humano-animal, buscando suas contribuições para a clínica fenomenológica no mundo-da-vida contemporâneo.

Concebendo a clínica como um espaço de abertura ao outro, como ambiente de acolhimento e ressignificação de experiências, seja para a resolução de questões dolorosas ou autoconhecimento, não podem a interação afetiva, a expressão artística e as IHAs serem grandes

---

<sup>1</sup> As citações de Silveira correspondem a obras de autoria da própria Nise da Silveira. Optei por utilizar textualmente o primeiro nome da autora por pensar que este nos aproxima mais da mesma, caracterizando-a de modo afetivo, algo mais condizente com a sua própria abordagem.

aliadas do psicólogo no processo terapêutico? Podem elas facilitar a expressão daquilo que não pode ser dito por maneiras convencionais?

Diante do exposto até aqui, foi elaborada a questão norteadora desta dissertação, qual seja: de que modo as intervenções clínicas de Nise da Silveira através da expressão artística e da Interação Humano-Animal, no Hospital Pedro II – RJ, podem contribuir para a Psicologia Clínica Fenomenológica no mundo-da-vida contemporâneo?

As páginas seguintes servem à reflexão sobre pergunta, trazendo consigo capítulos que delineiam as essências do fenômeno das intervenções clínicas niseanas.

Após este primeiro capítulo de introdução, no segundo capítulo, apresentarei a biografia de Nise da Silveira, considerando que é fundamental conhecer – na medida do possível – uma pessoa para que se possa compreender melhor de que modo se dão suas ideias e ações. No terceiro capítulo, tematizarei o uso da expressão artística enquanto método interventivo, perpassando, para isto, pelas implicações e contribuições do pensamento cartesiano, pela história da arte no hospital psiquiátrico, pelo ateliê de Engenho de Dentro e as produções das mandalas e de obras abstratas.

No quarto capítulo, apresentarei alguns dos clientes de Nise que fizeram parte dos primeiros dias do ateliê: Fernando Diniz, Emygdio de Barros, Adelina Gomes e Carlos Pertuis. O conhecimento de suas histórias, um olhar sobre seus mundos, possibilitará aprofundar a compreensão da terapia desenvolvida no setor de terapêutica ocupacional de Engenho de Dentro.

O quinto capítulo abordará a discussão acerca do papel da Interação Humano-Animal nas intervenções clínicas de Nise. A sua observação do potencial terapêutico dos vínculos dos clientes com os animais e o trabalho, mesmo que enquanto um esboço, de tais intervenções foi umas das predecessoras das Intervenções Assistidas por Animais no Brasil e permanece enquanto um exemplo, ademais, de um modelo de tratamento ético.

O último capítulo terá três seções e debaterá sobre as intervenções clínicas de Nise da Silveira e a Clínica Fenomenológica. Assim, tratarei primeiro da analogia da peneira realizada por Nise a fim de ilustrar seu método, e traçarei a relação desta analogia com o conceito de munda-da-vida em Husserl. Este capítulo será encadeado, de acordo com sua pertinência, com a argumentação acerca do papel fundamental da intersubjetividade, vista a partir da fenomenologia de Husserl, bem como de que modo isto aparece na prática de Nise através, especialmente, da temática do afeto catalisador.

Por fim, a última seção do sexto capítulo, diante de tudo o que foi previamente discutido, culminará no debate acerca do modo como Nise atuou de acordo com uma

fenomenologia própria e os modos como suas contribuições para a ciência, especialmente a psicológica, poderiam afetar a Clínica Fenomenológica.

Uma vez discutida a temática do trabalho nos capítulos predecessores, exponho minhas considerações finais enquanto uma reflexão acerca da construção do conhecimento enquanto um processo indissociável da subjetividade de quem pesquisa e as transformações vivenciais oportunizadas por isto. Isto, apresentando muito bem na trajetória pessoal e profissional de Nise, bem como no olhar da fenomenologia, deixa contribuições e indagações acerca do modo como a psicologia clínica pode adotar a atitude niseana na interlocução com o cliente e no processo como um todo.

O método através do qual esta pesquisa será desenvolvida é o método fenomenológico de Edmund Husserl (2006, 1936/2012), sendo dividido em três momentos, os quais aqui serão apontados de modo didático, mas que podem acontecer em qualquer etapa da pesquisa: 1) a *epoché* – a suspensão de todo e qualquer juízo sobre o fenômeno; 2) a redução fenomenológica – a busca das essências do fenômeno; e 3) a redução transcendental – o estudo das vivências do ego transcendental e dos sentidos atribuídos aos fenômenos por parte do sujeito.

As obras de Nise da Silveira que utilizarei em minha análise fenomenológica são *Gatos, a emoção de lidar* (1998), *Cartas a Spinoza* (1995), *Imagens do Inconsciente* (2015), *O Mundo das Imagens* (1992/2001), o artigo *Retrospectiva de um trabalho vivido no Centro Psiquiátrico Pedro II no Rio de Janeiro* (2006), e o livro *Encontros – Nise da Silveira* (2009), este último uma pequena coletânea de entrevistas com Nise, organizado por Luís Carlos Mello.

Esta linha de estudo não me parece um caminho simples. Certamente, nenhuma pesquisa científica o é. Todavia, percebo que a formação em qualquer área do conhecimento exige do pesquisador, tanto quanto um compromisso intelectual, um compromisso pessoal. A trajetória empreendida por Nise da Silveira é capaz de demonstrar isto, e de incitar o diálogo na Antropologia, na Psiquiatria, na Arte, e, especialmente, na Psicologia.

À vista disto, esta dissertação se aventura por diversos campos do saber. A defesa de uma fenomenologia de Nise da Silveira demanda investigações dentro da Psiquiatria, da História, da Psicologia Jungiana, da Arte, da Interação Humano-Animal, da Ética e da própria Fenomenologia, enquanto abordagem cuja essência se alinha às intervenções niseanas. Este estudo é um convite à reflexão sobre a prática clínica, elucidando em essência que, o sujeito que se apresenta enquanto cliente é quem deve ser a referência a partir da qual o processo terapêutico deve ser conduzido e, por vezes, para que isto aconteça, e, como demonstra Nise, são necessários pequenos atos de transgressão.



## 2 NISE DA SILVEIRA

Em de 15 de fevereiro de 1905, nasceu em Maceió, Alagoas, Nise Magalhães da Silveira. Filha única, sua mãe se chamava Maria Lídia da Silveira e era pianista, e, seu pai, Faustino Magalhães da Silveira, o qual era professor de matemática e jornalista (LEAL, 1994; LIMA; SILVA, 2014). No filme *O Olhar de Nise* (2015), é possível conhecer um pouco de sua infância, um período que exerceu fortes influências sobre a pessoa que ela se tornaria.

Nise, em entrevista, relata que a casa dos Silveira era um ambiente rico de cultura e conhecimento. Seu pai e seu tio eram os fundadores de um jornal e, em casa, a menina era estimulada pela música que sua mãe tocava, pelos livros e poemas e pelo pai que, matemático, suscitou nela grande interesse pela geometria. E foi a geometria que a apresentou ao filósofo Baruch Spinoza, o qual posteriormente também teve importantes ressonâncias na atuação da médica (LEAL, 1994).

Na adolescência, Nise conheceu Machado de Assis, autor sobre o qual ela afirmou ter sido grande conhecedor da psique humana (OLHAR, 2015), e que, portanto, foi fundamental para o trabalho que ela desenvolveu futuramente. E foi nesta mesma fase de desenvolvimento que prestou vestibular para a Faculdade de Medicina da Bahia, aos 15 anos de idade.

Considero importante destacar que, frente ao cenário histórico da década de 1920, no qual as mulheres desfrutavam de pouca apreciação social e eram excluídas dos espaços intelectuais, políticos e culturais, sendo preparadas, sobretudo, para o matrimônio e para a maternidade, o ingresso de Nise na faculdade – e em um curso de alto prestígio – é algo notável. Em sua turma havia 157 alunos. Ela era a única mulher. E, ao final do curso, em 1926, se tornou a primeira médica alagoana.

Em 1927, pouco tempo após seu retorno para Maceió, o pai de Nise morreu e o impacto de tal acontecimento, somado ao fato de que, sem o pai e sem emprego – dado que a sua condição de mulher prejudicava suas oportunidades de trabalho – a levaram à decisão de mudar-se para o Rio de Janeiro (LIMA; SILVA, 2014).

Ela passou a residir no Hospital da Praia Vermelha, onde, em 1933, sob a orientação do neurologista Antônio Austragésilo, prestou o concurso para o cargo de psiquiatra daquela mesma instituição, e obteve sucesso (MAGALDI, 2018a). Ela relata a Mello (2009) que, enquanto estudava para o concurso, percebeu que o louco ia além dos livros. E, como modo de conhecer este louco, ao invés de primar pelo conhecimento teórico, percorria as enfermarias, percebendo logo que o contato direto com os pacientes poderia lhe ensinar mais do que os tratados psiquiátricos.

Mello (2009) menciona uma história ocorrida durante a estadia de Nise no hospital e que creio ser pertinente para expor algo que será significativo na obra dela – o afeto.

Havia no hospital uma esquizofrênica de nome Luiza que, por sua grande dissociação psíquica, pouco conseguia se comunicar verbalmente. Era seu encargo acordar Nise pelas manhãs e servir-lhe o café. Contudo, o envolvimento de Nise com o comunismo a levou a ser denunciada por uma enfermeira do hospital e, em 1936, durante a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, a médica foi presa.

Sete anos após sua saída da prisão, quando de seu retorno à psiquiatria no Hospital Nacional Pedro II, Nise ficou sabendo que Luiza, ao descobrir a denúncia feita pela enfermeira, surrou a denunciante. Logo, a atitude de Luiza não condizia com os tratados psiquiátricos, que afirmavam que o esquizofrênico era embotado afetivamente e não possuía conexão com a realidade. A atitude de Luiza demonstrou a importância do afeto na vida do ser humano, mesmo das pessoas aparentemente mais doentes psiquicamente. E, assim sendo, ajudou Nise a refletir sobre como as relações afetivas podem contribuir para o tratamento dos pacientes. Uma proposta muito diferenciada.

Na prisão, onde dividiu a cela com Olga Benário e estabeleceu amizade com o escritor Graciliano Ramos, Nise passou um ano e quatro meses. Ao sair, atormentada pela possibilidade de retornar à prisão, foi com o esposo, Mário Magalhães, passar alguns anos no Norte e no Nordeste (OLIVEIRA, 2012; LIMA; SILVA, 2014) e utilizou este período de oito anos para se aprofundar em seus estudos. Ao mesmo tempo, seu esposo empreendeu intenso esforço para que ela não fosse presa novamente, algo sobre o qual ela só foi tomar conhecimento décadas depois, quando ele já havia falecido (OLHAR, 2015).

O retorno dela ao Rio de Janeiro se deu em 1944 e ela voltou ao seu posto como psiquiatra, porém, no Hospital Psiquiátrico Pedro II, no bairro Engenho de Dentro. Este regresso a pôs a par das novas técnicas de tratamento da ciência moderna: o coma insulínico, a lobotomia e o eletrochoque. E, mais uma vez, ela discordou do conhecimento psiquiátrico (MELLO, 2009, 2014; OLIVEIRA, 2009; LIMA; SILVA, 2014).

Nova cena de confronto com os métodos estabelecidos: seu colega psiquiatra explica-lhe o uso do aparelho de eletroconvulsoterapia. Prepara o doente, mas, solicitada, ela se recusou a apertar o botão. Mais uma vez sua saudável rebeldia se manifestava. Inadaptada a esses novos tratamentos, procurou outro caminho para tratar os doentes – a terapia ocupacional (MELLO, 2009, p. 11).

Nise reporta – “meu trabalho não se inspirou na psiquiatria atualmente predominante, caracterizada pela escassa atenção que concede aos fenômenos intrapsíquicos

em curso durante a psicose” (SILVEIRA, 2015, p. 13). Aqui se iniciam as intervenções clínicas que são objeto de estudo deste projeto de pesquisa.

Como Nise, que aparece na Figura 1, se negava a aderir às novas técnicas, parecia não haver lugar para ela no hospital. Foi então que foi encaminhada para o negligenciado setor de Terapia Ocupacional, no qual os pacientes realizavam tarefas de economia doméstica (como varrer o chão, costura, etc.), que apresentavam poucos benefícios para sua saúde (CASTRO; LIMA, 2007; OLIVEIRA, 2012).

Figura 1 – Nise da Silveira nos anos 40



Fonte: Nise..., 2014.

Uma revolução foi efetuada neste setor. Em busca de novos modos de tratar os clientes, ela encontrou na expressão artística (LIMA; SILVA, 2014) uma possibilidade promissora e, eventualmente, como coloca Mello (2009, 2014), o setor chegou a possuir dezessete oficinas diferentes, tais como oficina de costura, de teatro, de música, dentre outras. Porém, a mais proeminente e que apresentou grande interesse científico para Nise foi a oficina de pintura e modelagem (SILVEIRA, 2015).

Lima e Pelbart (2007) apontam que, no Brasil, até então, somente Osório César havia atribuído importância à expressão artística de esquizofrênicos como possibilidade de tratamento. E Nise veio futuramente corroborar com tais pensamentos, porém, aprofundando-se ainda mais no tema.

Em parceria com o artista e monitor do hospital, Almir Mavignier, Nise montou o ateliê de pintura e modelagem. Seria este ateliê que revelaria, internacionalmente, as potências criativas possíveis ao esquizofrênico, com pacientes como Fernando Diniz, Adelina Gomes,

Emygdio de Barros, Raphael Domingues, Carlos Pertuis e Lúcio Noeman (MELLO, 2009, 2014; SILVEIRA, 2015).

Acreditando que as obras produzidas pelos pacientes possibilitavam revelar seu mundo intrapsíquico, Nise passou a buscar em seus estudos uma teoria que pudesse auxiliá-la em tal compreensão. Encontrou uma resposta na Psicologia Analítica de Carl Jung e, após enviar-lhe uma carta e receber uma resposta entusiasmada e interessada de Jung sobre seu trabalho, engajou-se nos estudos desta teoria e chegou a apresentar, em 1957 e a convite do próprio Jung, as obras de seus pacientes, no II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique (OLHAR, 2015; SILVEIRA, 2015).

Em 1952, ela fundou o Museu de Imagens do Inconsciente, “com o objetivo de torná-lo um centro de estudos e pesquisas para a compreensão do processo psicótico” (MELLO, 2009, p. 13). Atualmente, o museu se chama Instituto Municipal Nise da Silveira. E, além do museu, ela também fundou, em 1956, a Casa das Palmeiras, uma iniciativa pioneira de um ambiente psiquiátrico no qual os pacientes não estavam internados, um predecessor da proposta dos Centros de Atendimento Psicossocial (CAPS).

Paralelamente à expressão artística, outro elemento também adquiriu relevância nas intervenções de Nise: a parceria com os animais. Ela relata que percebeu que alguns pacientes desenvolviam uma relação com animais que apareciam no hospital, em geral cães, e observou que o afeto de tal relação beneficiava a saúde psíquica do paciente. Diante disto, ela passou a chamar os animais de coterapeutas e, novamente, exerceu uma prática distinta e se tornou a primeira profissional no Brasil a integrar os animais à terapia (SILVEIRA, 1998, 2015).

Ela mesma possuía em sua casa diversos gatos, o que a levou a escrever o livro *Gatos, a emoção de lidar* (1998).

O trabalho de Nise adquiriu grande prestígio. Mesmo diante de diversas dificuldades pelas quais passou para oferecer aos seus pacientes tratamento digno e respeitoso, ela não hesitou em tentar superá-las e obteve devido reconhecimento por isto. Contudo, é importante salientar que, como afirma Nise, os artistas foram mais atentos às intervenções realizadas no ateliê do que os psiquiatras (SILVEIRA, 2015), revelando que o próprio campo da ciência constituída falhava em dar crédito ao método de Nise, apesar de seus bons resultados.

Nise foi aposentada compulsoriamente aos 70 anos, em 1975, porém continuou empreendendo esforços para a continuidade do trabalho que iniciara, ainda participando das atividades do museu e conduzindo as reuniões do Grupo de Estudos C. G. Jung, fundado por ela. E, em 30 de outubro de 1999, ela faleceu, deixando para a ciência brasileira um legado revolucionário.

### 3 A EXPRESSÃO ARTÍSTICA NO HOSPITAL PEDRO II

O uso da expressão artística no Hospital Pedro II, de Engenho de Dentro, foi uma das primeiras iniciativas deste tipo no Brasil. Iniciativa, esta, nascida da visão que Nise da Silveira tinha de uma psiquiatria humanizada, que se dispusesse a tentar entender o cliente em contato com ele, antes de recorrer à impessoalidade e generalidade da teoria.

Porém, não é possível entender o que isto de fato significa, sem antes conhecer a história que levou ao cenário com o qual Nise se deparou em seus dias. Portanto, dou início ao breve desenvolvimento da temática, que começa onde toda a ciência moderna começou: com René Descartes.

#### 3.1 A Psiquiatria e a herança de Descartes: implicações e contribuições

Segundo o dicionário, a psiquiatria é um substantivo feminino que caracteriza uma “parte da medicina que se ocupa das doenças mentais” (BUENO, 2007, p. 634). Enquanto especialidade médica, a psiquiatria foi a primeira a surgir e, apesar de ser uma prestigiada ciência atualmente, esta área de conhecimento é ainda relativamente jovem. Como registram Foucault (2014) e Serpa Jr. (2004), o surgimento da Psiquiatria se deu no século XIX, tendo sido diretamente acompanhada pela difusão dos hospitais psiquiátricos como lugar de destino daqueles denominados “loucos”.

A emergência dos hospitais psiquiátricos levou ao rápido desaparecimento dos doentes mentais (e suas estranhas ideias e comportamentos) das comunidades (MCGREGOR, 1992) e, tal qual salienta Magaldi (2018b), foi um momento marcado pela preocupação moral, eugênica e fiscalista. Neste sentido, Serpa Jr. (2004) aponta que o tratamento mental era visto como tratamento moral, o qual compreendia determinadas normas morais sobre como o sujeito deveria se comportar e pensar para ser caracterizado como apropriado ao convívio social, ou, melhor dizendo, para ser caracterizado como normal.

Assim, no início do século XX, em alinhamento com o que ocorria na Alemanha nazista e em países como Argentina e México, havia uma hegemonia dos ideais eugênicos e higienistas, postos a fim de estabelecer uma “espécie de processo civilizador” (COSTA, 2007; MAGALDI, 2018a, p. 152). Neste cenário, os “degenerados” não eram representados somente pelos chamados doentes mentais, mas também pelos criminosos e miseráveis, bem como por outras pessoas que pareciam caminhar na contramão dos preceitos morais vigentes.

As considerações de Serpa Jr. (2004) são pertinentes nesta discussão. O autor discorre sobre como, enquanto a Psiquiatria se ocupava da mente, as outras especialidades da medicina que foram se constituindo ocupavam-se do corpo e, assim, aquela se viu diante de um impasse teórico-metodológico. O autor Serpa Jr. questiona: “como conciliar mente e corpo? [...] Como conciliar a dimensão irreduzivelmente subjetiva do adoecimento mental com a objetividade impessoal do funcionamento orgânico?” (SERPA JR, 2004, p. 112).

Tendo a Psiquiatria construído seu saber científico, no século XIX e início do XX, a Psiquiatria construiu seu saber científico apoiado sobre a concepção anatomo-causal, baseada no dualismo cartesiano, este impasse não foi ainda resolvido. Sua concepção fundamentava-se, segundo Serpa Jr., em procedimentos experimentais que buscavam isolar relações de causalidade que “invocam características externas dos eventos e obedecem a uma regularidade e generalidade passíveis de serem formuladas sobre a forma de lei” (SERPA JR., 2004, p. 114), o que garantiria ao psiquiatra objetividade e poder de predição e intervenção sobre a doença. Nesta perspectiva, o cérebro era considerado o órgão que determinava o funcionamento do ser humano.

Portanto, os tratamentos desenvolvidos tinham como objeto de intervenção o cérebro; como afirma Magaldi (2018a), a década de 30 foi especialmente marcada quanto ao advento de novas intervenções psiquiátricas, como o eletrochoque, a lobotomia e a insulino-terapia. Deste modo, ao retornar para o Hospital Pedro II depois do afastamento, e deparar-se com estas práticas de intervenção, Nise iniciou seu movimento de resistência ao modelo psiquiátrico em voga.

Mello (2009) relata um episódio importante para a história de resistência de Nise à psiquiatria tradicional: aprendendo sobre os novos métodos de tratamento em seu período de retorno ao serviço público, um colega psiquiatra demonstrou a ela como funcionava o aparelho de eletroconvulsoterapia. Logo em seguida, o colega solicitou a ela que tentasse aplicar o choque, mas ela, chocada com a violência do método, recusou-se a fazê-lo. Neste ponto, percebendo-se incapaz de aderir a tais intervenções, Nise pediu ao diretor do hospital, Paulo Elejalde, que a direcionasse para outras atividades.

Ele lhe ofereceu, então, uma pequena verba para cuidar do Setor de Terapia Ocupacional, o qual, naquela época era utilizado para fins de distração dos pacientes e de execução de atividades de economia doméstica pelos mesmos (SILVEIRA apud LEAL, 1994; OLHAR, 2015).

Nise diz que se desencantava com a psiquiatria por conta de sua grande marca do cartesianismo (SILVEIRA apud LEAL, 1994). Penso ser este o primeiro ponto de convergência entre o pensamento de Nise e a fenomenologia husserliana.

O pensamento de René Descartes representa um marco para o desenvolvimento da ciência. Tal qual Husserl, Descartes buscava um fundamento científico rigoroso. E, segundo Husserl (1931/2001a), a importância de seu pensamento pode ser estudada a partir da construção de seu método, uma reflexão sobre os procedimentos para o pensamento filosófico, algo inaugural na filosofia até então.

Ao instituir a dúvida metódica, duvidando de tudo com que se depara, o raciocínio cartesiano se encaminha para aquilo que é absolutamente indubitável (DESCARTES, 1641/2016) e, ao alcançar o ponto de destino, encontra-se com o que pode ser ilustrado por sua famosa máxima: *cogito, ergo sum*. Esta pequena frase possuiu grande impacto, pois atestou a base sobre a qual o método filosófico pode repousar – a existência do sujeito, do *ego cogito*. Com Descartes, como afirma Husserl (1931/2001a), a filosofia sofre uma mudança radical de estilo ao passar radicalmente do objetivismo ingênuo para subjetivismo transcendental. E a influência de tal pensamento é um dos germes da fenomenologia.

Em Husserl (1931/2001a), uma de suas críticas a Descartes reside em não ter ido além quando da descoberta do *ego cogito*. Este, ao contrário, entremeia-se por outra via que vem, futuramente, a se confrontar com o pensamento husserliano. Husserl indica que Descartes não explorou o campo da experiência transcendental. De fato, a guinada racionalista de Descartes define a ciência e, especialmente, a Psicologia adiante, ao estabelecer, tal qual Platão, uma dualidade: corpo/mente.

Esta dialética, muito influente para toda a ciência moderna, estabelece a separação do eu e do mundo, algo que provavelmente reflete a admiração de Descartes pela geometria como uma ciência ideal (HUSSERL, 1931/2001a). Ao não se contentar em olhar apenas para aquilo que lhe é dado e supor poder alcançar os conjuntos de idealidades matemáticas (e, portanto, universais), ele fecha o sujeito em si mesmo. Em vista disso, foi ao matematizar seu pensamento que Descartes se afastou de uma filosofia transcendental. A posição que ele adota de um sujeito é a de um sujeito psicofísico que pode ser explicado por meio de estruturas psicológicas. Porém, para a fenomenologia, a dualidade sujeito/objeto não permitiria ao cientista conhecer a essência do objeto e, portanto, só poderia conduzir a um conhecimento superficial.

Descartes (1637/2001) sustenta que o corpo humano não seria mais do que uma máquina desenvolvida de modo sofisticado e que a razão, assim, independente do corpo, estaria

acima do mesmo. Nise alega que é a partir deste pensamento que se constitui o modelo médico, um modelo no qual as doenças se originariam de disfunções nos órgãos do corpo-máquina. E, uma vez que se adentrou no século XX, a medicina passou a se apropriar do fenômeno que se dava quando a razão parecia se esvaír: a loucura (SILVEIRA, 1992/2001). Então, na tentativa de conhecer a loucura, a razão passou a ser vista como um resultado do funcionamento cerebral saudável, cabendo, assim, ao estudo do cérebro, o caminho para a resolução de qualquer uma das disfunções psicológicas.

Os métodos como a lobotomia e a eletroconvulsoterapia, deste modo, não seriam nada mais do que a manipulação do corpo-máquina para que este funcionasse “normalmente”. E, por mais que ao apontar a mente como dependente do cérebro pareça que a medicina supera o dualismo mente/corpo (SILVEIRA, 1995), este corpo continua a ser visto como uma máquina, um objeto, e, como tal, seria manipulável, mais um objeto dentre os vários existentes no mundo.

Não penso que caiba neste texto criticar o pensamento cartesiano em si. Pelo contrário, não é sem mérito que Descartes é um dos maiores pensadores da história, dado que foi o primeiro a colocar a questão da necessidade do método científico para o conhecimento e empreender esforços para a sua elaboração baseada em proposições racionais. Ele serviu ao seu tempo e representou um grande avanço na construção da ciência moderna, permitindo ao conhecimento sair das sombras da religião. Sua filosofia trabalhou com aquilo que estava disponível em sua época, e não é preciso elaborar muito esta questão para que se torne claro que a ciência avança de acordo com o esclarecimento dos humanos de cada tempo.

A discussão que instituo neste capítulo, na verdade, trata do modo como o pensamento cartesiano foi assimilado pelas áreas do conhecimento, dentre elas a prestigiada Psiquiatria, que, de acordo com Serpa Jr. (2004), não tem dentre seus profissionais o hábito de refletir sobre os fundamentos desta ciência, os quais adotam apropriações superficiais de dados científicos e de soluções práticas, levando-os a uma posição monista e os faz tomar um ponto de partida para diversas soluções por um ponto de chegada com uma solução única.

A consequência direta desta restrição no olhar do profissional é que o paciente passa a ser visto como um objeto, sendo ignorado em sua condição de sujeito.

Assim, Nise questiona a psiquiatria de base cartesiana e seus resultados. Segundo ela, os tratamentos adotados, incluso os psicofármacos na década de 50, eram agressivos – exatamente por desconsiderarem a subjetividade do paciente – e não possuíam eficácia incontestável (SILVEIRA, 1992/2001). Em suas observações, ela não percebe a cura dos pacientes e, muitos dos que eram dados como curados pelos tratamentos tradicionais, acabavam reincidindo na internação.



A crítica que Nise faz ao cartesianismo e suas influências na medicina, bem como as suas consequências agressivas e traumáticas, é apontada por Magaldi (2018a) como uma denúncia. Uma chamada aos seus pares médicos e à sociedade para o reconhecimento do sofrimento nos pacientes psiquiátricos e a mudança do modelo vigente que desconsidera a humanidade no outro por uma abordagem que o reconhece como semelhante e, assim, digno de um tratamento respeitoso. É com este sentido que Nise escreve *Cartas à Spinoza* (SILVEIRA, 1995), pois nele, segundo Magaldi (2018a), ela encontrou um modelo ético que a guiou por toda sua trajetória.

Assim, recusando-se a aderir à tradição de sua profissão, Nise se encaminhou para o Setor de Terapia Ocupacional (STOR) e é lá onde realizou suas intervenções através da expressão artística e da Interação Humano-Animal, sempre se referindo àqueles sob seus cuidados como pares e adotando a ética que ajudou a revelar suas intervenções clínicas como marcos da história da Psiquiatria no Brasil.

No STOR, Nise iniciou o trabalho com a expressão artística tendo como aliado Almir Mavignier, jovem artista que trabalhava no hospital, e, não sem dificuldades ela conseguiu realizar esse empreendimento de sucesso. A produção dos ateliês e sua eficácia na melhora dos pacientes se tornaram fato constatado e alcançaram reconhecimento internacional. Para delinear melhor esta temática, parto então ao estudo da expressão artística na Psiquiatria e, em seguida, no modo de atuação de Nise.

### **3.2 Breve história da Arte no Hospital Psiquiátrico**

Foucault (2014, p. 120) relata que, em Bagdá, por volta do século XII, e no Cairo, no século XIII, em hospitais destinados aos chamados loucos, praticava-se “uma espécie de cura da alma na qual intervêm a música, a dança, os espetáculos e a audição de narrativas fabulosas”. O autor sugere que a criação dos primeiros hospitais de insanos na Europa, na Espanha, tenha se dado por influência do mundo árabe.

Novos registros sobre a arte em relação aos “loucos” só reapareceram séculos depois. Com o advento do Renascimento, Lima e Pelbart (2007) fazem referência ao silenciamento do “louco”, um isolamento, que, de acordo com Foucault (2014) perdurou por séculos. Assim, com o advento da medicina enquanto ciência moderna no século XIX, houve uma organização das práticas relativas à loucura, sendo assim, deste mesmo período, as primeiras referências de médicos às obras artísticas criadas por internos (MCGREGOR, 1992).

Entretanto, os primeiros registros acerca da arte dos “loucos” datam do século XVIII e foram de um artista inglês de nome William Hogarth (MCGREGOR, 1992). O autor elucida que os primeiros a prestar atenção ao fenômeno da “arte dos loucos” foram os artistas oitocentistas, bem como foram eles os maiores responsáveis por dar visibilidade a este fenômeno.

Previamente ao movimento impressionista, McGregor (1992) e Karaim (2016) afirmam ainda que foi o Romantismo um dos grandes responsáveis pelo interesse pela “arte dos loucos”. Isto porque, para esses artistas românticos, a “arte dos loucos” era um contraponto aos valores puritanos em voga e traziam à vista um conjunto sem número de emoções e caos que pareciam pôr o sujeito de frente para si mesmo. Karaim (2016) afirma que, enquanto os psiquiatras buscavam devolver os loucos à razão, os românticos celebravam a irracionalidade. O autor entende que os românticos foram os primeiros a compreender o louco como um outro análogo a si e explorar essas possibilidades recém-encontradas. Dentro da Psiquiatria, contudo, a descoberta desta arte foi um processo frustrante e lento.

De acordo com Marcantano (2010), Philippe Pinel foi o psiquiatra que assumiu em sua prática uma preocupação com o tratamento humanizado dos pacientes, o qual consistia em promover a cura através do reconhecimento do sofrimento e humanidade dos pacientes e do incentivo à sua liberdade.

Marcantano (2010) e Pelletier e Davidson (2015) relatam um famoso episódio em que Pinel libertou os pacientes das correntes que os prendiam no hospital no qual ele trabalhava. É McGregor (1992), contudo, quem destaca a contribuição de Pinel no uso da arte como participante do tratamento dos pacientes. Segundo este autor, Pinel foi o primeiro psiquiatra de que se tem registro que, no século XVIII, observou a expressão artística de alguns pacientes e chegou a utilizá-la como facilitadora no tratamento de alguns. Para ele, contudo, o uso de tais expressões estava restrito somente aos pacientes que já possuíam a pintura ou desenho como componente de sua história de vida ou ofício.

Os próximos relatos sobre a arte no ambiente psiquiátrico apareceram no século XIX com L. Frigerio, em 1880, o qual buscou estudar a ampla produção artística dos internos do Asilo de São Benedito, onde trabalhava, e sua relação com a doença dos mesmos. Em seguida, veio o trabalho de Cesare Lombroso, o qual escreveu a obra *L'uomo de Genio*, na qual defende o potencial das obras artísticas para reconhecer patologias mentais. Ele reuniu uma grande coleção de obras dos pacientes (MCGREGOR, 1992).

Outro exemplo de observação da arte de pacientes psiquiátricos pode ser visto em Hans Prizhorn e Karl Jaspers no século XX, como destaca Silveira (2015). Ambos,

influenciados pelo expressionismo alemão, o que é mais um elemento a afirmar que o campo artístico foi um dos grandes responsáveis pelo reconhecimento da arte feita por pacientes psiquiátricos. O fato de Prizhorn ter estudado história da arte, antes de estudar Psiquiatria, como coloca Gramary (2005), teve um papel importante no interesse que o psiquiatra tomou pela arte de seus pacientes. Ele organizou uma coleção de obras de arte na Clínica de Heidelberg, a qual chegou a contar com 5 mil obras, e relatou o estudo das mesmas no livro *Bildnerie der Geisteskranken*, de 1922 (FREITAS; AMARANTE, 2018).

Após ter acesso ao livro de Prizhorn, Jean Dubuffet interessou-se pelas produções artísticas dos pacientes psiquiátricos e, após a Segunda Guerra Mundial, criou a Companhia da Arte Bruta. A este movimento denominado *Art Brut*, Dubuffet acresceu também a arte de presidiários e pessoas consideradas marginais à sociedade (SILVEIRA, 2015). Como escreve Gramary (2005), este movimento deve ser compreendido dentro de um contexto da arte contemporânea em que havia um questionamento da tradição cultural, um questionamento da arte clássica e elucidação das fontes espontâneas de criação do ser humano, o que conduziu também à valorização da arte infantil e de povos tribais.

No Brasil, Osório César foi o primeiro psiquiatra a estudar a arte produzida por pacientes psiquiátricos. Atuando no Hospital de Juquery (São Paulo), na década de 20, ao perceber trabalhos artísticos elaborados por internos, e enxergar neles valor terapêutico, o psiquiatra criou uma sessão de artes plásticas no hospital, a qual mais tarde se tornaria a Escola Livre de Artes Plásticas do Juquery.

A história de Nise se inicia após Osório César e, tendo chegado a ela, procedo agora ao estudo das intervenções de Nise da Silveira no ateliê do Hospital Pedro II.

### **3.3 O ateliê: a arte como elemento terapêutico**

Como já mencionado, Nise recusou-se a utilizar os métodos psiquiátricos que gozavam de prestígio na década de 40, tendo se encaminhado para o Setor de Terapêutica Ocupacional (STOR) do Hospital Pedro II, esperando que, neste, pudesse contribuir para o tratamento dos clientes<sup>2</sup> sem aderir a técnicas violentas e incompreensivas.

O STOR não gozava de qualquer notoriedade dentro da instituição, o que é sintomático de um desprestígio amplo da Terapêutica Ocupacional (TO), como expressa Nise

---

<sup>2</sup> Entrando agora na seção que aborda efetivamente as intervenções de Nise, troco o termo “paciente” pelo termo “cliente”, alinhando-me à compreensão de Nise de que os chamados “pacientes” não eram seres passivos, mas aqueles os quais ela estava à serviço e que deveriam ser respeitados enquanto sujeitos.

(SILVEIRA, 2006). Conforme a autora, a TO é desvalorizada por nossa cultura, a qual se encontra seduzida pela linguagem verbal e pelo pensamento racional. A TO não era vista como um método terapêutico, mas como uma área ignorada cuja única finalidade parecia ser somente distrair os pacientes ou fazê-los colaborar com a economia hospitalar.

Nise então pôs-se a estudar a TO, a fim de buscar uma base para estruturar seu trabalho no setor. De início, ela tentou compreender como a TO poderia ser entendida a partir de diferentes pontos de vista da psiquiatria, estudando Kraepelin, Bleuler, Simon, Sivadon, Freud, etc. Segundo ela, seu objetivo era que o STOR fosse um campo de pesquisa no qual as diferentes visões científicas se encontrassem e fossem postas à prova. O empreendimento falhou, entretanto, por ter sido seu plano demasiado ambicioso, ao tentar legitimar a TO como método terapêutico em um ambiente marcado por preconceitos à área (SILVEIRA, 2015).

De qualquer modo, compreendo que a essência do trabalho de Nise com a TO consistia na pretensão dela de que, como ela afirma em entrevista à Leal (1994), o cliente adquirisse conhecimento através da matéria. Ela reporta um episódio que a fez perceber que estava no caminho certo: uma cliente a ofereceu um coração de madeira que tinha no centro um livro aberto, e disse à psiquiatra que o livro, a ciência, era muito importante, porém, não valia de nada se se desprendesse do coração. Uma crítica contundente ao cientificismo objetivista da medicina.

A importância da TO se caracterizaria por ela possibilitar a expressão das vivências daqueles que não poderiam se expressar verbalmente. Para Nise, os esquizofrênicos encontram-se mergulhados no inconsciente, um mundo arcaico de pensamento, emoções e impulsos, os quais o pensamento racional e o verbal não conseguem alcançar. Deste modo, faz-se necessário encontrar outras formas através das quais essas pessoas possam expressar o que acontece com elas (SILVEIRA, 2006).

Assim, o primeiro ateliê, de pintura e modelagem, foi inaugurado em 1946. Posteriormente, foram implementadas dezessete oficinas, como a de música, de modelagem, encadernação, marcenaria, etc. Nise cita que, além de possuírem valor terapêutico, quando bem orientadas, qualquer uma dessas oficinas poderia fornecer dados para pesquisas em psicopatologia. Porém, o ambiente hospitalar não fornecia condições para a continuidade desses ambientes (SILVEIRA, 2006), dado que diversas vezes o progresso conquistado no ambiente dos ateliês era perdido fora deles, devido às divergências dos tratamentos oferecidos nos ambientes diversos frequentados pelos clientes (SILVEIRA apud MELLO, 2014).

Deste modo, Silveira (1992/2001) informa que, ao longo do tempo, somente o ateliê de pintura e modelagem conseguiu se manter, por permitir este mais fácil acesso ao mundo do interno, e, para os fins deste texto, é nele que me deterei.

Almir Mavignier (1925-2018), atualmente um grande nome da arte brasileira, estudava pintura e trabalhava no Hospital Psiquiátrico Pedro II na década de 1940, e foi um dos grandes responsáveis pelo início das intervenções na oficina de pintura e modelagem inaugurada por ele e por Nise (SILVEIRA, 2015).

Ele relata que, nem ele, nem Nise, sabiam como identificar pacientes que pudessem participar do ateliê de pintura e modelagem. Por se tratar de uma intervenção ainda em nascimento, não havia qualquer modelo que os poderia auxiliar nesta tarefa. Então, ele saía pelo hospital, perguntando aos demais funcionários se tinham conhecimento de algum paciente que pintava ou desenhava, ou procurando algum interno com “cara de artista” (OLHAR, 2015).

Tal qual aponta Silva (2006), o critério de Mavignier era intuitivo e, em sua busca, o artista teria realizado uma verdadeira “arqueologia humana”, buscando dentre o amontoado de mais de mil internos dentre os vários setores do centro psiquiátrico, aqueles que possuíssem “cara de artista”. Deste modo, foram surgindo os primeiros ocupantes do espaço do ateliê, dentre os quais estavam Adelina Gomes, Fernando Diniz, Carlos Pertuis e Raphael Domingues.

Nesse espaço, Nise relata ter adotado o método da livre expressão (LEAL, 1994; SILVEIRA, 2015). Os clientes eram acompanhados por monitores que não interferiam na criação e cujo propósito, nas palavras de Lima, Nogueira e Pereira (2016, p. 213) era estar ali à disposição, “compartilhando a experiência e descobrindo conjuntamente o encanto do material disponível”. A Figura 2 é um exemplo dos frutos de tal modo de intervir. Desenvolvia-se entre o monitor e o cliente um relacionamento baseado no respeito e no afeto, peça fundamental para as intervenções clínicas realizadas por Nise e que discutirei posteriormente.

Figura 2 – Obra de Adelina Gomes (1953)



Fonte: Nise..., 2014.

Tanto Nise quanto Almir se espantavam diante das produções criadas pelos pacientes. Ela afirma que, mesmo não tendo pintado antes da doença, muitos destes que frequentavam o ateliê apresentavam “intensa exaltação da criatividade imaginária” (SILVEIRA, 2015, p. 15), resultando em grande quantidade de produção de obras, dentre as quais muitas possuíam alta qualidade. E isto a surpreendia especialmente porque, fora do ateliê, eles não apresentavam uma atividade tão enérgica.

Para Merleau-Ponty (2012), a obra de arte representa a relação fundamental do artista com o mundo. A obra seria, então, a transformação dos dados abrigados nesta relação, através da expressão. Deste modo, tudo aquilo que foi dado ao pintor viver se organizar no ato de pintar e a obra se torna, assim, não o efeito de tais dados, mas, sim, uma resposta a eles.

Nise desconsiderava os aspectos estéticos das obras. Para ela, as obras artísticas dos clientes possuíam dois propósitos, quais sejam: o estudo da esquizofrenia manifesta em cada caso particular, através do estudo das obras em série; e o potencial terapêutico da atividade artística (SILVEIRA, 2015; MAGALDI, 2018a). Desse mesmo modo, Merleau-Ponty (2012) se encaminha neste sentido ao afirmar que a expressão através da obra constitui, também, um esvaziamento do impacto do mundo sobre o pintor. Expressando-se, o pintor ressignifica sua existência.

Diante desta janela que se abria para que os pacientes pudessem expressar aquilo que não conseguiam expressar verbalmente, Nise encontrou na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung o aporte teórico que, para ela, melhor se adequou ao seu campo de estudo (MELO, 2001).

Na Psicologia Analítica, a esquizofrenia é caracterizada pelo afogamento do consciente a partir da erupção do inconsciente – a invasão do consciente pelo inconsciente – resultante de pressões internas e/ou externas. Por conta disto, ocorreria a fragmentação do ego. É interessante citar, a respeito desta “invasão”, aquilo que Fernando Diniz disse à Nise: “Mudei para o mundo das imagens [...]. As imagens tomam a alma da pessoa” (SILVEIRA, 2015, p. 15).

Em Nise, portanto, essa era a linguagem que o psiquiatra deveria aprender a conhecer para comunicar-se com o esquizofrênico. Ela compreende que pintar seria defender-se contra a inundação dos conteúdos do inconsciente, seria agir. Deste modo, o ateliê seria caracterizado como uma oportunidade para que as imagens do inconsciente pudessem surgir. As obras seriam como uma linguagem simbólica que ajudava os pacientes a elaborarem o conteúdo psíquico difuso e a reintegrar a psique (SILVEIRA, 2015; LIMA; PELBART, 2007).

Antes de prosseguir abordando a linguagem simbólica, porém, é necessário que eu trate brevemente dos conceitos que estão por trás desta temática, para que possamos compreender melhor o entendimento de Nise.

De acordo com Jung (2000), existe em todo ser humano uma estrutura psíquica básica denominada inconsciente coletivo. Este inconsciente compreende elementos estruturantes que remontam ao ser humano primitivo e que são repassados de geração em geração, tais quais os genes. Deste modo, enquanto o inconsciente coletivo representa uma raiz psíquica do compartilhamento de cada sujeito da espécie humana, em constante interação com ele se apresenta o inconsciente individual, concernente aos conteúdos pessoais de cada um, e a consciência.

Os elementos do inconsciente coletivo foram chamados por Jung (2000) de “imagens primordiais”, ou, como é mais comum de encontrar na literatura, “arquetípos”. Sant’anna (2001) compara-os aos órgãos biológicos, como o coração e os rins, os quais exercem funções específicas para o funcionamento do corpo, asseverando que os arquetípos são como órgãos da psique, regulando a sua dinâmica.

Jung (2002) afirma que os ensinamentos tribais primitivos são expressões arquetípicas, porém, não se pode dizer que são os arquetípos em si, pois já foram elaborados pela consciência. Tal qual esses ensinamentos, os mitos e contos de fadas são também expressões dos arquetípos, porém não são idênticos a eles, uma vez que são repassados historicamente e sofreram as influências dos julgamentos e avaliações da consciência. Deste modo, o arquetípo em si é diferente da imagem arquetípica dele derivada. Assim, somente pela imagem arquetípica podemos ter notícia do arquetípo, mas, jamais, apreendê-lo em si.

Segundo Sant’anna (2001), quando um arquetípo sofre uma atualização, se apresenta no espaço-tempo e pode ser percebido por uma consciência, trata-se de um símbolo. Nas palavras de Jung (1964/2008, p. 18), o símbolo é “um termo, um nome ou [...] uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional”. Ele seria algo impreciso ou oculto para o sujeito racional e que não poderia ser circunscrito por palavras. Em Jung, a mitologia adquire aspecto central por ser um conjunto simbólico que constitui a estrutura do inconsciente dos seres humanos.

Para Nise, o elemento mítico poderia ser percebido na produção artística dos clientes. Porém, um aspecto em específico apreendeu sua atenção em torno do tema imagético e foi a respeito deste que ela escreveu uma carta a Jung em 1954, pedindo-lhe que a esclarecesse acerca de um padrão que parecia se repetir nas obras, o padrão circular, e questionando se se tratavam de mandalas. A resposta de Jung chegou em um mês; na mesma, ele confirmava a

Nise que se tratava, de fato, de mandalas, e fazia a ela questionamentos acerca das mesmas e seus criadores (MELLO, 2014; SILVEIRA, 2015). Portanto, a seção seguinte é dedicada à apresentação das mandalas e sua importância nas intervenções de Nise.

### 3.4 As mandalas: o sujeito e a forma perfeita

Não importa se o símbolo do círculo está presente na adoração primitiva do sol ou na religião moderna, em mitos ou em sonhos, nas mandalas desenhadas pelos monges do Tibete, nos planejamentos das cidades ou nos conceitos de esfera dos primeiros astrônomos, ele indica sempre o mais importante aspecto da vida — sua extrema e integral totalização (JAFFÉ, 1964/2008, p. 240).

As mandalas possuíram grande importância no método de Nise não só porque foram as responsáveis pelo contato estabelecido com Jung, mas porque, de fato, foram elementos centrais no processo de compreensão dos seus clientes. Ela percebeu que, nas produções artísticas deles, surgia nas imagens uma constante tendência ao agrupamento e à simetria, bem como com a disposição de elementos em torno de um centro, como pode ser visto na Figura 3. Contudo, se havia um entendimento dominante na medicina de que os esquizofrênicos se encontravam com seu psiquismo fragmentado, como poderia ser que conseguissem produzir imagens que remetiam a uma ordem ou a uma tendência da mesma? (SILVEIRA, 2015).

Figura 3 – Obra de Carlos Pertuis (1958)



Fonte: SILVEIRA (2015)

Estas imagens intrigaram a psiquiatra e ela descreve ter encontrado grandes dificuldades para entendê-las, dado que surgiam dentre outras formas que refletiam a cisão da psique. Reuniu centenas de imagens do círculo ou similares e se perguntava se elas se tratariam de mandalas. Foi então que lhe ocorreu enviar uma carta a Carl Gustav Jung, juntamente com as fotografias de algumas das obras, questionando-o se se tratavam de mandalas; pergunta à



qual ele deu uma resposta afirmativa e colocou a Nise mesmo, algumas perguntas de interesse pelas obras (SILVEIRA, 2015).

Segundo Jung (1996), a palavra mandala vem do sânscrito e significa “círculo mágico”. Essas imagens circulares são encontradas em diversas culturas ao redor do globo, sendo mais comuns na tradição oriental e aparecendo em diversos âmbitos, como nas artes, na arquitetura, na religião e na própria natureza (SLEGELIS, 1987; JUNG, 2000). Também fazem parte do budismo e hinduísmo, por exemplo, como elementos ritualísticos e, em suma, possuem uma função meditativa, através da qual o sujeito pode entrar em comunhão com o divino.

Para Jung (2000), as mandalas não são meios para se alcançar o divino, mas, sim, símbolos representativos da psique e o seu centro seria o centro do *self*, com o qual se relaciona tudo aquilo que lhe é periférico e que tende a organizar o todo. Mais próximo do centro estaria a consciência, adiante, o inconsciente pessoal, e, mais periférico, o inconsciente coletivo.

As mandalas possuem uma estrutura quaternária, sendo esta um dos mais importantes temas arquetípicos, segundo Jung (2000). Ele a designa como o arquétipo da totalidade, remetendo à ideia de que o quatro é uno e afirmando que é um arquétipo padrão que se repete através dos séculos, como no caso de Jesus e os quatro evangelistas e Hórus e seus quatro filhos. Ele reclama espaço não só enquanto uma expressão cultural, mas também individual.

De acordo com Jung (2000), as mandalas culturais possuem uma especificidade estilística e tratam de um número limitado de temas, ao passo que as mandalas individuais possuem uma grande variedade temática e simbólica. Abaixo, a Figura 4 é um exemplo das mandalas criadas pelos clientes do ateliê do hospital.

Figura 4 – Obra de Fernando Diniz (s.d.)



Fonte: Ocupação..., 2016

Nise relata: “Imagens circulares ou tendendo ao círculo, algumas irregulares, outras de estrutura bastante complexa e harmoniosa, impunham sua presença na produção espontânea dos frequentadores do ateliê do hospital psiquiátrico” (SILVEIRA, 2015, p. 57).

Para Nise, a confirmação de que as imagens circulares se tratavam, de fato, de mandalas, foi imprescindível para a sua compreensão acerca do fenômeno da esquizofrenia. Desta perspectiva, as mandalas davam indícios do estado de fragmentação da psique do sujeito, porém, mais do que isto, elas representariam a psique como um organismo vivo que tende para a sua reorganização. Elas teriam função curativa (SILVEIRA, 2015; VIEIRA; CAVALCANTI; CAVALCANTI, 2017). Segundo Nise, esta tendência organizadora tem um caráter compulsivo e estaria associada à necessidade que o sujeito tem de se expressar (SILVEIRA, 2006).

Foi surpreendente para ela verificar que muitas dessas mandalas eram harmoniosas e complexas (SILVEIRA, 2015), o que seria um desafio à concepção da psiquiatria tradicional de que o esquizofrênico fosse um ser embrutecido, incapaz de elaborações complexas, pois não agiria de acordo com a razão. Mais do que isso, elas representariam a capacidade inata de reorganização do inconsciente, a qual precisaria, no entanto, ser potencializada.

Enquanto material de expressão simbólica, Melo (2001) aponta que o estudo dos símbolos sempre os colocava (a equipe do ateliê) diante do problema da significação e do sentido das mesmas e, assim sendo, era fundamental estudar o itinerário psíquico por meio das séries de imagens criadas pelos clientes. De acordo com Jung (1996), os desenhos do inconsciente expressam a condição psicológica do sujeito e, deste modo, o estudo dessas imagens em série mostra a situação do seu psiquismo.

O ambiente do ateliê não era somente um ambiente de livre expressão para os clientes, mas, também, um ambiente de pesquisa para Nise. As obras dos clientes eram catalogadas e estudadas em série, a fim de que Nise e os monitores pudessem buscar compreender as vivências e significações dos artistas das obras, a partir destas, e suas tentativas de reordenação (MELO, 2001; SILVEIRA, 2015).

As mandalas foram parte significativa destas pesquisas. Nise afirma que é necessário o estudo de cada mandala com atenção, pois as mesmas podem fornecer informações de grande relevância clínica, dado que são a expressão da situação psíquica do autor no momento em que as pinta (SILVEIRA, 2015).

Slegelis (1987) coloca que, enquanto cria uma mandala, o sujeito se envolve com processo ao ponto de tornar-se para ele difícil distinguir quem está de fato no controle: o artista ou o processo. O sujeito se envolve, permitindo que as forças criativas de seu inconsciente ditem cada passo. Assim, Melo (2001) e Gaeta (2016) expõem que a mandala não somente revela um conteúdo simbólico, mas pode apresentar um efeito terapêutico que facilita a transformação do sujeito. Em Adelina Gomes, por exemplo, a temática das flores era constante

e, a Figura 5, a seguir, é um exemplo de uma obra onde este tema aparece sob a forma de uma mandala.

Figura 5 – Obra de Adelina Gomes (s.d.)



Fonte: Ocupação..., 2016

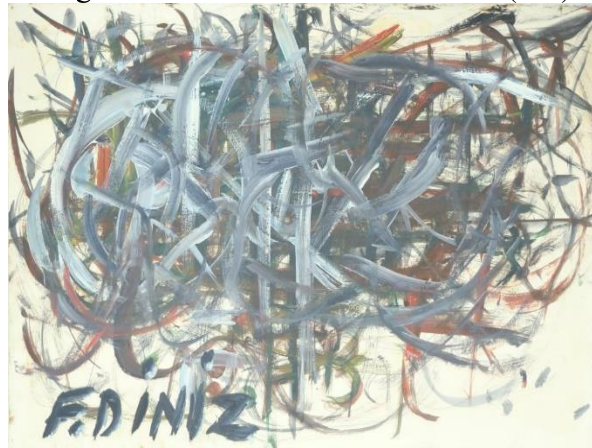
Em 1957, Nise participou do II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique, a convite de Jung, e lá realizou uma exposição com as obras produzidas pelos clientes do ateliê de Engenho de Dentro. Nesta exposição, a atenção de Jung se voltou especialmente para a seção das mandalas, sobre as quais fez comentários (SILVEIRA, 2015).

### 3.5 A abstração nas produções plásticas

McGregor (1992) e Jaffé (1964/2008) apontam que, uma vez que a arte dos internos psiquiátricos adquiriu maior popularidade dentre os psiquiatras no início do século XX, o período de surgimento da arte abstrata, muitos passaram a utilizar a predominância da abstração nas produções plásticas dos esquizofrênicos como justificativa para afirmar que os abstracionistas também padeciam de enfermidades psíquicas. A este respeito, Magaldi (2018a) ressalta que havia um interesse da psicopatologia em delinear correspondências entre características das pinturas e categorias diagnósticas do campo, como se tais características fossem tal como sintomas que sinalizam uma doença.

Complementar a isto, Nise assevera que a quase ausência da figura humana, ou de qualquer forma orgânica nestas muitas obras abstratas, estilísticas e geométricas dos esquizofrênicos, seria atribuída pela Psiquiatria a um processo de degeneração e de dissolução da realidade dos seus criadores, o que seria caracterizado, ademais, pelo esfriamento da afetividade (SILVEIRA, 2006, 2015). Ela, no entanto, discorda de tal assertiva e lhe tece críticas. Observe a figura 6, na página que segue, enquanto uma criação abstrata que sugere movimentos frenéticos, ou seja, de grande movimento emocional por parte do autor.

Figura 6 – Obra de Fernando Diniz (s.d.)



Fonte: Ocupação..., 2016

Para Nise, o exame das obras não podia se restringir às paredes de um gabinete, mas era somente uma parte do processo de compreensão do cliente; era importante que se acompanhasse o processo de criação das obras artísticas. Segundo ela, o psiquiatra deveria estar engajado na observação mesma do fenômeno do nascimento da obra. Como ela afirma, ela via os seus clientes pintarem, via a expressão em seus rostos, via o movimento fervoroso de suas mãos e, portanto, não podia acreditar que houvesse ali embotamento afetivo ou degeneração psíquica. Para ela, tomando emprestada a expressão de Antonin Artaud, a atividade artística demonstrava os inumeráveis estados do ser que os clientes vivenciavam (SILVEIRA, 2015).

O pensamento de Merleau-Ponty (2013a), penso, pode acrescentar à esta colocação. Segundo ele, o artista participa de um espetáculo do qual toda a humanidade faz parte, mas não vê. Ele possui um sentimento de estranheza diante do mundo e, sua obra, torna acessível aos olhos exteriores aquilo que, do contrário, permaneceria não dito. Ele é tomado por uma espécie de febre e somente a obra feita, enquanto resposta à esta questão que ele nem mesmo consegue conceber sistematicamente, pode provar que há ali uma questão, um algo ao invés de um nada.

Em suas reflexões sobre a temática da abstração e suas próprias vivências observando os clientes, como pode ser visto em imagem na próxima página, na Figura 7, os estudos de Nise à levaram à obra do historiador de arte, Wilhelm Worringer, o esclarecimento para esta questão. Worringer (1997) entende que há no ser humano uma necessidade, tanto para uma estética realista, a qual encontra a beleza no mundo orgânico, quanto em uma estética abstrata, que se refere ao inorgânico. Para ele, a arte abstrata seria mobilizada pelo medo que o sujeito sente do ambiente externo; a função da arte, neste sentido, seria retirar a arbitrariedade amedrontadora desse ambiente e expressá-la em formas abstratas, a fim de despotencializar o perigo que representam e estabelecer um ponto de tranquilidade e um refúgio.

Figura 7 – Nise observa Raphael Domingues pintar (s.d.)



Fonte: Nise..., 2014

Worringer realiza em seu livro *Abstraction and Empathy* (1997), uma espécie de genealogia dos estilos artísticos. Analisando as obras de civilizações primitivas, elabora seu pensamento, considerando que o ser humano primitivo se encontrava ainda amedrontado pelo mundo, o qual lhe era desconhecido, e isto era expresso em sua arte; contrariamente à arte realista, a qual, em uma época de grande desenvolvimento da racionalidade na sociedade ocidental, aderiu à uma representação mais fiel dos objetos da natureza.

Assim, caso o sujeito perceba o mundo externo como um ambiente familiar, acolhedor, que o apoia, esta tendência à abstração diminui, pois, aí, o sujeito empatizaria com o mundo. Ao discorrer sobre a arte moderna, Jaffé (1964/2008) pontua que nada na arte não-figurativa lembra ao espectador o seu próprio mundo; o objeto não lhe fala em linguagem familiar.

À análise de Worringer, Nise acresce o testemunho de artistas como Paul Klee e Marino Marini, os quais criaram obras de arte abstrata em razão do crescente horror que se apossava do mundo no período da Primeira e Segunda Guerra Mundial (SILVEIRA, 2015). A obra de arte abstrata não seria somente um reflexo do mundo hostil, mas, também um reflexo do próprio sujeito atemorizado por este mundo (WORRINGER, 1997).

Klee (1992, p. 313) reflete em uma passagem de seus diários em 1915: “the more horrible this world (as today, of instance), the more abstract our art, whereas a happy world brings forth an art of the here and now”<sup>3</sup>. Klee descreve mesmo que possui uma guerra dentro de si, da qual só conseguiu sair alçando voo. Deste modo, ele diz não fazer mais parte do mundo da época a não ser como uma memória abstrata.

<sup>3</sup> Tradução do trecho: quanto mais horrível este mundo (como hoje, por exemplo), mais abstrata se torna nossa arte, enquanto que um mundo feliz traz adiante uma arte do aqui e agora.

De acordo com Jaffé (1964/2008), dois extremos se produziram no século XX: grande abstração e grande realismo. Aquele remetendo ao espírito e, este, à matéria. Ela indica que houve entre os dois uma cisão psicológica coletiva, simbolizada nos anos que antecederam a Primeira Guerra. Para Jaffé aquilo demonstrava o distanciamento entre o consciente e o inconsciente.

Sobre este mundo amedrontador, Nise, então, pergunta: “e quando o mundo parecerá mais hostil do que na vivência de estados do ser, ditos estados psicóticos?” (SILVEIRA, 2015, p. 21). Ela afirma ainda que “a linguagem abstrata presta-se a dar forma a segredos pessoais, satisfazendo uma necessidade de expressão sem que os outros os devessem” (SILVEIRA, 2015, p. 22). Não há, contudo, códigos. Segundo ela, a linguagem abstrata se recria a cada instante.

Do mesmo modo, Jaffé (1964/2008, p. 353) afirma que os artistas do século XX (os abstracionistas) procuraram tornar visível a “vida que existe por trás das coisas”, de tal modo que suas obras seriam expressão simbólica do mundo por trás do consciente, o inconsciente. A autora coloca que, quanto maior a dissolução da realidade, mais o quadro perde conteúdo simbólico, dado que o símbolo é um objeto do mundo conhecido, mas, uma vez que o sujeito se afasta desse mundo, o quadro também se afasta e, assim, nada resta nele que permita remeter a uma ponte para o desconhecido.

De acordo com a experiência empírica de Nise sobre os artistas de Engenho de Dentro, a abstração não era um elemento permanente nas produções dos clientes, mas sim, uma linguagem que ia e voltava, assim como a linguagem figurativa, dependendo da situação do sujeito em relação ao mundo externo e interno. Alguns permaneciam mais frequentemente na abstração (SILVEIRA, 2015).

Pensando sobre as considerações de Worringer, Jaffé e Nise, a pintura abstrata se caracteriza como uma linguagem direta, como afirma a própria Nise. E esta linguagem, para Jaffé (1964/2008) precisa ser contrabalançada pela experiência consciente, a fim de que não manifeste eventualmente seu aspecto desfavorável. Na psicologia analítica, o inconsciente é natureza pura e pode ser deveras destrutivo se não equilibrado com a consciência. Assim, Jaffé aponta que em mais de um caso, um artista foi tomado pelo seu inconsciente.

É notável o esforço empreendido por Nise em elaborar uma metodologia que a permitisse realizar intervenções terapêuticas sem ferir a dignidade dos seus clientes. A sua persistência contribuiu para a melhora dos internos sem abrir mão do rigor científico e da ética, apesar do descrédito da parte de seus colegas de profissão. Mas, como afirma Merleau-Ponty (2013b, p. 55), “somos tão fascinados pela ideia clássica da adequação intelectual que esse

‘pensamento’ mudo da pintura nos dá às vezes a impressão de um vão redemoinho de significações, de uma fala paralisada ou abortada”. De fato, para o método científico natural, o imaginário é uma incógnita.

Não me surpreende, assim, que a comunidade artística, na qual Mario Pedrosa, reconhecido crítico de arte, pode ser tomado como exemplo tenha sido a que mais apoiou o trabalho de Nise, conhecendo eles a potência da linguagem artística. Assim, em 1949, o Museu de Arte Moderna de São Paulo realizou a exposição *9 Artistas de Engenho de Dentro* e, em 1952, foi fundado o Museu de Imagens do Inconsciente, o qual permanece vivo até os dias atuais como um centro de estudo, pesquisa e produção artística nos mesmos moldes elaborados por Nise da Silveira (SILVEIRA, 2015; MAGALDI, 2018a).

## 4 OS ARTISTAS DE ENGENHO DE DENTRO

Na fenomenologia, há uma palavra que constitui um de seus pontos fundamentais: *Erlebnis* (vivência) (ALLES BELO, 2006). Estar no mundo é vivenciá-lo de um modo próprio. Para cada cliente do hospital, há uma história, há uma série de vivências que constituíram seus mundos-da-vida e que, em muitos casos, culminaram nos momentos que os levariam ao Hospital Pedro II. E tentarei nesta seção explicitar que vivências foram estas, o relacionamento com o ambiente hospitalar e as mudanças realizadas com as intervenções.

### 4.1 O espaço de Fernando

Nise – em entrevista a Leal (1994) e a Mello (2009) – relata que o paciente Fernando Diniz era mulato, de origem muito pobre, e foi criado pela mãe, enfrentando diversas adversidades na infância e adolescência. Como nunca havia habitado uma casa própria, crescendo em casarões promíscuos, ele desejava ter uma casa somente sua.

Apaixonou-se por uma moça branca e rica, filha de umas das patroas de sua mãe, e intentava se casar com ela, bem como estudar Engenharia. Fernando era um excelente aluno. Porém, no colegial, ficou sabendo que a moça havia se casado e foi então que, como Nise afirma a Mello (2009, p. 61), ele “foi espatifado por dentro e rompeu suas relações com o mundo exterior”.

Fernando afirma a Nise que havia mudado para o mundo das imagens e ela aponta que, ele tinha uma racionalidade desenvolvida e que foi abalado por esta imagem devido a problemas emocionais (SILVEIRA apud LEAL, 1994), como podemos ver a seguir: “O tumulto de emoções que sacudiu a psique de Fernando desestruturou as demarcações da área espacial construída pelo ego consciente. Tomado de vertigem, ele busca o espaço cotidiano, tenta recuperar a realidade. Será uma luta difícil e lenta” (SILVEIRA, 2015, p. 45).

Esta busca pelo espaço cotidiano à qual ela se refere é uma noção fundamental no estudo sobre o mundo de Fernando, dado que a sua desorganização psíquica era perceptível na maneira como ele se relacionava com o espaço. Previamente à sua internação, ele tinha a impressão de que os prédios se inclinavam sobre ele e, em suas primeiras obras no ateliê, os objetos sempre se achavam muito próximos um dos outros, deixando pouco espaço livre (SILVEIRA, 2015).

Como pensa Nise, na esquizofrenia, os modos de perceber tempo e espaço são muito diferenciados. Ela podia observar nas pinturas dos clientes que os objetos se



aproximavam muito uns dos outros e, à medida que os clientes melhoravam, os objetos nas criações artísticas iam se afastando. Para ela, isto acontecia porque a alucinação e o delírio significavam, acima de tudo, a aproximação demasiada do objeto (SILVEIRA apud CAMARGO; HORTA, 2009).

A pintura foi um modo do qual Fernando se apropriou para organizar este espaço. Nise coloca que, de início, ele recorre ao enquadramento dos objetos para retirá-los do fluxo confuso de imagens (SILVEIRA, 2015). Estes objetos, todavia, no caso deste cliente, eram o enunciado de um tema carregado de afeto que sempre o havia marcado: a casa que nunca teve.

A trajetória de Fernando rumo à realidade é uma trajetória de telas nas quais, gradualmente, ele vai encontrando seu espaço. Primeiro, os objetos. Depois, as partes da sala de estar. Percurso exemplificado nas Figuras 8 e 9, mas que foi muito mais extenso em obras. Diante delas, Nise relata que, a referência espacial que ele toma para a configuração deste espaço é o soalho (SILVEIRA, 2015). De fato, é possível ver nas obras o soalho em pontos diferentes do ambiente; em cada ponto, um objeto: uma poltrona, um candelabro, um piano, um aquário, etc.

Para Melo (2010), expressão através da pintura possibilita à Fernando distinguir as imagens da confusão de emoções e percepções, portanto, daquilo que é objetivo e o que é subjetivo. Este processo de reorganização através da arte culmina, em 1953, na junção de todos os objetos da casa em uma só imagem. Ele finalmente havia pintado ‘a imagem completa’, como se pode ver na Figura 10. E Nise sustenta que ele, então, recuperara o espaço cotidiano. Ao mesmo tempo, Fernando apresentou melhoras clínicas, melhor relacionamento com as pessoas e maior interesse pelos estudos (SILVEIRA, 2015).

Figura 8 – Obra de Fernando Diniz (1952)



Fonte: Fernando..., 2015

Figura 9 – Obra de Fernando Diniz (1953)



Fonte: Fernando..., 2015

Figura 10 – Obra de Fernando Diniz (1953)



Fonte: Fernando..., 2015

O afeto foi um fator que perpassou os sentidos dados às intervenções. Em primeiro, o afeto enquanto emoção em suas diversas formas; em segundo, enquanto motor de uma relação intersubjetiva.

Vou ao primeiro ponto. Para Sartre (1995), o afeto enquanto emoção é uma transformação do mundo. Quando as situações com as quais o sujeito se depara ficam muito difíceis e insuportáveis, ao ponto de o sujeito não saber lidar com elas ou solucioná-las, ele precisa mudar o mundo através de uma nova atitude: a da transformação da própria consciência, a fim de transformar o objeto ameaçador. Isto, contudo, não ocorre de maneira que o sujeito perceba o que está acontecendo, o processo é irrefletido e, creio, pode ser associado ao que aconteceu no caso de Fernando e de diversos outros clientes, como Adelina, Emygdio e Carlos Pertuis. O mundo da esquizofrenia, assim, seria o mundo transformado.

Em segundo, Lima e Nogueira (2016) explicitam que, no contexto da saúde mental, o que importa é aprofundar-se nas questões humanas e cuidar do sujeito em sofrimento. Este

cuidado é o afeto, denominado por Nise (SILVEIRA, 2015) de “afeto catalisador”, um afeto desenvolvido entre dois seres e que apresenta significativos efeitos terapêuticos para o sujeito em condição psicopatológica.

Entre os clientes, Nise e os monitores das oficinas havia uma relação afetiva que influenciava diretamente o engajamento dos internos nas atividades. Nise afirma que, por vezes, quando algum monitor se ausentava, o impacto disto era perceptível na modificação do comportamento de clientes com o quais aquele desenvolvera um vínculo. Ela relata que, no início de seu trabalho no STOR, os resultados obtidos com os monitores excederam suas expectativas, apesar do diferente grau de instrução deles, pois tão importantes quanto os conhecimentos técnicos era a sensibilidade e a intuição de cada um (SILVEIRA, 2015). O ambiente acolhedor criado pelos monitores foi muito benéfico para o tratamento de Fernando, o qual produziu milhares de obras e faleceu em 1999.

Foi a intuição de um dos monitores, Hernani Loback, que trouxe ao ateliê um dos casos mais famosos dos artistas de Engenho de Dentro. Em 1947, o monitor notou em Emygdio de Barros um desejo, “no canto de seus olhos”, de acompanhar o monitor até a oficina de encadernação. E, portanto, levou o cliente, mesmo sem autorização do psiquiatra, sem imaginar que Emygdio se tornaria um dos casos mais notáveis do ateliê de pintura (SILVEIRA apud GUIMARÃES, 2009; SILVEIRA, 2015).

#### **4.2 Emygdio de Barros**

Emygdio viveu a infância com o pai, a mãe e o irmão (onze meses) mais novo. Sua mãe sofria de transtornos mentais e passou o período da infância do menino isolada no quarto, enquanto Emygdio e o irmão cresciam sobre a influência do pai rígido e autoritário. Desde a infância demonstrou habilidades manuais e inteligência surpreendentes, tornando-se torneiro mecânico na fase adulta.

Como era um rapaz tímido e passivo, era repreendido pelo pai por sua posição de operário e falta de ânimo para buscar mais, tendo sofrido também diversas comparações com o irmão – mais proativo e confiante –, por parte da figura parental.

Em 1922, foi fazer um estágio de dois anos na França e, ao retornar, descobriu que a mulher que amava havia se casado com seu irmão. Foi quando deixou de ir trabalhar, passou a vagar pelas ruas até tarde da noite e implicava com o irmão, dizendo a este que lhe havia roubado tudo, inclusive o leite materno. A família, então, internou-o no Hospital da Praia

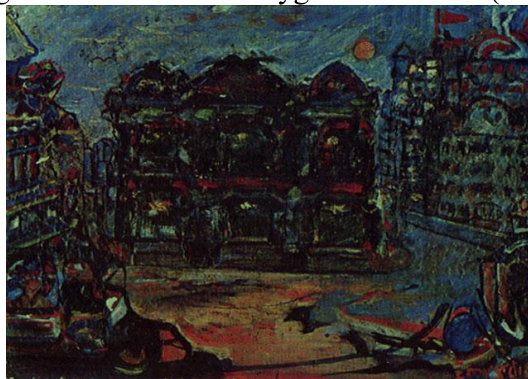
Vermelha, do qual foi transferido para o de Engenho de Dentro em 1944 (SILVEIRA, 1992/2001; MELLO, 2014).

Quando, em 1947, Nise pediu permissão ao psiquiatra de Emygdio para que este pudesse participar das atividades da oficina de encadernação, o psiquiatra lhe disse que daria a permissão, mas que de nada adiantaria para o doente, pois este era um doente crônico já muito deteriorado (SILVEIRA apud GUIMARÃES, 2009). Emygdio, entretanto, rapidamente aprendeu a técnica da encadernação (SILVEIRA, 2015).

Porém, ele permanecia isolado e evitava estabelecer relações interpessoais. Intentando, portanto, ajudá-lo a estabelecer relações afetivas, Nise e os monitores lhe propuseram participar das atividades do ateliê de pintura; convite que ele aceitou com especial interesse. E, eventualmente, surpreendeu a todos com suas obras de surpreendente qualidade estética. As telas de Emygdio foram amplamente elogiadas e são hoje reconhecidas como patrimônio artístico nacional (SILVEIRA, 1992/2001, 2015). Nise comenta que Mário Pedrosa e Ferreira Gullar compartilhavam da opinião de que Emygdio era um gênio (SILVEIRA apud GUIMARÃES, 2009).

Ela notou que, na contramão dos colegas de ateliê, Emygdio pintava lentamente, com movimentos leves e delicados. Em diversos momentos, apresentava-se meditativo diante da tela. Fazia frequentes modificações em cada obra e só as dava por terminadas dias depois (CHAN, 2009). Como amostra de seu trabalho, apresento a Figura 11.

Figura 11 – Obra de Emygdio de Barros (1949)



Fonte: Emygdio..., 2017

Suas primeiras pinturas foram paisagens reminiscentes de lugares que conheceu e era interessante que um esquizofrênico internado por 23 anos, até aquele ponto, apresentasse produção plástica tão ordenada. Para Nise, a dissociação característica da esquizofrenia, que realizava o pensamento com o pensamento lógico, não fora suficiente para romper a capacidade de Emygdio de formular imagens similares à realidade externa. Um mês depois, contudo, isto

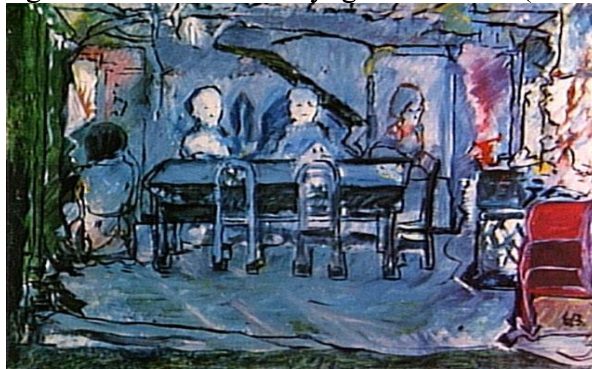
se desfaz e suas obras passam a apresentar imagens sem relação com a realidade exterior. Em outros momentos, os temas se sobrepunham, e, ao mesmo tempo que as imagens se remetiam a objetos concretos, também apresentavam elementos puramente imaginários (SILVEIRA, 1992/2001).

No Natal de 1948, ele expressou o desejo de receber um guarda-chuva de presente, o que Nise interpretou como uma vontade dele de reencontrar o mundo exterior. Uma vez entregue o guarda-chuva, ele o recebeu com grande emoção e, por volta da mesma época, passou a demonstrar o desejo de retornar ao seu ofício de torneiro mecânico. Esforços foram empregados para que ele se readaptasse ao ofício; contudo, as técnicas da profissão haviam evoluído muito nos vinte e cinco anos em que Emygdio passara internado. Ele não conseguiu se readaptar e abandonou a tentativa (SILVEIRA, 1992/2001).

Em 1950, Emygdio foi viver com familiares em Teresópolis, vida à qual se afeiçoou em pouco tempo. Frequentemente era visitado por Almir Mavignier e Mário Pedrosa, os quais o incentivavam a continuar pintando. Porém, quando Almir viaja para a Europa, em 1951, Emygdio perde o interesse por pintar. Ao mesmo tempo, com o falecimento do chefe da casa onde morava, ele foi morar com o irmão no Rio de Janeiro e a convivência com o mesmo não se pode sustentar, levando a reinternação psiquiátrica de Emygdio em 1965 (CHAN, 2009).

Retornando ao ateliê, diversas telas de Emygdio ilustram o isolamento que sentia na família do irmão e, sendo sua situação afetiva tão intensa, ele recorreu à abstração para dar forma a segredos pessoais, a fim de satisfazer sua necessidade de se expressar sem ser criticado por outros (SILVEIRA, 1992/2001). A Figura 12 é uma obra nascida desta vivência de solidão e conflito com o irmão e sua família.

Figura 12 – Obra de Emygdio de Barros (1967)



Fonte: Emygdio..., 2017

Chan (2009, p. 153) elucida, também, que Emygdio encontrou na pintura um modo de se expressar, transmitindo com “muita beleza e eloquência sua visão do mundo vivido”. Nise

destaca que a força criadora se mostrou viva em Emygdio mesmo após décadas internado em um hospital psiquiátrico, submetido às aflições de sua doença e à agressividade do ambiente. O caso de Emygdio era mais um a contradizer o discurso psiquiátrico de que os esquizofrênicos apresentariam uma regressão afetiva (SILVEIRA, 1992/2001).

O ambiente acolhedor do ateliê, o qual ele retrata em algumas telas, foi essencial para a atividade expressiva de Emygdio. Para um homem que apresentava conflitos emocionais tão intensos, a possibilidade de poder expressá-los e, assim, poder entrar em contato com seu próprio mundo-da-vida, foi um fator de significativa importância para a melhoria do quadro de Emygdio. Ele, sendo alguém que tão pouco falava, encontrou nas imagens a sua linguagem própria para o seu mundo. Chan (2009), assim, compreende que a arte permite ao ser humano acessar o reconhecimento e fixação das vivências significativas.

Os hospitais psiquiátricos eram ambientes ruins, nos quais o doente não era respeitado (SILVEIRA apud LISBOA, 2009) e, assim como a trajetória pessoal de Emygdio só podiam lhe ofertar frieza. Das histórias que li acerca dos clientes de Nise, a de Emygdio foi uma das que mais me marcou, especialmente por ele ter chegado a sair do hospital e encontrado acolhimento na casa do tio em Teresópolis, mas, uma vez que este familiar morreu, Emygdio se viu novamente na posição afetiva que lhe causou sofrimento por boa parte de sua vida, e terminou por ser internado novamente.

Em ambas estadias de Emygdio o lugar do ateliê era alusivo ao afeto. Por ser ali o ambiente em que Emygdio era tratado com dignidade e respeitado em sua individualidade pelas pessoas que com ele lá conviviam. O ateliê se tornou um representante da capacidade do afeto de mobilizar vivências terapêuticas inatingíveis à neutralidade da técnica científica.

### **4.3 Adelina Gomes: a mãe, as flores e os gatos**

Quando Adelina passou a participar do ateliê, ela já estava internada no hospital há nove anos. Ela não demonstrou qualquer resistência em começar a pintar. Sua primeira pintura foi de formas abstratas em tons de rosa e lilás e, ao entregá-la para a monitora, Adelina disse em um tom difícil de escutar: eu queria ser flor (IMAGENS, 1983/1986).

Esta fala é muito significativa, pois sinaliza um elemento que fará parte dos temas das pinturas de Adelina durante toda sua trajetória no ateliê. As flores aparecem em diversos quadros e são vistas por Nise sob o revestimento de mitos que retratam temáticas da psique que atravessaram os milênios, como, por exemplo, o mito de Dafne. Neste, Dafne é uma ninfa pela

qual o deus Apolo se apaixonou; porém, Dafne rejeita o deus, o qual a persegue, e, ela, fugindo dele, pede refúgio à sua mãe, a Mãe Terra, a qual a transforma em flor (SILVEIRA, 2015).

Muitas das obras de Adelina retratam a metamorfose de uma mulher em flor, como pode ser visto na Figura 13, adiante.

Figura 13 – Obra de Adelina Gomes (1959)



Fonte: Ocupação..., 2016

Segundo Nise, este mito reflete a própria história de Adelina. Esta era moça pobre, tímida, apegada e submissa à mãe. Aos 18 anos, Adelina, que nunca havia namorado, se apaixonou. A mãe, porém, não aceitou o relacionamento e a moça, obediente, afastou-se do rapaz (SILVEIRA, 2015). Deste modo, em entendimento similar ao de Nise, entendo que enquanto o fluxo de nossa cultura orienta a juventude para a desvinculação da casa dos pais, a fim de constituir seu desenvolvimento afetivo com outras pessoas, Adelina não conseguiu resistir à ordem materna, permanecendo assim, submissa à uma situação que restringia seus horizontes.

Após o ocorrido, a moça se tornou mais retraída e irritada, chegando, um dia, a estrangular a gata da casa, estimada por todos e por ela mesma. Foi este o evento que culminou em sua internação no ano de 1937. Após ser diagnosticada com esquizofrenia e a recomendação médica de que o tratamento se baseasse na convulsoterapia e insulino-terapia, Nise descreve que pelas várias revisões clínicas que se seguiram, Adelina permaneceu inacessível à relação humana e inativa (IMAGENS, 1983/1986; SILVEIRA, 2015).

As primeiras pinturas de Adelina foram de gatas. Somente anos após estas primeiras obras veio Nise a saber, por intermédio de uma irmã de Adelina, do histórico da paciente antes da internação e do evento decisivo para a sua internação. Foi só então que Nise pôde compreender melhor, em seu ponto de vista, as temáticas das pinturas de Adelina (SILVEIRA, 2015).

No que tange à gata, parece-me evidente que o evento do seu estrangulamento permaneceu na memória de Adelina, envolto por sentidos marcantes em sua trajetória, especialmente considerando que estas imagens emergem quase dez anos depois do episódio comentado. E, uma vez que Adelina não estabelecia diálogos com outras pessoas, aquelas imagens que lhe surgiam ganham um meio de expressão através da arte. Ela, enfim, tem a chance de elaborar os conteúdos que preenchem a intencionalidade de sua consciência.

Durante os anos de 1948 a 1950, Adelina adquiriu preferência por criações em barro, as quais representavam figuras femininas de aspectos diversos, interpretadas por Nise como representações das antigas deusas mães mitológicas. As primeiras foram classificadas pela médica como “mães terríveis”. Porém, com o passar do tempo, foram surgindo imagens de aspecto mais brando, que pareciam querer abrir o peito com as mãos (SILVEIRA, 2015).

Alguns anos depois, surgiu a escultura de uma mulher com dois cães, retratada na Figura 14, logo após a pintura de uma mulher com cabeça de cão. Adelina afirma que sonhara diversas vezes com esta mulher e que chegara a vê-la nos corredores do hospital. Esta figura a amedrontava e Adelina evitava contato com os cães da sessão de terapêutica por parecer temê-los (IMAGENS, 1983/1986).

Figura 14 – Obra de Adelina Gomes (s.d.)



Fonte: Adelina..., [s.d.]

Eventualmente, com a melhora de seu quadro clínico, acompanhado de melhor relacionamento interpessoal, a cliente passa a interagir afetuosamente com os cães por alguns meses. Para o entendimento de Nise, foi um passo importante em direção ao mundo externo. E apesar de o desenvolvimento desta interação haver declinado posteriormente, ela continuou a tratá-los de modo amigável (SILVEIRA, 2015).

Em 1962, pintou somente flores, sem qualquer indício de uma figura humana feminina. No entendimento de Nise, isto apontava a desvinculação de Adelina da sua imagem com as plantas. A partir daí ela passou a pintar diversas flores, colhidas por ela mesma no jardim do hospital (IMAGENS, 1983/1986).



Creio ser importante ressaltar este detalhe, dado que a pintura de imagens exteriores me aparenta sinalizar um movimento de relação com a realidade externa, caracterizado por um objeto de grande significado para Adelina: as flores. Para Nise, os clientes deviam ter a liberdade de pintar o que quisessem e os monitores deveriam se abster de sugerir objetos. Portanto, penso que estes registros de contato espontâneo com a realidade do mundo objetivo devem ser destacados.

Adelina passou, então, a pintar também gatos. Diversas imagens aparecem; em algumas, a figura do gato se confunde com o rosto de uma mulher, em outras, o gato aparece sobre um chapéu. Para Nise, estas obras retratam a tentativa de autorregulação do inconsciente de Adelina (IMAGENS, 1983/1986; SILVEIRA, 2015).

Uma vez que a temática dos gatos pareceu haver sido assimilada pela cliente, seis anos depois da primeira pintura de flores que não era metamorfoses da figura feminina, Mello (2014) conta que Adelina retirou do depósito, sem que ninguém percebesse, a mesma tela que indicara a desvinculação da mulher do vegetal, e a repintou, ilustrando por cima um vaso em forma da cabeça de gato, e o rosto de uma mulher saindo dele em meio a folhas e flores. Como aponta Nise, temos novamente os temas dominantes do percurso de Adelina: as flores, o gato e a mulher, indicando que há movimentos de progresso e de retorno em sua trajetória terapêutica (SILVEIRA, 2015).

Adiante, as obras de Adelina passaram a apresentar ora a imagem de um homem e uma mulher em proximidade, ora a imagem de outra grande mãe histórica, Maria, ora o homem que parece esperar com uma cadeira vazia ao lado (e, por vezes, com um cachorro próximo). Estas obras estão exemplificadas nas Figuras 15, 16 e 17, respectivamente.

Figura 15– Obra de Adelina Gomes (1969)



Fonte: SILVEIRA (2015)

Figura 16 – Obra de Adelina Gomes (1969)



Fonte: SILVEIRA (2015)

Figura 17 – Obra de Adelina Gomes (1973)



Fonte: SILVEIRA (2015)

Para Nise, o aparecimento de algo como o relacionamento humano nas pinturas é sinalização de progresso na elaboração do conteúdo psíquico de Adelina (SILVEIRA, 2015). Essas imagens retratam um progresso que não é linear, mas que parecem tender à libertação do sofrimento causado pela submissão à mãe e interdição do relacionamento com o homem amado.

Todo o processo aqui retratado ocorreu em um período de muitos anos. Adelina foi internada em 1937 e só saiu do hospital em 1986, quando de sua morte. Foram 49 anos, longo tempo, reclusa ao ambiente psiquiátrico e sujeita ao sofrimento causado por sua história pessoal. Porém, não só a este sofrimento. Nise afirma que é possível que muitos julguem este longo processo de retorno à realidade externa. Comento que podem abordar este longo período para pôr em dúvida o êxito da terapêutica através da arte. Todavia, como a própria Nise vem advertir, não se pode esquecer em que tipo de ambiente aqueles clientes eram tratados (IMAGENS, 1983/1986; SILVEIRA, 2015).

O hospital psiquiátrico era um ambiente frio e hostil, desprovido de condições favoráveis para a recuperação saudável de sujeitos vulneráveis ao sofrimento (SILVEIRA, 2015). Uma vez que muitos lá foram internados por conta da dificuldade de familiares e médicos em compreender o peso das vivências dos mesmos, concluindo que, certamente, o desvio da norma padrão social significava doença, o ambiente hospitalar, opressor e detentor de métodos violentos de trato com os clientes, pouco parecia contribuir para a saúde, mas sim, o contrário.

Para os clientes, os momentos nas oficinas da terapêutica ocupacional eram poucos, comparado com o resto de cada dia nas enfermarias inamistosas, portanto, como poderiam eles apresentar mais episódios de melhora considerando os tratamentos conflitantes entre os ambientes? Tudo que era possível acompanhar eram movimentos de progresso e retorno resultantes do esforço empreendido por Nise e seu monitores no ateliê e do engajamento dos próprios clientes à sua própria maneira.

Portanto, dado continuidade à explanação acerca das intervenções terapêuticas no ateliê, e seus clientes, parto a seguir para outro caso de grande importância dentro da trajetória de Nise: o caso de Carlos Pertuis.

#### **4.4 Carlos Pertuis, o Sol e os coterapeutas**

Carlos Pertuis nascera pobre. Era o único irmão dentre quatro irmãs e, segundo Nise, foi mimado pelos pais, em especial a mãe. Quando da morte do pai, este o chamou e o encarregou de cuidar das responsabilidades de chefe do lar. Carlos, então, abandonou os estudos, para sustentar a família, trabalhando em uma fábrica de sapatos. Assim, pelos anos que se seguiram, teve que lidar com diversas adversidades.

Uma irmã de Carlos relata que, por certo período, no qual alguém próximo dele faleceu e o pai também, Carlos quebrara tudo dentro de casa e se tratava com um médico. Os conselhos das pessoas para a mãe do rapaz eram para que ela o internasse (IMAGENS, 1983/1986).

O rapaz era de constituição física frágil e de essência sensível e religiosa. Para Nise, Carlos não conseguiu assumir as responsabilidades da fase adulta e, um dia, quando raios solares incidiram sobre um espelho, foi tomado por uma visão “cósmica”, a qual, anos depois no ateliê, deu origem à obra “O planetário de Deus”, retratada na Figura 18, na página que segue. Porém, a família pensou que ele havia enlouquecido e, no mesmo dia, ele foi internado.

Carlos passou trinta e oito anos no hospital, até o dia em que faleceu (SILVEIRA, 1992/2001; MELLO, 2014).

Figura 18 – “O Planetário de Deus” (1947) por Carlos Pertuis



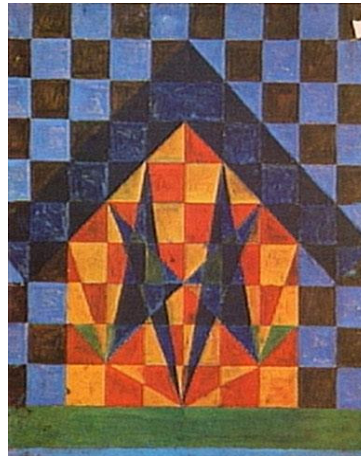
Fonte: O Planetário..., 2017

Através de Nise, temos notícia de outro sapateiro, de nome Jacob Boehme, o qual também fora um homem pobre trabalhando para sustentar sua família. Um dia, ao olhar fixamente para um prato no qual resplandecia a luz solar, Boehme entrou em êxtase, tal qual Carlos. Contudo, ao contrário do que aconteceu com este, a experiência não rompeu o contato de Boehme com a realidade, mesmo as visões subsequentes não o fizeram, e ele continuou com sua vida rotineira ao mesmo tempo em que registrava as imagens que lhe surgiam (MELLO, 2014; SILVEIRA, 2015).

Assim que Carlos teve a oportunidade de pintar, oito anos após sua visão, ele tentou representá-la, evidenciado que aquela imagem permanecera com ele durante todo aquele tempo. Nas palavras de Nise, a imagem que Carlos viu “é uma espantosa mandala macrocômica, uma imagem do universo” (SILVEIRA, 2015, p. 309). É importante salientar neste ponto que a observação clínica não registrou a visão de Carlos quando de sua internação. Deste modo, Nise só soube do que havia acontecido por intermédio de uma irmã dele, depois que a obra “Planetário Deus” já havia sido pintada.

Em seu período inicial no ateliê, Carlos pintou diversas mandalas (IMAGENS, 1983/1986). E, a mesma ordem tão características das mandalas pode ser vista em outras obras geométricas, muitas das quais apresentando detalhada simetria entre seus elementos. Dentro de um padrão científico que considera a ordem como um dos preceitos da racionalidade, a organização de Carlos em obras de grande talento artístico deve, certamente, colocar algumas questões a tal ideia. Observe, por exemplo, a Figura 19, na página a seguir, e como os padrões geométricos e as cores se relacionam sistematicamente.

Figura 19 – Obra de Carlos Pertuis (1948)



Fonte: O Planetário..., 2017

De acordo com o que é apresentado no documentário *Imagens do Inconsciente* (1983/1986), para Nise, o esquema geométrico rígido, simétrico e bem delimitado nessas obras geométricas de Carlos sinaliza suas tentativas de se apoiar em algo estável, especialmente levando em conta a instabilidade de suas relações com outras pessoas e do próprio ambiente hospitalar. No entendimento da Psicologia Analítica, o inconsciente tende a buscar um ponto de apoio sobre o qual possa buscar sua regeneração.

Assim como as séries de mandalas e geometrismo, Carlos também pintou imagens relacionadas a temáticas de figuras femininas, rituais e o sol. A tela “Planetário de Deus” foi a primeira de Carlos a ter como temática, o sol. Outras apareceram principalmente nos seus últimos anos de vida. Dentre verbalizações suas, ele fala de um aparelho da revelação, caracterizado pelo sol, e de um outro de repetição, o qual que faz ele sumir em ponto pequeno e aparecer em ponto grande para o sol, refere-se também à “rotação da consciência ao sol” (SILVEIRA, 2015, p. 310) e a um estudo que ele e o Ari faziam de alguns filmes da consciência.

Nise considera que esses excertos indicam que Carlos estava em busca da luz do consciente. Presto especial atenção ao fato de que as construções verbais de Carlos eram quase ininteligíveis e, ainda assim, ou exatamente por isto, aquilo que ele diz é uma importante fonte de compreensão sobre sua condição. Tal qual ao sol, Carlos também se refere às estrelas.

Uma monitora costumava levar os clientes para um morro próximo ao hospital, no qual a natureza era bela. Muitos clientes pintaram imagens inspiradas na paisagem, contudo, Carlos não o fez. Assim, um dia Nise pediu a ele que pintasse uma dada árvore próxima, pedido ao qual ele atendeu. Todavia, logo depois passou a pintar navios. A psiquiatra então lhe questionou onde ele via navios, ao que ele respondeu: “Ora, ora, navios navegando entre as estrelas” (IMAGENS, 1983/1986).

Penso ser interessante notar que Nise, ao contrário da instrução que geralmente dava, deu ao cliente uma sugestão de objeto para sua pintura. Em seu ponto de vista, Carlos estava sempre imerso nos conteúdos de seu inconsciente, mesmo em um ambiente que parecera chamar a atenção de outros esquizofrênicos para o ambiente ao redor. Neste cenário, sugerir a Carlos para que pintasse um elemento da realidade física pode ser entendido como uma tentativa de também trazê-lo para esta realidade. Mas, para Carlos, os navios entre as estrelas pareciam ser tão presentes naquela paisagem quanto a árvore (IMAGENS, 1983/1986).

Obras como esta, remetendo a elementos cósmicos, entendidos por Nise como possuindo cunho religioso/místico, são evidentes (SILVEIRA, 2015). Como exemplo, apresento a Figura 20.

Figura 20 – Obra de Carlos Pertuis (1976)



Fonte: SILVEIRA (2015)

Em dezembro de 1976, alguns meses antes de falecer, Carlos pintou “A Barca do Sol”, uma obra na qual se pode ver a figura do sol, com olhos baixos e semicerrados, sobre uma barca que navega pelo oceano. Em janeiro, pintou uma barca carregando duas cruzes, navegando pelo mar. Três dias depois, pintou uma barca vazia, ancorada em um porto. Após este dia, não voltou mais ao ateliê, falecendo em março de 1977 (IMAGENS, 1983/1986).

O percurso de Carlos no ateliê é interessante e pertinente não só para demonstrar de que modo a arte pode contribuir na área da saúde mental, mas também para tratar da possibilidade terapêutica sustentada pela atuação dos animais.

Como já apontado, as construções verbais de Carlos eram quase ininteligíveis, mas, como reporta Nise, o caminho para entender-se com ele se deu através do animal. Um dia ele se abaixou para fazer carinho em um cachorro de nome Sultão e falou com ele de modo claro e perfeitamente compreensível. Ele, então, estabeleceu uma amizade com o animal, passando a cuidar dele com extremado zelo e muito afeto (SILVEIRA, 2015).

No entanto, alguns meses depois, Sultão foi morto e Carlos, mais uma vez, fechou-se em seu mundo próprio. Voltou a estabelecer novo vínculo somente dois anos depois, quando

adotou o cão Sertanejo. Os monitores disseram a Nise que, em questões relacionadas aos animais, Carlos se expressava em frases inteligíveis. Ele ajudava na limpeza do espaço onde os cães dormiam e dava banho nos cães aos sábados. Ele e Sertanejo se tornaram amigos inseparáveis e Nise entende que o forte afeto permitia a Carlos a reintegração de sua psique, tornando mesmo possível a sua comunicação verbal (SILVEIRA, 2015). Esta relação está ilustrada na Figura 21, a seguir.

Figura 21 – Obra de José da Silva Paixão (s.d.)



Fonte: SILVEIRA (2015)

Nise conta uma história que ilustra de modo interessante o que a relação de Carlos com Sertanejo dizia sobre sua condição de esquizofrênico. Diz ela que, um dia, quando chegou no hospital, Carlos lhe pediu dinheiro para comprar água oxigenada, mercúrio cromo e gazes na farmácia. Ao questioná-lo sobre a razão de precisar desses, ele respondeu que era para tratar de um ferimento na pata de Sertanejo. Ela, então, lhe deu o dinheiro; na volta, recebeu dele o troco correto e o observou fazer o curativo com perícia. Deste modo, o intenso afeto nutrido pelo cão fez com que Carlos se expressasse racionalmente a fim de socorrer um amigo em sofrimento (SILVEIRA, 2015).

Para Nise, o resultado terapêutico da relação afetiva entre cliente e animais era tão significativo que ele contribuiu para dar suporte ao que ela chamou de afeto catalisador, conceito que será discutido no capítulo 6. Ainda assim, os animais não eram bem-vindos pelos colaboradores do hospital e a introdução da relação humano-animal naquele ambiente foi um dos maiores sofrimentos de Nise como psiquiatra (SILVEIRA, 1998).

Porém, neste campo também ela resistiu, reconhecendo os animais enquanto coterapeutas e tendo em Carlos um dos seus significativos exemplos para destacar os benefícios da relação humano-animal (MELO, 2001; SILVEIRA, 2015). Portanto, considerando sua importância para o trabalho terapêutico niseano, discorro a seguir sobre este tópico.

## 5 COTERAPEUTAS: a relação humano-animal

Na história da humanidade, os animais sempre figuraram enquanto protagonistas, de acordo com Borba (2017). Este autor assevera que, por milhares de anos eles apareceram em diversos registros históricos, ao lado dos seres humanos, fosse como animais de companhia, predadores, ou subordinados às necessidades e ordens humanas. Eu mesma acrescento, como mais adiante voltarei a lembrar, seu caráter divino para diversas culturas antigas.

De todos os papéis assumidos pelos animais em sua longa trajetória conosco, seres humanos, existe na Psicologia, e outras áreas de conhecimento, como a Fisioterapia, um campo de atuação no qual eles vem adquirindo considerável protagonismo enquanto facilitadores de processos terapêuticos. Refiro-me ao campo das Intervenções Assistidas por Animais (IAAs), nascidas da observação dos benefícios da Interação Humano-Animal (IHA).

Paracelso, médico do século XVI, acreditava que o afeto e o poder encontrado no espírito humano constituíam uma das razões principais pelas quais se dá o processo de cura e recuperação. Tal qual ele, Fine e Beck (2010) secundam este pensamento, resumindo que, em essência, pessoas mais saudáveis recebem e doam afeto. No entanto, com esta afirmação, eles dizem que isto não se restringe somente a relações humano-humano, mas, também, a relações humano-animal.

Melo (2001) conta que a ideia de ter os animais como facilitadores terapêuticos surgiu quando uma pequena cadela foi encontrada no hospital. A ela deram o nome de Caralâmpia e ela foi adotada por um dos internos do hospital. Nise observou, então, que não só a cadela melhorou com os cuidados do cliente Alfredo, mas também ele apresentou melhoras, ao se tornar mais receptivo ao tratamento. Nise testemunhou a cura de Alfredo e conseguiu para ele o cargo de monitor na oficina de encadernação (SILVEIRA apud CAMARGO; HORTA, 2009; SILVEIRA apud GULLAR, 2009).

Foi assim que ela passou a adotar animais abandonados que apareciam no hospital e a designar seus cuidados aos clientes (ARTE, 2016). Mello (2014, p. 103) afirma:

No seu ímpeto de criar pontes de comunicação com o esquizofrênico, Nise mais uma vez ousou, criando uma nova modalidade de atividade, em que animais funcionavam como coterapeutas. Seu objetivo era facilitar a construção de elos com a realidade externa por pessoas que dela haviam se afastado. Hoje essa prática é difundida em todo o mundo, com diferentes espécies de animais.

Mas a atenção de Nise aos animais já era de longa data. Ela amava todos os animais. Melo (2007) traz dois relatos notáveis de sua infância: em um, a pequena Nise, de quatro anos, viu uma galinha amarrada em sua casa, pronta para ser morta para o almoço, mas a criança se



compadeceu e soltou um grito, atitude à qual o pai correspondeu evitando que a galinha fosse morta e ela só veio a morrer de fato anos depois, de velhice; no outro relato, a menina Nise impediu um burro que havia empacado à frente de sua casa de ser chicoteado.

Enquanto criança, teve cães e afirma que os admirava pela sua fidelidade e grande capacidade de perdoar, ao contrário dela mesma. Contudo, preferia os gatos e chegou a ter 23 deles em sua casa. Achava-se mais parecida com eles, por parecerem estes não propensos ao perdão, e os admirava muito (SILVEIRA apud LEAL, 1994). Seu trabalho com os gatos e amor por eles deu gênese ao livro *Gatos, a emoção de lidar* (SILVEIRA, 1998).

É possível perceber em sua consideração para com os animais, que ela os enxergava como seres que deveriam ser tratados com tanta dignidade quanto os seres humanos. Deste modo, o pensamento cartesiano de que os animais eram máquinas destituídas de razão, indignou-a. Segundo Melo (2001, p. 126), o mundo para Nise não possuía partes cindidas ou desconexas, pelo contrário, ele era uma “unidade entre todas as coisas”. Assim, o seu amor pelos animais não se tratava de uma espécie de sentimentalismo, mas de sua relação com o sentido unitário do mundo.

A razão científica se credita dominadora da natureza e acima dela, contudo, creio que convém lembrar que o ser humano é uma espécie que, tal qual as outras, deriva da evolução das espécies. Portanto, como pode se supor superior à natureza, se esta é uma condição imprescindível à sua existência? Não existe qualquer novidade em afirmar que nosso planeta possui diversos ecossistemas cujo equilíbrio é interdependente. De fato, aquilo que pode parecer fragmentado somente o é para categorizações racionais; na verdade, o que há é uma unidade, a qual o pensamento humano vem tentando corromper, a começar por se crer superior a todo o resto.

Tal unidade pode ser vista em Nise como algo a ser valorizado e defendido. Neste sentido, Melo (2001) apresenta ainda outra história que nos esclarece uma vez mais a autenticidade e atuação niseana. Diz ele que, uma pessoa recém-chegada no grupo de estudos C. G. Jung disse não conseguir ver a relação entre a prática da farra do boi<sup>4</sup> e o mecanicismo. Ela, então, lhe respondeu que argumentos filosóficos não bastavam para lhe descrever o nível em que era afetada por esta prática, pois ela a afetava em um nível pessoal. Ela se identificava com o sofrimento do boi de tal modo que deixou de comer carne vermelha.

---

<sup>4</sup> A farra do boi era uma tradição folclórica do litoral de Santa Catarina que sofreu modificações ao longo do tempo, constituindo, mais recentemente, de práticas por parte dos “brincantes” em relação ao boi, provocando-o com movimentos agressivos para os perseguir. A prática, proibida em 1997 (MARTINS, 2017), era eminentemente violenta e Nise a ela se opunha com veemência.

No entendimento de Nise, considerando sua base na Psicologia Analítica, o animal está relacionado à instintividade do ser humano. Como ela mesma afirma, o relacionamento do ser humano com o animal “reflete a problemática entre o homem que se esforça para firmar-se na condição humana, e o animal existente nele próprio” (SILVEIRA, 2015, p. 93).

Remeto-me aqui à própria história humana, aos tempos ancestrais, quando os animais possuíam grande importância nas comunidades humanas. Rocha, Muñoz e Roma (2016) exemplificam isto citando as culturas shamanistas do paleolítico, nas quais a experiência espiritual incluía os espíritos guardiões que possuíam forma animal. Ao mesmo tempo, apontam também a cultura egípcia, na qual deuses e deusas possuíam cabeças de animais. A hierarquização da relação humano-animal, contudo, iniciada no Neolítico, evidencia-se nos dias atuais e possuem consequências diretas no modo como o ser humano faz ciência.

Enquanto aspectos de culturas tão antigas que se perdem no tempo, a relação de proximidade significativa que o ser humano um dia teve com os animais, e, deste modo, a sua própria animalidade, é vista em Nise enquanto um elemento fundamental do inconsciente coletivo (SILVEIRA, 2015).

De uma perspectiva fenomenológica, há um ponto comum essencial com este entendimento: a animalidade humana. Bastos e Borba (2018) se referem à origem comum de seres humanos e animais, e ao vínculo estabelecido entre eles. Isto significa dizer que a hierarquização efetuada pelo ser humano, ao se distanciar de suas relações com a natureza a partir do neolítico, serviu como base para a moderna objetificação dos animais. Ou seja, estabeleceu-se uma relação utilitária, na qual os animais são obrigados a servir aos propósitos humanos, desprovidos do direito de direcionar sua própria existência no mundo.

Como Ribeiro (2011) coloca, por conta de sua capacidade de linguagem, emoção e raciocínio, o ser humano ocupa uma posição privilegiada em sua relação com a natureza, engendrando em um pensamento antropocêntrico que dificulta a reação ao sofrimento de outros seres que não sejam da mesma espécie. Logo, a reunião entre seres humanos e animais é pautada pela utilidade, o que também contribui como justificativa para o sacrifício destes para satisfazer falsas necessidades.

Na ciência, como aponta Borba (2017), por muitos anos os animais vem sendo utilizados em experimentos, sendo submetidos à sofrimentos que são justificados sob um discurso de desenvolvimento técnico e científico. Esta ciência, além disso, atende aos interesses de empresas capitalistas, como a indústria cosméticos, farmacêutica e de alimentos.

Tal instrumentalização da natureza faz parte da crítica que Husserl (2009, 1936/2012) faz à ciência moderna, uma vez que esta é caracterizada pela objetificação do

mundo. O método das ciências naturais esvaziou o sentido do vínculo humano-animal e isto se reflete, como elucidam Bastos e Borba (2018), no uso do animal enquanto recurso em intervenções terapêuticas efetuadas puramente enquanto técnica. Esta instrumentalização, no entanto, só poderá ser superada através da retomada da animalidade humana, da reintegração com a natureza, e, assim, do reconhecimento dos animais enquanto seres que compartilham de sua essência vivente e anímica, sendo, portanto, dignos de cuidado e respeito.

Atualmente, por exemplo, é possível perceber um movimento em expansão de defesa dos direitos dos animais, de pessoas aderindo à dieta vegetariana ou vegana, e de empresas que estão abandonando o uso de animais em testes. Atitudes, em muito, resultantes de uma mudança de pensamento em torno da relação humano-animal, mas que ainda possui longo caminho adiante, dado que vão na corrente contrária a práticas e pensamentos há muitos tornados tradicionais nas culturas majoritárias.

Seguramente, a capacidade de linguagem, emoção e raciocínio dos animais não equivale a dos seres humanos, como discute ainda Ribeiro (2011), mas isso não significa que não devam ser valorizados em seu modo próprio, afinal, como diz Melo (2001, p. 127), “a Razão não pode servir de pretexto para dominações sobre a natureza”. Penso que aqui assentasse bem a reflexão de Bartlett (1994) de que valorizar os animais em si mesmos é romper a tradição humana de exploração daqueles e, talvez, reconhecer que, de diversos modos, os animais são “melhores” do que os humanos.

Penso que a percepção acerca do valor intrínseco dos animais foi fundamental para que Nise observasse que a existência de uma relação de afeto com os animais, uma relação destituída de utilitarismo, possuía caráter terapêutico, o que fez dela a pioneira na inserção de animais enquanto facilitadores terapêuticos no Brasil (ROCHA; MUÑOZ; ROMA, 2016).

Para fins de conhecimento históricos sobre a IHA no tratamento terapêutico, o primeiro caso conhecido de uso intencional dos animais enquanto facilitadores terapêuticos datam do século XI em um hospital belga. Neste caso, os animais se tratavam de pássaros. Esta prática se difundiu por hospitais europeus nos séculos XVIII e XIX (GRANDGEORGE; HAUSBERGER, 2011).

No fim do século XVIII, teorias socializadoras referentes a companhia animal começaram a ser aplicadas ao tratamento da doença mental. Segundo Serpell (2013), o primeiro experimento documentado de uso de animais no tratamento de doentes mentais aconteceu na Inglaterra, no York Retreat. Neste retiro, os pacientes eram estimulados a se ocupar com atividades manuais, escrita e leitura, bem como dispunham de liberdade para usarem suas

próprias roupas e andar livremente pelos pátios e retiros do ambiente, interagindo com os animais.

E, no século XIX, a inclusão de animais no tratamento de doenças mentais tornou-se cada vez mais comum, adquirindo aparente sucesso, e tendo como exemplo, segundo Grandgeorge e Hausberger (2011), o Instituto Blethel, na Alemanha, o qual incluía atividades em uma fazenda, com cavalos, cães, gatos, etc.

Entretanto, com o advento da medicina científica, segundo Serpell (2013), as referências aos animais no ambiente hospitalar quase desapareceram no início do século XX. Os próximos registros, que atestam o ressurgimento recente do interesse pelos benefícios terapêuticos do vínculo com animais, advém da década de 60, com o trabalho de Boris Levinson (SERPELL, 2013; ROCHA; MUÑOZ; ROMA, 2016), trabalho este que foi exposto por Levinson no livro *Pet-Oriented Child Psychotherapy* (1997). Tal empreendimento surgiu quando ele notou que muitas das crianças introvertidas que ele tratava interagiam com facilidade com Jingles, seu cachorro, e, deste modo, Jingles ajudava na mediação do processo terapêutico.

Em paralelo à Levinson, houve também Elizabeth e Samuel Corson, que se interessaram por estudos de características comportamentais e psico-fisiológicas de cães. Como o estudo foi conduzido em um hospital, eles perceberam que havia grande interesse de alguns pacientes em interagir com os animais e decidiram conduzir um estudo empírico de tal interação, uma vez que perceberam haver mudanças benéficas nos quadros clínicos (GRANDGEORGE; HAUSBERGER, 2011).

Desde então, a inserção da Interação Humano-Animal (IHA) no ambiente terapêutico tem sido crescente, como afirmam Rocha, Muñoz e Roma (2016). Estes autores informam que, a partir da década de 70, surgiram diversas organizações multidisciplinares destinadas ao estudo da IHA, como, por exemplo, o *Joint Division Committee on Pets in Society* (JACOPIS), no Reino Unido, a *Association Française d'Information et de Recherche sur l'Animal de Compagnie* (AFIRAC), na França, e a *Delta Society*, nos Estados Unidos.

Esposito *et al.* (2013, p. 19) compreendem a IHA como “relações mútuas e dinâmicas entre pessoas e animais e [...] maneiras como essas interações podem afetar a saúde física e psicológica e o bem-estar”. Ao mesmo tempo, Sanders (2003) entende esta interação como uma relação de intersubjetividade, pois exigem que os participantes avaliem a situação, percebam a perspectiva alheia e, considerando as regras estabelecidas no contexto, decidam como agir em relação ao outro.

A existência de uma relação intersubjetiva entre humanos e animais pressupõe a existência de algo como uma subjetividade animal. Compreendo, neste contexto, que é uma afirmação que pode causar desconforto e descrédito, especialmente no meio científico, dado que ela implica o reconhecimento de que seres humanos e animais possuem aspectos em comum para além de similaridades biológicas, aspectos estes que dizem respeito ao animal como mais do que uma máquina irracional. E, em um meio em que a superioridade humana sobre o animal é aceita, muitas vezes, como uma verdade absoluta, contrapor a existência dos animais como recursos à disposição do ser humano e como “objetos vazios” de interioridade, é um verdadeiro desafio.

Em um entendimento diferente, o animal sai da posição de objeto que lhe é atribuída pelo antropocentrismo científico moderno e passa a dispor de experiência própria. Painter e Lotz (2007) defendem que, se os animais possuem perspectiva vivenciada e unificada do mundo, então devemos concluir que eles não só vivem parcialmente ou acidentalmente no mesmo ambiente que os humanos, mas que compartilham com eles a objetividade daquilo que denominamos ‘mundo’. Ruonakoski (2007, p. 79) também faz esta defesa com o seguinte exemplo:

[...] the dog’s perception of the world is different from mine – this becomes evident when I perceive something that the dog cannot perceive with the same ease, and vice versa – but nevertheless we share the same space-time, against the background of which our behavior appears as meaningful and as goal-oriented [...] our gestures take place in a particular space, they trace directions onto it, and the directedness of our bodies is to me – as a participant in the game – constitutive of the fundamental level of our *mutual understanding*.<sup>5</sup>

Evidentemente, por se tratar de espécies diferentes, a perspectiva sobre o mundo é ainda mais diferenciada do que aquela que varia de um ser humano para o outro, contudo, como se prolonga ainda Ruonakoski (2007), muito embora não possamos ter uma ideia exata do que se passa na “cabeça do animal” – tal qual não é possível no caso de um outro ser humano –, as ações deste manifestam para nós um direcionamento e motivação dentro de um contexto que nos pode ser compreensível.

Ruanakoski (2007) explica ainda que pode ser que alguém sugira que é possível que o próprio humano possa estar projetando suas intenções no animal e afirmando ser as deste,

---

<sup>5</sup> Tradução do trecho: [...] a percepção que o cachorro tem do mundo é diferente da minha – isto se torna evidente quando eu percebo algo que o cachorro não pode perceber com a mesma facilidade, e vice-versa – mas, mesmo assim, dividimos o mesmo espaço-tempo, contra o plano de fundo no qual nosso comportamento aparece como significativo e orientado para um objetivo [...] nossos gestos acontecem em um determinado espaço, eles traçam direções sobre ele, a o direcionamento de nossos corpos é para mim – enquanto participante do jogo – constitutivo do nível fundamental de nosso *entendimento mútuo*.

todavia, não podemos acessar a subjetividade de outro ser humano diretamente, mas, ainda assim, conseguimos acessá-la análoga à nossa. O mesmo pode ser aplicado aos animais. A este fenômeno damos o nome empatia/entropatia, o qual figura em Alles Belo (2004).

Do mesmo modo, Walsh (2009) secunda este entendimento em seu estudo sobre animais de companhia, indicando que, muito embora eles não falem, é evidente que eles entendem e se comunicam com as pessoas de diversos modos. A autora adverte que a suposição desdenhosa “é somente um animal” tem impedido muitos no campo científico de enxergar a significância nesses vínculos entre humanos e animais.

Brown (2007) sustenta que, quando as suposições inerentes à dualidade estrutural dominam o pensamento científico, tal qual a ideia de que somente os humanos possuem valor, a nossa abertura natural para bens e valor não-antropocêntricos é frequentemente ignorada ou falsificada. Em acordo com Walsh (2009), para Brown (2007), muitos seres humanos se relacionam de modo profundo e empático com seus animais de companhia e é comum que estas vivências sejam desconsideradas e desrespeitadas como se fossem mero sentimento, quando, na verdade, doam sentido às nossas vidas e nos ajudam a elaborá-las.

Nise corrobora com este mesmo pensamento e afirma que a maioria de seus colegas não compreendia isto. Retomando o comentário já feito sobre o desafio e sofrimento que foi para ela a colaboração dos animais como coterapeutas, em 1960, um administrador do hospital ordenou que os mesmos fossem recolhidos e entregues para o serviço de capturas de animais do Estado (onde seriam eletrocutados). Nise conseguiu reverter a situação. Porém, em 1961, nove cães amanheceram mortos por envenenamento (SILVEIRA, 2015). O ambiente do hospital psiquiátrico, assim, acreditava-se não só senhor do saber sobre os esquizofrênicos, mas também, senhor da natureza ao desmerecer a vida animal.

Penso que, para compreender a relevância da interação humano-animal é necessário compreender o seu sentido. Como afirma Husserl (1931/2001a, p. 163), “tudo o que existe para mim só pode extrair seu sentido existencial em mim”. Portanto, as vivências adquirem, para mim, um sentido. Deste modo, as interações humano-animal adquiriam, para os clientes de Nise, um sentido de acordo com seu mundo próprio, sua história e cultura. A fenomenologia husserliana tem a elucidação dos sentidos das vivências como questão fundamental.

McCardle *et al.* (2013) discutem a necessidade de pesquisas na área da Intervenções Assistidas por Animais (IAAs) e, muito embora não citem o método fenomenológico em seu estudo, discutem que é indispensável considerar que as pessoas atribuem significados a suas vivências que não há realidade sem contexto e separada de quem a vivencia. Como entendo, fenomenologicamente, não há sujeito separado do objeto.

Conforme assevera Sanders (2003), uma pessoa define comumente a sua relação com o animal sob sua tutela enquanto uma forma de amizade. E as experiências de interação nesta relação são importantes para a autoidentidade da pessoa e para a satisfação relacional. Amizades são relacionamentos emocionalmente ricos, pois fornecem apoio mútuo e a partes podem agir como confidentes e aproveitar atividades juntas. Com alguns animais, por exemplo, a brincadeira desempenha um importante papel no entendimento mútuo de humano e animal e fortalecimento do vínculo, assim como o contato olho-a-olho e a atenção às expressões faciais do outro.

É comum que o tutor dê voz ao que o animal está supostamente pensando, demonstrando singular conhecimento sobre ele. Ao mesmo tempo, o animal possui a habilidade de reconhecer e responder às experiências emocionais de seu tutor (SANDERS, 2003). Para mim, tais evidenciações são perceptíveis no meu próprio convívio com cães e gatos: em cada um deles, observo um modo próprio de ser e responder às minhas ações e emoções e, também, àquelas de meus familiares. Porém, seguramente, os aspectos essenciais de cada espécie de animal também devem ser levados em conta.

Relativo a isso, sobre a sua experiência com animais em Engenho de Dentro, Nise atesta que o cão é muito apto a ser um ponto de referência no mundo externo, por possuir qualidades tais quais: doar incondicional afeto sem demandar nada em troca, não provocar frustrações e levar alegria ao ambiente insensível do hospital. E os gatos também seriam muitos afins aos esquizofrênicos por serem discretos e singulares em sua maneira de doar afeto (SILVEIRA, 2015).

Destarte, além de Carlos e Alfredo, houve outros exemplos da relação entre esquizofrênicos e animais no ateliê, como o caso de Abelardo e a gata Shelton e os cães Tomatinho, Bolinha e Wolf. Abelardo, que era temido nas enfermarias por sua agressividade, dedicava-se a cuidar de cães e gatos abandonados cujo esconderijo somente ele conhecia. Outro caso foi o de Djanira, a qual não interagira com os funcionários do hospital e não falava, mas passou a interagir com os animais do STOR e, um dia, foi surpreendida dizendo “bonitinha...bonitinha mesmo” a uma gatinha (SILVEIRA, 2015).

Estes esforços de Nise foram um ensaio muito mais vivencial do que teórico. A interação humano-animal em suas intervenções se deram de modo intuitivo (em consonância, mais uma vez, com a atitude fenomenológica) e pouca produção escrita há em sua obra sobre esta interação. Porém, sua contribuição foi evidente e, como sustentam Rocha, Muñoz e Gomes (2016), preparou as bases para o desenvolvimento das Intervenções Assistidas por Animais no

Brasil. Devo ressaltar, porém, que a relação dos clientes de Nise com os animais não era sistematizada, mas espontâneas e livres.

Os animais têm participado de intervenções em uma diversidade de ambientes, como clínicas psiquiátricas e ambientes terapêuticos, mas também escolas, instituições para idosos, presídios, centro de recuperação para o vício em drogas, etc. (MCCARDLE *et al.*, 2013; ROCHA, 2016). Progressivamente, ele adquiriu espaço nesses cenários enquanto participante de uma prática alternativa e complementar, a qual visa efetuar melhorias na qualidade de vida daqueles a quem atende (BORBA, 2015).

Estas intervenções, denominadas Intervenções Assistidas por Animais (IAAs) se apresentam em diferentes modalidades, como: 1) Terapia Assistida por Animais (TAA), uma intervenção planejada, estruturada com um objetivo e conduzida por um profissional formalmente treinado; 2) Atividade Assistida por Animais (AAA), uma intervenção planejada com um objetivo, desenvolvida através da interação informal e conduzida pelo terapeuta para propósitos educacionais, motivacionais e recreativos ; e 3) Educação Assistida por Animais (EAA), intervenção planejada com um objetivo e conduzida por um profissional da educação ou de área similar, na qual o foco são objetivos acadêmicos, habilidades sociais ou funcionamento cognitivo (IAHAIO, 2014).

Savalli e Ades (2016) possuem uma consideração pertinente ao apresentar o relacionamento interespecífico enquanto um relacionamento em que, por possuir espécies diferentes – com aparatos sensoriais e cognitivos distintos –, cada parte pode participar da interação de um modo diferente e especial.

Conforme pensa Rocha (2016, p. 69), as IAAs, demandam “grande complexidade logística e de gerenciamento”. Elas exigem que certos critérios sejam atendidos, a saber: a seleção do animal (espécie, temperamento, capacidade de adaptação etc.), conhecimento de sua história de vida, atualização das vacinas e cuidados com sua saúde, bem como uma visão sistêmica a respeito de suas necessidades, do ambiente no qual ele será inserido e com quem interagirá.

Trujillo, Tedeschi e Williams (2013) enfatizam ainda o modo de se comunicar do animal e as qualidades que animais específicos podem trazer para a intervenção. Um olhar atento para essas especificidades é essencial não só para o sucesso da intervenção, mas também para garantir o bem-estar do animal e daqueles com o qual ele interagirá.

Chelini e Otta (2016) apontam que a maioria das IAAs tem cães e cavalos como coterapeutas, contudo, pode-se encontrar intervenções sendo realizadas com gatos, roedores, animais de fazenda, aves, dentre outros. De acordo com Vasconcellos (2016), deve haver uma



seleção adequada de espécie, raça e perfil, destacando que este tipo de intervenção costuma ser maior com espécies domesticadas.

Em todo caso, há uma tríplice à qual se deve atentar: o profissional, o animal e o cliente. Todos possuem suas características próprias, portanto, o terapeuta deve estar atento não só ao seu papel e aporte teórico, mas também àquilo que o cliente e o animal demonstram, no que diz respeito tanto a características gerais quanto a aspectos que aparecem no momento da terapia. Como crê Roma (2016), deve-se criar condições favoráveis para o estabelecimento produtivo do vínculo entre os envolvidos no processo terapêutico, e, adiciono, de modo a salvaguardar o bem-estar de todos.

É importante considerar, assim, que nem todo paciente está apto a participar de IAAs, pois há dentre eles os que apresentam medo de animais, que podem ser agressivos com eles, etc. (ROMA, 2016). Nise conta o caso de Octávio, o qual acreditava que o pássaro bem-te-vi denunciava em seu canto as tendências homossexuais no cliente. Nutria, então, o desejo de exterminar esses pássaros. E, conta ainda, o caso de Darcy, que tinha grande medo de cães e gatos (SILVEIRA, 2015).

Savalli e Ades (2016) sustentam que os benefícios da IHA dependem das experiências prévias que as pessoas tiveram com eles. Considerando a abordagem niseana, entretanto, creio que, para Nise, tais dificuldades de relacionamentos com animais (ou espécies específicas deles) poderia estar também relacionada a imagens do inconsciente coletivo.

Da mesma maneira, o bem-estar do animal também deve ser levado em consideração. Durante uma atividade, por exemplo, o que acontece quando o animal não demonstrar interesse em interagir? Por muitas vezes estar submetido ao controle do condutor (e, em diversos casos ter sido treinado para as interações), pode ser que, em dadas situações, reste ao animal muito pouco controle sobre os aspectos que o afetam diretamente nas interações (ROCHA, 2016), o que impacte sua saúde física e emocional. É necessário reconhecer que o animal precisa de liberdade para interagir.

Neste ponto, devo destacar e enfatizar que nestas intervenções também o animal está em risco de ser visto como um recurso, um objeto, submetido à uma perspectiva utilitarista. Reconhecer o valor do animal é tão importante quanto reconhecer o valor do humano, assim, a interação deve trazer benefício para ambos e, suas vontades e necessidades, devem ser respeitadas. É imprescindível que o profissional tenha a clareza de que a autenticidade do processo terapêutico se baseia não na técnica, mas no estabelecimento do vínculo. E, como destacam Bastos e Borba (2018), este vínculo só pode existir em uma relação na qual o animal não é tratado como objeto. Assim, estas interações devem ser efetuadas respeitando o modo de

ser próprio do animal e do cliente, bem como o seu tempo. Neste sentido, o profissional deve perceber, também, em quais momentos a presença do animal se faz pertinente ou não.

Segundo Boucher e Will (1991), em geral, as pessoas percebem os animais como mais acolhedores e menos críticos. Deste modo, em instituições para idosos, eles podem também, ajudar a aumentar a interação entre os residentes e a equipe de profissionais. Na fisioterapia, podem animar os participantes e oferecer companhia. E, em instituições psiquiátricas pode ajudar a catalisar interações também entre o terapeuta e outros membros do grupo.

Não deve causar espanto, assim, que Nise tenha elevado os animais de Engenho de Dentro ao posto de coterapeutas, considerando-os tão importantes e capacitados (em termos afetivos) quanto o próprio profissional da psiquiatria ou psicologia.

As IHAs se mostram como um valioso veículo terapêutico, porém ainda há uma incipiência de pesquisas neste campo e, muitos dos estudos, possuem inconsistências metodológicas. Dentre todos os fatores a serem considerados, no entanto, a ética deve sempre orientar as intervenções (TRUJILLO; TEDESCHI; WILLIAMS, 2013). É necessário reconhecer que os animais também possuem uma modalidade diferenciada de vivência subjetiva e implicam a responsabilidade do ser humano em relação às outras espécies.

Os artistas de Engenho de Dentro também mostraram em produções plásticas a forte presença do animal, a qual Nise dizia ser uma animalidade que o esquizofrênico vivenciava em si-próprio. Na verdade, ela notou também o aparecimento de preocupações de seus clientes quanto à própria vida. Muitos doentes demonstravam preocupação com o cuidado das plantas (SILVEIRA, 2015).

Creio ser curioso que esquizofrênicos, declarados em diagnóstico enquanto embotados afetivamente e intelectualmente incapazes pela psiquiatria, pudessem não só interagir saudavelmente com animais, mas também cuidar deles com zelo. Aquilo que se aprendia em manuais de psiquiatria não correspondia à evidência que se apresentava em Engenho de Dentro. É curioso que Nise tenha sido uma das poucas a conferir aos marginalizados – esquizofrênicos, arte e animais – a dignidade e dedicação que lhes era devido. Que se tenha disposto a aprender com eles antes de interpretá-los.

Devo pontuar que, na fenomenologia, estudamos o sujeito em estado de esquizofrenia, e não a esquizofrenia do sujeito ou no sujeito. A esquizofrenia não constitui a totalidade do sujeito, mas sim uma de suas características, a qual afeta o modo como ele se relaciona com o modo, mas não o determina (PÉREZ-ALVÁREZ; GARCÍA-MONTES; SASS,

2010). Deste modo, a compreensão deste estado não passa pelo diagnóstico, mas em como a pessoa vive neste estado. Em buscar escutar e perceber o que isto significa para este sujeito.

Neste mesmo sentido, cada um apresenta suas particularidades e contribuições para as pesquisas de Nise, bem como para suas transformações pessoais. A estas pessoas, ignoradas em seu modo de existir pelos demais psiquiatras, Nise oportunizou a escuta e o olhar, bem como o espaço para se expressarem pelas vias que conseguiam mobilizar. E, deste modo, seus esforços e aqueles de seus monitores e clientes ajudaram a construir uma ciência e prática terapêutica ética e reformadora.

A investigação científica no campo das IHAs ainda é diminuta e possui pouco apoio institucional e aceitação na academia, apesar disto apresentar sinais de mudança (TRUJILLO; TEDESCHI; WILLIAMS, 2013). Serpell (2010) e Walsh (2009) atribuem este número insatisfatório em pesquisas, em grande parte, aos cientistas ainda tenderem a considerar somente relações humano-humano como importantes. Mas a prática e pesquisa solitária de Nise a colocam na história desses estudos.

Por fim, para Serpell (2010, p. 29, tradução nossa) “com o gradual desaparecimento deste ultrapassado e prejudicial modo de pensar, nós possamos retornar para uma visão mais holística e compreensiva da contribuição potencial dos animais para o bem-estar humano”.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> No original: “hopefully, with the gradual demise of this old-fashioned and prejudiced mindset, we can return to a more holistic and open-minded view of the potential contribution of animals to human well-being”.

## 6 NISE E A ATITUDE FENOMENOLÓGICA: caminhos para a Psicologia Clínica Fenomenológica

A análise da literatura estudada através do método fenomenológico evidenciada nos capítulos anteriores revela como essências das intervenções clínicas de Nise: a suspensão dos preconceitos e teorias, a abertura para apreender o outro no seu modo de ser, a valorização do afeto como elemento terapêutico, o uso da expressão artística, os animais enquanto facilitadores terapêuticos e o uso da abordagem junguiana.

De modo semelhante, Holanda e Schleder (2015) corroboram com isto ao apontarem que o pioneirismo de Nise tomou referência em características do seu trabalho como: forma de tratamento, visão da psicopatologia como modos de ser, liberdade de expressão artística e a formação do vínculo afetivo para o tratamento. O pioneirismo em questão relembra-me de Mello (2009, 2014) ao chamar Nise de psiquiatra rebelde. De fato, é comum que inovações sejam recebidas pela sociedade – neste caso, a comunidade psiquiátrica – sob a alcunha de “rebeldia”, palavra empregada pejorativamente, ao passo que, para Mello e o demais que admiravam Nise da Silveira, tal termo é um elogio.

As mudanças realizadas por Nise no Hospital Pedro II aconteceram em uma época em que os métodos da Psiquiatria ignoravam a necessidade de oferecer liberdade e afeto para os internos e, ao contrário, ofereciam a violência em seus procedimentos e relação com eles. Por se opor a isto, Nise foi rebelde, construindo uma nova Psiquiatria através do cuidado. E deste modo, aponto uma outra essência de suas intervenções: a crítica à tradição psiquiátrica.

Portanto, uma vez descrita a atuação de Nise por meio da expressão artística e da interação entre humano e animal, chego ao ponto desta dissertação em que, após a elucidação da atuação clínica de Nise, através da expressão artística e das IHAs, encontro-me em posição oportuna para abordar a fenomenologia e como esta pode estabelecer um diálogo com as intervenções niseanas.

A análise aprofundada das essências das intervenções clínicas de Nise revela que, de acordo com Holanda e Schleder (2015), em muitos pontos, a sua atuação se assemelha à atitude fenomenológica, ao trazer o sujeito para o centro da clínica, algo que era destacado pela própria psicopatologia fenomenológica. E, assim, como creio, Nise apresenta contribuições significativas para Psicologia Clínica Fenomenológica.

Portanto, a fim de cumprir o objetivo de evidenciar esses pontos em comum, em princípio, parto da atitude fenomenológica e sua relação com a metáfora da peneira.

## 6.1 A peneira e o mundo da vida

Sobre a porta da biblioteca de Nise, havia uma peneira ladeada por dois abanos. E sempre que alguém a perguntava o que aqueles objetos faziam ali, ela respondia que sua tia costumava fazer um delicioso doce de laranja, cujo segredo do gosto estaria em peneirar sete vezes e manter o fogo aceso com o vento dos abanos. Isto se tornou, então, uma metáfora para o trabalho de Nise. Seria necessário peneirar sete vezes antes de chegar no ponto (MELO, 2001).

Apesar de apoiar-se sobre Psicologia Analítica como base teórica para suas intervenções clínicas, Nise relata que tudo que aprendeu sobre psiquiatria, aprendeu com os seus clientes. Ela diz sempre partir daquilo que o doente diz, sente ou faz e nem sempre considerar o que diz a teoria, mesmo a teoria de Jung (SILVEIRA apud LEAL, 1994). Para ela “a convivência com o esquizofrênico ensina muitas coisas surpreendentes” e “seria bom se o psiquiatra concedesse tempo e atenção para escutá-lo” (SILVEIRA, 2006, p. 144).

Neste ponto, posso perceber o realce da relação afetiva (a qual será discutida posteriormente) como catalisadora do processo de cura de esquizofrênico, que era prévio à própria teoria. Seu entendimento indica, como ressaltam Holanda e Schleder (2015), que ela, primeiramente, coloca as teorias em suspensão para entrar em contato com os pacientes; proceder similar àquele da atitude fenomenológica.

A peneira é uma demonstração da atitude cautelosa e minuciosa anterior à formulação de qualquer conclusão acerca do objeto para o qual se volta, algo que creio se alinhar de modo expressivo com a atitude fenomenológica. Ela permanecia em cima da porta da biblioteca como uma espécie de insígnia representando toda a prática profissional de Nise e seu modo de se direcionar para o mundo.

A atitude fenomenológica é baseada na proposta husserliana de suspensão de qualquer *a priori* teórico ou experiencial e de compreensão dos fenômenos. Edmund Husserl (1859-1938) é considerado o pai da fenomenologia, palavra derivada do termo grego ‘*phainomenon*’ e que pode ser traduzida como “aquilo que se mostra” (GOTO; HOLANDA; COSTA, 2018). Deste modo, fenômeno é tudo aquilo que aparece. A fenomenologia nasce com o intuito de fundamentar uma teoria do conhecimento, superando a dicotomia sujeito/objeto que vigorava no interior do meio científico. Para isto, Husserl se volta para o *ego cogito*, ensaiado por Descartes, ou seja, para o sujeito que conhece por meio de sua consciência.

Enquanto uma filosofia de rigor, a fenomenologia não pode existir sem um método. Eis que Husserl elabora o método fenomenológico. E, neste, para que se possa conhecer um

fenômeno, é necessário, primeiramente, suspender tudo aquilo que se pensa saber sobre ele. Este movimento é por ele denominado *epoché* e é o primeiro passo para a busca das essências do fenômeno, sendo seguida pela redução fenomenológica, a qual é, em si, a busca pelas essências, aquilo que é invariável no objeto (HUSSERL, 2006).

Ao afirmar que sempre parte do que o doente diz, escuta ou faz e que nem sempre considera o que os livros falam, nem mesmo aquilo que diz Jung (SILVEIRA apud LEAL, 1994), Nise evidencia que o ponto de partida para suas intervenções era o contato imediato com o cliente, considerando aquilo que aparecia. É deste modo mesmo que ela parte para o estudo das imagens ao reproduzir a fala de Fernando Diniz quando este diz que mudou para o mundo das imagens: ora, se o próprio cliente diz que mudou para o mundo das imagens, por que ela iria continuar a tentar entendê-lo por uma linguagem racional? (SILVEIRA apud LEAL, 1994; SILVEIRA, 2015).

Associado a isto, o realce da relação afetiva como catalisadora deste processo de cura era prévio à própria teoria. Segundo Holanda e Schleder (2015), ela coloca as teorias em suspensão para entrar em contato, primeiramente, com os pacientes; o que é um exercício fenomenológico. Ela abdica da atitude natural para empreender uma atitude fenomenológica e buscar nas vivências dos sujeitos doentes o essencial do saber que a permitirá conhecê-los.

Desta maneira, considero que as vivências no mundo estão relacionadas diretamente com o modo de ser esquizofrênico, de modo que compreender estas vivências em um movimento empático é adentrar o mundo do cliente e ver a sua história e modo de se relacionar com o mundo como elemento fundamental para o processo terapêutico.

Coaduno com Castro e Lima (2007, p. 366) ao sustentarem que, no pensamento niseano, era necessário pensar a vida psíquica como um “processo constante de interação com aquilo que cerca cada ser humano”. Em correlato, também, com o que reiteram Holanda e Schleder (2015), quando escrevem que Nise se volta para a relação que os pacientes estabelecem com o mundo e é ao notar isto, por exemplo, que ela vê o potencial dos animais como aliados terapêuticos.

Este mundo dos artistas de Engenho de Dentro, segundo compreendo, pode ser tomado, na fenomenologia, sob a ótica do conceito de mundo-da-vida. Pois decerto que a teoria junguiana adotada por Nise aborda um inconsciente que não faz parte da fenomenologia enquanto fundamento; no entanto, entendo que o mundo-da-vida, como o mundo das vivências originárias das pessoas, pode apresentar contribuições para a compreensão do modo como os clientes se relacionavam com o entorno e se expressavam.

Em princípio, antes de explicitar este mundo-da-vida conceitualmente, serei mais abrangente. Começo do dicionário mesmo: “MUNDO, s. m. Conjunto de espaço, corpos e seres que a vista humana pode abranger; globo terrestre; universo; a humanidade; a maioria dos homens; a vida presente; (fig.) classe social; os prazeres materiais da vida; grande quantidade [...]” (BUENO, 2007, p. 529).

Estas definições da palavra “mundo” expõem, resumidamente, os diversos significados atribuídos a este termo de uso corrente no cotidiano. As distintas acepções geralmente são diferenciadas pelo contexto em que são empregadas, considerando, também, o seu uso em associação com outras palavras, como “mundo da arte”, “mundo da moda”, “mundo da política”, etc. Em cada caso, “mundo” se refere a tudo aquilo que faz parte do escopo de ações e eventos concernentes ao substantivo sendo representado (arte, moda, política, etc.).

Quando se fala em “mundo da ciência”, contudo, penso que podem se evidenciar duas possibilidades de significado: 1) daquilo que faz parte do fazer e pensar construído por cientistas; 2) daquilo que a ciência entende por mundo.

É o entrelaçamento destes dois pontos que suscita em Husserl, na obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica* (1936/2012), o questionamento acerca do modo de fazer ciência. Esta obra discorre sobre o olhar que o cientista direciona para o mundo e questiona, a partir disto, a condição humana em um período de grandes avanços científicos, porém, avanços que surgem acompanhados de graves interrogações éticas.

É essencial pontuar que a obra foi publicada no lapso de tempo entre as duas grandes guerras e que, enquanto construção filosófica de um autor de prolífica produção, cujo ponto de partida havia sido a possibilidade de fundamentação do saber, não passaria despercebido a Husserl o papel da ciência na máquina de destruição e, muito menos, não ficaria isto de fora da formulação de sua fenomenologia.

Para Husserl (1936/2012), a ciência tomou o mundo pela régua de suas teorias e negligenciou que ele era diverso daquilo que pode ser objetificado. Em outras palavras, penso que Husserl tece uma crítica não só à ciência enquanto prática de um método enviesado, mas também enquanto agente-chave na dinâmica social.

Ele parte de uma investigação histórica que inicia no mundo de idealidades da matemática grega e adquire importante advogado em Galileu. Neste, o mundo é um mundo de idealidades, no qual as figuras espaço-temporais são vistas como geometricamente perfeitas, e não como de fato são. É um mundo de idealidades puras, que pode ser medido e dominado sistematicamente pelo método científico (HUSSERL, 1936/2012).

Entretanto, a realidade não corresponde a uma idealidade. Na natureza, não há formas perfeitas, de modo que o saber científico é *pretensamente* exato, é sempre uma aproximação do real. A natureza, em verdade, participa de um mundo pré-científico, anterior à toda teoria lógico-formal, e única fonte verdadeira de conhecimento. Como afirma Missaglia (2018), a passagem da natureza pré-científica para a idealizada, em Galileu, é uma tendência que continua a ganhar espaço e a trazer novas consequências para o conhecimento científico.

Mas o que esta tendência significa concretamente?

Se o que a ciência busca medir não é de fato aquilo que os objetos são, há um distanciamento entre o ideal e o real, entre o mundo da ciência e o mundo-da-vida, este que é o mundo pré-científico. E, uma vez que isto ocorre, há a objetificação do conhecimento, caracterizando a atitude natural, uma discussão que atravessa toda a obra husserliana.

A oposição sujeito/objeto, já exposta no pensamento cartesiano, apoia-se sobre a ideia de que tudo é possível explicar e controlar através de fórmulas. Não se trata somente do método científico, mas de como este saber é utilizado para manipular os objetos no fenômeno da tecnicização – a aplicação esvaziada de sentido do conhecimento científico (HUSSERL, 1936/2012).

A objetificação ignora a subjetividade, afirmando que todo conhecimento válido deve ser obtido através da postura “neutra” do cientista. Porém, para Husserl (2009) isto não seria mais do que uma ingenuidade do cientista, o que não significa ação ou conhecimento inocente, mas conhecimento vazio, pretensamente objetivo. Neste mesmo sentido, Nise afirma que “em toda observação científica entra uma equação pessoal” (SILVEIRA apud BOCAI *et al.*, 2009, p. 69). Enquanto conhecimento vazio, a objetificação contribui para o encobrimento do mundo humano, negligenciando as vivências dos sujeitos, as quais são as fontes reais do conhecimento (HUSSERL, 1936/2012).

Tais vivências fazem parte do domínio do mundo-da-vida (HUSSERL, 1936/2012). Neste sentido, Struchiner (2007) assegura que a fenomenologia como um retorno às coisas mesmas é um retorno às vivências, dado que os objetos aparecem sempre para uma consciência e, portanto, é esta consciência – que em Husserl alcança a transcendentalidade – e seu aspecto intencional que deve ser investigado.

Portanto, o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) é o mundo de todo conhecimento possível, do domínio das evidências originárias, é dado pré-cientificamente, de modo subjetivo, na experiência sensível do dia-a-dia. Ele aparece para cada um de nós de modo diversificado, e suas aparições “valem para cada um como aquilo que efetivamente é” (HUSSERL, 1936/2012, p. 17).



Como mundo das vivências originárias, cabe à fenomenologia conhecer de que modo este mundo é vivenciado pelos sujeitos. Cada sujeito doa sentidos aos fenômenos que se revelam neste mundo que foi encoberto pela atitude natural (HUSSERL, 1936/2012). Que essências os sujeitos apreendem nos fenômenos que se revelam neste mundo? Que sentido a eles doam?

É importante compreender que este mundo-da-vida não diz respeito somente ao mundo externo, mas à totalidade das vivências do sujeito resultantes da inseparabilidade entre sujeito e objeto. Para a fenomenologia, sujeito e objeto nunca estão apartados, mas sempre em relação através da intencionalidade (HUSSERL, 2006). Merleau-Ponty consegue traduzir bem este retorno às coisas mesmas:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda [...]. Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre *fala* [...] (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3-4).

Considerando estas reflexões, penso, baseada na perspectiva husserliana, que a compreensão dos clientes de Engenho de Dentro passa pela compreensão de seu mundo-da-vida.

Melo (2001) adverte que classificar Nise da Silveira como “junguiana” é ignorar o seu pensamento plural. Nise conversou com as obras de autores da filosofia, antropologia, arte, literatura, dentre outros. Ela chegou a escrever um pequeno livro denominado *Benedito*, na qual consta uma seleção de obras de diversos autores, com o intuito de orientar, a quem interessasse, sobre o estudo das obras de arte e esquizofrenia. Os estudos deste pequeno livro apontam para um caráter não-dogmático do estudo e prática de Nise (MELO, 2001).

Dentre os diversos autores estudados por Nise, é possível afirmar que ela teve contato com autores da fenomenologia (embora não houvesse tido com Edmund Husserl), como Karl Jaspers (e seu estudo sobre a arte e a psicopatologia), Maurice Merleau-Ponty, Eugène Minkowski e Ludwig Binswanger; esses três últimos foram citados por ela ao fazer referência ao estudo do espaço. Segundo Nise, a vivência da psicopatologia altera a noção que o sujeito tem de espaço e tempo (SILVEIRA, 2015), termos basilares da compreensão científica do mundo.

Enquanto habitantes da terceira dimensão, suponho que o leitor não duvidará que espaço-tempo, de acordo com a física clássica, obedecem a leis de abrangência extensiva que

determinam a maneira como a realidade objetiva se comporta. Cada dia tem vinte e quatro horas e se sucede a outro seguramente. O metro é uma unidade de medida de espaço que é composta por cem centímetros, nem mais, nem menos, e que é amplamente utilizada para construir estruturas e caracterizar nossa noção de distância.

Espaço-tempo é uma estrutura básica da realidade aparente, de modo, para as ciências psi, o sujeito saber se localizar no entendimento objetivo de tal estrutura é um dos aspectos principais a serem considerados em uma avaliação psicológica. Ele sabe que dia é hoje? Ele sabe onde está? Sabe onde mora? Porém, Nise constata, e a fenomenologia também, que espaço-tempo não é somente uma objetividade, mas também uma vivência subjetiva. Segundo Nise, o modo como imagem, tempo e espaço no qual a pessoa está vivendo são percebidos é varia de pessoa para pessoa (SILVEIRA apud CAMARGO; HORTA, 2009)

Neste sentido, para que se possa compreender o mundo do sujeito com esquizofrenia e o modo como ele o vivencia, é necessário compreender o modo como este sujeito vivencia o espaço e o tempo. Não se trata das qualidades mensuráveis determinadas pela ciência para estas duas dimensões da realidade, mas de como elas se constituem para o sujeito de forma subjetiva.

Nise aponta que a própria arquitetura do hospital psiquiátrico demonstra a ignorância dos psiquiatras acerca da vivência espacial. A arquitetura rígida, de ambientes e cores homogêneos e acinzentados, com um alto muro impedindo o contato, mesmo que visual, dos clientes com o mundo exterior, somente ampliava a sensação de isolamento que aqueles sujeitos sentiam. E este sentimento de isolamento também é evidenciado em obras feitas pelos clientes (SILVEIRA, 2015).

Revisitar a história de Fernando Diniz, por exemplo, é revisitar um tempo que, mesmo anos depois, não se havia apagado para ele. E uma sala na qual os objetos se amontoavam, desorganizados. Aquilo fazia parte do mundo de Fernando e é possível ver como, pouco a pouco, através do trabalho com as imagens e do contato com Nise, os monitores, e os outros internos, ele conseguiu atribuir novos sentidos às suas vivências.

Através da compreensão do mundo-da-vida do cliente, o processo terapêutico pode ser conduzido sem perder de vista que o que se tem diante de si é um sujeito, por mais diferenciado que seja seu modo de agir e interagir, continua a ser humano. É essencialmente através da compreensão do mundo, e não da primazia de sintomas, que é possível auxiliar este outro em seu dificultoso caminho denominado esquizofrenia.

Atentar para o mundo-da-vida suscita uma série de questões. Uma das mais fundamentais reside no próprio fato de que a existência nunca é somente em primeira pessoa.

Em Merleau-Ponty (1999, p. 14), está escrito que “eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele”, o que deixa implícito que não é possível existir enquanto um ser fechado em si, só é possível existir em um mundo de interação, não só com objetos inanimados, mas também com o outro que percebo e que me percebe enquanto uma pessoa.

O aspecto intersubjetivo da existência atravessa as intervenções clínicas de Nise enquanto uma de suas características mais fundamentais, uma de suas essências. Em sua atuação, este aspecto é abordado através do afeto, o qual ela salienta diversas vezes salienta como terapêutico em si, o que, de certo modo, já foi demonstrado quando tratei da interação humano-animal. Portanto, agora, diante da importância deste tema, destacarei a sua discussão.

## 6.2 Eu, você e nós: intersubjetividade e afeto catalisador

Custei a fazer relações com Adelina, e isso ocorreu de modo muito especial. Aproximava-se dela quando permanecia sentada, fazendo bordados: Tinha grandes habilidades manuais, e raramente levantava a cabeça. Não respondia ao meu cumprimento, mas um dia a assistente social Iara corre atrás de mim para contar: “Quando a sra. passou perto da Adelina, disse bom dia e seguiu, ela lhe jogou um beijo”. Meu ímpeto foi voltar, mas sabia que iria estragar tudo. Esperei o dia seguinte e, então em vez de dizer bom dia, cheguei perto dela e lhe estendi a face [...] ela me beijou. Ficamos nesse ritual desde então: um beijo por dia. (SILVEIRA apud LISBOA, 2009, p. 98)

Este relato é sucinto, porém, deveras representativo do afeto enquanto essência da prática de Nise. Permito-me expressar a crença de que o afeto é uma das formas mais expressivas do ser humano. Enquanto seres nascidos em sociedade, nossa própria evolução foi fortemente caracterizada pela sociabilidade, de modo que a vida em comunidade é um dos fatores determinantes para nossa sobrevivência. Parece-me haver pouca necessidade de afirmar o que é evidente.

Assim, é pouco provável que se possa falar de “eu” sem falar de um “você” ou de um “nós”. A vida humana não se fecha em si mesma, mas, sim, é compartilhada com outros que também constituem o mundo. Isto significa que *a subjetividade é necessariamente acompanhada da intersubjetividade*. Como aponta Husserl (1931/2001a, p. 128), a experiência do eu relaciona-se à experiência de outros, confirmando e realizando “aquilo que é significado em seus horizontes de apresentação”.

Para Husserl (1931/2001a, 2001b), o outro aparece para mim, em princípio, enquanto corporeidade. Aquilo que percebo inicialmente é a “carne sensível” do outro, seu corpo. Este corpo, contudo, não julga, ou deseja, ou pensa, etc. Ele não é o eu, mas é inseparável dele.

A percepção não é um ato do pensamento, mas um movimento através do qual o mundo se oferece ao nosso olhar de modo imediato. Deste modo, uma vez que me percebo enquanto corpo, mas também enquanto uma unidade psíquica, percebo que sou um sujeito (HUSSERL, 1931/2001a). Uma vez que, através da percepção, consigo distinguir os objetos do mundo, dentre estes, consigo perceber que há aqueles que possuem uma característica peculiar: estão vivos.

Quando vejo outra pessoa, por analogia, sei que se trata de um sujeito como eu, um *alter ego*. A experiência que tenho dele enquanto um organismo verdadeiro e da observação de seu “comportamento”, o qual é análogo ao meu, revela que ele também aparece no mundo apresentando uma unidade não só física, mas também psíquica. Consigo apreender o outro imediatamente, enquanto meu semelhante, através do ato empático (HUSSERL, 2001b; ALES BELLO, 2006).

Nas palavras de Husserl (2001b, p. 118), a empatia “tem o caráter de uma *experiência*; ela é um componente da experiência humana [...] do tipo fundamental que é a experiência humana”<sup>7</sup>. E Ales Bello (2006) destaca isto enquanto ato empático, no qual o ‘eu’ sente a existência de um outro ser humano. Como colocam Ranieri e Barreira (2012, p. 27), “ao empatizar concreto tem-se não apenas um outro, mas um outro situado, vinculado no mundo”.

Deste modo, uma vez sendo o outro meu semelhante, só posso concluir que, se estou constituindo o mundo, também o outro o está fazendo. A experiência dele se dá em paralelo à minha própria, posto que, como afirmam Ranieri e Barreira (2012, p. 27), testemunhar o outro existindo “lança o sujeito que testemunha àquilo que o outro vive [...] ao seu mostrar-se desvelador no mundo [...], abre o sujeito empatizante ao vivido pelo sujeito empatizado, lança a essa apreensão e permite-lhe vivê-la por sua própria vez”.

É necessário destacar que a evidência de que esse outro é meu semelhante, não meu idêntico, revela que o mundo não aparece para ele do mesmo modo que aparece para mim. Não posso conhecer o outro do mesmo modo como me conheço, pois sua subjetividade pura me está barrada pelo próprio fato de que ele constitui um outro ponto de orientação, ao qual não tenho acesso, dado que estou limitado ao meu próprio ponto de orientação – a minha subjetividade (HUSSERL, 2001b). Decerto, o mesmo se aplica a ele: tal qual eu não consigo acessar a subjetividade do outro em sua pureza, ele também não consegue acessar a minha.

Conforme Husserl (2006, p. 76), cada sujeito tem o seu lugar, “a partir do qual vê as coisas disponíveis, e respectivamente ao qual ele se manifesta diferentemente para cada um”.

---

<sup>7</sup> No original: “*L’empathie a le caractere d’une expérience; elle est une composante à l’intérieur de l’expérience humaine [...], du type fondamental qu’est l’expérience humaine*”.

Assim, uma vez já dito que não me é possível acessar o eu deste outro, isto quer dizer que estamos fechados um para o outro? A resposta é não. Husserl (1931/2001a) argumenta que, da mesma forma que o meu passado não me é acessível diretamente, mas somente enquanto uma modificação intencional, o outro também só me é acessível do mesmo modo. Posso constituirlo em meu ego em rerepresentações de um novo tipo, uma forma de presentificação, característica da imaginação, na qual intuitivamente apreendo o outro enquanto semelhante a mim (HUSSERL, 2001b).

Portanto, a minha experiência enquanto ‘eu’ tem sempre seus horizontes abertos e indefinidos. Nesses horizontes, em que cada ser humano consegue perceber o outro, o que se forma é um mundo também aberto e indefinido, ao qual só se pode chegar, mas que não pode ser acessado integralmente (HUSSERL, 1931/2001a). De qualquer modo, o mais importante é ter ciência de que, mesmo que indiretamente, o outro me é acessível em seu mundo-da-vida.

Por podermos reconhecer no outro um *analogon*, Husserl faz referência à nossa intercomunhão enquanto sujeitos, compreendendo “a possibilidade de atos do eu que, por intermédio da experiência apresentativa do outro, penetram no outro eu” (HUSSERL, 1931/2001a, p. 145). Na fenomenologia, o modo de acessar as essências do outro e os sentidos por ele atribuídos aos objetos do mundo, acontece por meio da *epoché* e da redução fenomenológica.

Portanto, acessar tais essências e sentidos demanda o abandono da atitude natural. Isto significa dizer que o outro não pode ser visto por mim enquanto um objeto. Se reconheço o outro enquanto meu *analogon*, na medida em que percebo nossas semelhanças, percebo também as diferenças que caracterizam sua singularidade. Todavia, não há uma dualidade entre eu e o outro, mas sim “uma complementação de associações de vivências similares” (SANCHEZ, 2014, p. 106). O reconhecimento daquele que é semelhante e estranho a mim é mais do que perceber que temos a mesma constituição física ou capacidade de pensamento: é compreender que ele sente alegria, raiva, tristeza e dor, assim como eu. Em termos mais claros, é estabelecer uma relação pautada valor intrínseco que o outro tem.

No campo da clínica, Luczinski e Ancona-Lopez (2010) denominam esta relação como encontro; no outro me são possibilitados novos atravessamentos, novas sensações.

Em Buber (2001), a relação é reciprocidade. Aquilo que deve ser discutido acerca da intersubjetividade e dos clientes de Nise repousa sobre esta questão. Aquilo que os psiquiatras enxergavam nos esquizofrênicos era fundamentalmente um objeto, pois não os percebiam enquanto sujeitos, seres dotados de uma unidade física, psíquica e espiritual e, portanto, seus semelhantes; o que viam era algo inferior e subordinado ao saber científico

naturalizado. Não é possível, assim, haver reciprocidade se não se consegue ver o outro enquanto totalidade, mas somente enquanto fragmento.

Como explicita Husserl (1931/2001a), a minha experiência determina o que considero enquanto uma experiência da normalidade, do mesmo modo que a experiência humana constitui para nós a experiência normal em relação a dos animais. O que caracteriza a “anormalidade” são sistemas de fenômenos que diferem significativamente dos meus, são variações. Camadas inteiras podem diferir, muito embora não todas. Assim, a experiência dos cegos difere expressivamente daquela dos que enxergam, a experiência do surdo difere da mesma forma daquela dos que ouvem etc., e a experiência dos esquizofrênicos difere consideravelmente da experiência dos que não o são.

Destarte, a relação intersubjetiva não pode ser sem a noção do que me é semelhante e do que me é diferente. No que tange à esquizofrenia, Martins (2009) considera que os fenômenos que lhe são próprios exigem que aceitemos que há diferença entre estes e a realidade comum compartilhada. Da perspectiva fenomenológica, Pérez-Álvarez, García-Montes e Sass (2010, p. 223) entendem que na esquizofrenia “a alteração da consciência do mundo se refere à perda da articulação perceptiva e do contato vital com a realidade, incluindo os outros”<sup>8</sup>. Assim, há uma alteração da experiência de si mesmo, na qual o mundo deixa de ser familiar.

No entanto, aquilo que me é estranho no outro não pode ser visto como uma anomalia em um sentido depreciativo, mas enquanto algo novo que posso compreender através de minha disponibilidade para com ele. Aquilo que é concordante entre nós pode estabelecer a relação de abertura que me permitirá a reciprocidade implicada na vivência imediata da relação, e aquilo que é discordante por me abrir o olhar para novas reflexões.

Nise se relacionava com seus clientes enquanto seus pares. Muito embora seus modos de existir fossem diversos do dela, ela se punha em uma posição de não-julgamento e se dispunha compreendê-los em seus modos de ser. A intersubjetividade na prática de Nise possuía um papel central, pautado na ética e no cuidado para com o outro. Ela não permitia que a técnica esvaziasse o sentido de seus clientes para si, pelo contrário, ela afirma que sua técnica era propor tudo novo e tratá-los de maneira completamente igual. Ela não tinha medo deles e chamava a todos pelo nome (SILVEIRA apud BOCAI *et al.*, 2009).

A situação dos hospitais alarmava Nise pelo tratamento objetificante dos clientes. Ela relata um episódio que a surpreendeu: Fernando sempre assinava suas telas, porém, um dia deixou de fazê-lo; ao alertá-lo de que havia esquecido de assinar uma tela que acabara de pintar,

---

<sup>8</sup> No original: “*La alteración de la conciencia del mundo se refiere a la pérdida de la articulación perceptiva y del contacto vital con la realidad, incluyendo los otros*”.

ele disse que não assinava mais, pois havia sido transferido de um hospital para outro sem aviso e, assim, não era mais uma pessoa, mas uma coisa sem nome (SILVEIRA apud LISBOA, 2009). De fato, uma coisa não possui vontade ou vida afetiva. Com o domínio da técnica, posso manipular um objeto ao meu próprio arbítrio. O outro, porém, não é um objeto e, se tratado como tal, abrem-se as portas para tratamentos violentos.

O tratamento psiquiátrico precisa acontecer em condições favoráveis e tais condições não eram encontradas nos hospitais psiquiátricos com seus ambientes fechados e opressivos, de paredes cinzentas, muros e grades (MELO, 2001; SILVEIRA, 2015). Tudo aquilo que violenta o corpo, desestrutura a afetividade, como “trancar alguém em uma prisão [...], privando-o de toda estimulação [...] ou sobrecarregá-lo de estimulação sem lhe deixar a possibilidade de se liberar ou de fugir [...]” (MARTINS, 2009, p. 100). Era este o panorama dos hospitais psiquiátricos, no qual tão poucos conseguiam observar que o afeto é uma das condições essenciais para o tratamento dos esquizofrênicos.

Enquanto seres humanos, o contato com outros nos é premissa imperiosa para nossa existência e, como demonstra Nise, quanto mais grave a condição do esquizofrênico, maior é a sua necessidade de apoio estável em um outro, de afeto (SILVEIRA, 2015).

À capacidade terapêutica do afeto, Nise atribuiu a expressão “afeto catalisador”, remetendo ao papel que certas substâncias possuem de acelerar reações químicas. Esta era a principal função dos monitores na seção de terapêutica ocupacional, bem como a dos animais: agir enquanto catalisadores afetivos. Assim, há o estabelecimento de uma comunicação que não perpassa o caminho da racionalidade, mas o da concordância empática (SILVEIRA, 2015).

Estabelecer uma comunicação com o esquizofrênico, entretanto, exige paciência e um ambiente de liberdade, condições as quais só podem ser atendidas com esforço. O seu mundo-da-vida difere do meu de modos muitas vezes enigmáticos e compreender seu modo de se comunicar exige um mergulho vertiginoso em seu modo de ser (SILVEIRA, 2015). Deve haver o entendimento que a experiência deste outro é tão válida quanto a minha e que, em oposição a uma relação hierárquica, haja uma relação de troca.

Isto não quer dizer, todavia, que a relação de afeto será sempre estabelecida. Aquele que aparece como catalisador para alguns, pode não o ser para outros e, do mesmo modo, as relações afetivas com os esquizofrênicos também está sujeita aos percalços de qualquer outro tipo de relação do mesmo tipo. A convivência com ele, do mesmo modo, também “ensina muitas coisas surpreendentes” (SILVEIRA, 2015, p. 86).

Pautadas nesta orientação de abertura ao outro, Nise, Maria Estela Braga, Belah Paes Leme e Lígia Loureiro fundaram a Casa das Palmeiras, em 1956 (MELO, 2001). Sua

criação foi uma das predecessoras do projeto do CAPS, anos depois. O ambiente da Casa era um de liberdade, no qual os frequentadores podiam ir e vir, envolver-se em atividades expressivas e interagir com profissionais que não trabalhavam sob denominações como “doutor”. Todos eram vistos e tratados como iguais, tanto profissionais quanto frequentadores (SILVEIRA apud CAMARGO; HORTA, 2009).

Melo (2001, p. 98) relata:

O terapeuta possui, na Casa das Palmeiras, duas funções: permanecer atento às produções dos clientes nas diversas atividades, relacionando o material simbólico daí advindo com os dados biográficos de cada um; ficar igualmente atento às pontes que o cliente lança para fora da *Casa* e incentivá-lo na expansão de seu campo de ação quando for pertinente.

Cada movimento de disponibilidade que realizo em relação ao outro, viabiliza-me novas associações e possibilidades de compreensão, compreensão esta que revela minha própria vida psíquica, em sua semelhança e diversidade. É por meio destas novas apreensões que posso formar novas associações (HUSSERL, 1931/2001a).

O encontro com o outro me permite ter acesso à uma variedade de coisas que não posso conhecer senão através das suas experiências e conhecimentos (HUSSERL, 2001b). Este movimento de uma subjetividade para a outra aparece, então, como enriquecedor de minhas próprias vivências no mundo e é somente através desta troca que pode a ciência também progredir.

Diante do exposto, este movimento que realizamos rotineiramente, de interlocução com aqueles que nos cercam, pode ser muitas vezes negligenciado no próprio modo como impactam nossas vidas. Repensar a essência das relações humanas, especialmente à frente da supervalorização da técnica, é ainda mais importante no cenário terapêutico. O avanço do conhecimento repousa aqui precisamente naquilo que é muitas vezes descartado. E esta visão coincide não só na prática de Nise, mas também na prática da clínica fenomenológica.

### **6.3 As contribuições de Nise para a clínica fenomenológica**

Apesar de já haver explicitado que os estudos fenomenológicos desenvolvidos por autores como Eugène Minkowski e Ludwig Binswanger contribuíram para o enriquecimento teórico e prático da clínica elaborada por Nise, não encontrei qualquer evidência de que ela tivesse tido contato com aquele que é o pai da fenomenologia, Edmund Husserl, ou que a temática fenomenológica tivesse tido qualquer aprofundamento em sua prática.



Contudo, considerando o estudo sobre a atuação terapêutica de Nise delineado nas seções anteriores, entendo que há evidências de que aspectos importantes do modo niseano de intervir clinicamente convergem com aspectos também fundamentais da fenomenologia de base husserliana.

De acordo com Melo e Ferreira (2013), a clínica se caracteriza enquanto a construção de um espaço e recursos terapêuticos. Nise elaborou referência para o estabelecimento de uma clínica, ao criar e adotar recursos para: “a) avaliar e propor métodos terapêuticos; b) propor meios especiais de cuidados para as condições subjetivas dos psicóticos; c) investigar o diagnóstico e as experiências das pessoas em tratamento” (MELO; FERREIRA, 2013, p. 559).

Esses três aspectos, compreendo, partiam sempre do caminho apontado pelo próprio cliente. Como já comentado, Nise afirma que preferia sempre ser conduzida pelo cliente (SILVEIRA apud LEAL, 1994). Ela fala que tudo que aprendeu sobre psiquiatria, aprendeu com os esquizofrênicos. Nesta perspectiva, Nise colocava o contato com o esquizofrênico e o seu modo de estar esquizofrênico anteriormente a quaisquer teorias.

A atitude da psiquiatra demonstra não só que ela realizava um movimento de suspensão para entrar em contato com o fenômeno tal qual ele se mostrava, algo convergente com a *epoché*, como demonstra também que ela aceitava o cliente do modo como ele se apresentava e que é em respeito a este modo próprio dele que se deve trabalhar, buscando nisto as potencialidades para o tratamento (HOLANDA; SCHLEDER, 2015).

Segundo Moreira (2010), a fenomenologia critica o objetivismo e, na contramão deste viés, estuda os modos como os objetos se constituem na vivência do sujeito. Em complemento a isto, destaco o entendimento de Antúnez (2011), para o qual a clínica fenomenológica é caracterizada pela análise das características pessoais de cada cliente, muito embora exista uma estrutura (essência) que é comum a todos os seres humanos.

Em Husserl (2006), a consciência é intencional e constituída por atos (julgar, perceber, recordar etc.) – a chamada *noesis* – e tais atos são preenchidos por conteúdos – o chamado *noema*. Contudo, mesmo que haja uma essência para os fenômenos intencionados pela consciência e, também, para o próprio ser humano, o modo como cada um vivencia a realidade é diferenciado, pois depende dos sentidos que cada um doa aos fenômenos. Depende das suas vivências enquanto sujeito individual, histórico e existente em um contexto. Deste modo, depende do mundo-da-vida.

Tal qual a fenomenologia propõe uma transformação na ciência para o retorno ao mundo-da-vida, Nise também colocou a vivência de seus clientes antes de teorias. Enquanto a

psiquiatria tradicional colocava os pacientes sob a métrica científica e os diagnosticava com base em parâmetros supostamente racionais e alheios à realidade vivencial destes, Nise aproximava-se dos sujeitos e, buscava, com base nisto, encontrar uma forma de tratá-los (HOLANDA; SCHLEDER, 2015). Ela diz ainda que é trabalho do psiquiatra, guiar o paciente através da elaboração do seu conteúdo psíquico, ajudá-lo, e não o moldar (SILVEIRA, 2015).

O espaço clínico do hospital psiquiátrico era, de certo modo, destinado a silenciar o incômodo que os esquizofrênicos representavam na vida em sociedade. Aquilo que era definido como “normalidade” baseava-se na funcionalidade do comportamento humano, da qual os esquizofrênicos se desviavam. Assim, do ponto de vista médico, a cura representava ao comportamento daqueles considerados “normais”. O tratamento elaborado, contudo, negligenciava as próprias necessidades e ser dos internos, pois eles eram vistos através da lente do diagnóstico preconceituoso.

As intervenções de Nise se constituíam em um constante processo de pesquisa a partir do próprio tratamento, ao mesmo tempo em que este evoluía a partir da pesquisa. O tratamento terapêutico exige paciência, a certeza de que o sujeito ainda pode ter um relacionamento saudável com o mundo, e o exercício de atividades prazerosas (SILVEIRA apud BOCAI *et al.*, 2009). De fato, o processo terapêutico é orgânico e se constrói em conjunto com o próprio cliente.

Em meu entendimento, a Psicologia é ciência e paciência. Não se pode pensar que a melhoria seja alcançada de forma imediatista. Assim como não se pode esperar que alguém que vive uma experiência psicótica seja um burocrata sem esperar que ela entre em crise. As atividades expressivas, algumas das quais traduzidas sob o nome de arte, conseguem exprimir as emoções que, de outra forma, poderiam permanecer incomunicáveis (SILVEIRA apud BOCAI *et al.*, 2009). É muito difícil acreditar que os criadores das obras realizadas e abrigadas no Museu de Imagens do Inconsciente não pertençam a pessoas com emoções tão reais e complexas quanto as de qualquer outra pessoa.

Esta análise me remete à história da chegada de Emygdio de Barros no ateliê. Seu psiquiatra dissera que de nada valeriam as atividades no STOR para ele, já que se encontrava em estado muito deteriorado. As obras de Emygdio certamente retificaram seu equívoco. Vinte e três anos Emygdio já havia passado no hospital até aquele ponto, submetido a tratamentos ineficazes, à sombra da falta de contato afetivo e trilhando o caminho hostil da condição psicótica. E, ainda assim, todo este tempo e aquele ambiente não foram capazes de apagar sua habilidade de aprendizagem e criação.

Tanto o uso das expressões artísticas quanto da interação humano-animal, partiram da experimentação, da observação dos clientes e da prática clínica. Portanto, antes de supor saber qualquer coisa sobre seus clientes, Nise optou por colocar seus conhecimentos em suspensão, realizar uma verdadeira *epoché*, em favor do conhecimento que pode ser apreendido no contato imediato com o fenômeno. Quem melhor para ensinar sobre a esquizofrenia se não aqueles que a vivenciam?

É desta forma que pensam Holanda e Schleder (2015): Nise observava seus clientes enquanto fenômenos, mantinha uma postura de querer saber mais sobre a vivência deles com esquizofrenia. Se, como Nise acreditava, os esquizofrênicos experienciavam estados inumeráveis do ser (ARTAUD apud SILVEIRA, 2015), para a fenomenologia, Nise vê a esquizofrenia como um dos modos possíveis de ser, o que não é algo curável necessariamente, mas que deve ser trabalhado de acordo com as possibilidades de cada cliente (HOLANDA; SCHLEDER, 2015).

As palavras de Antúnez (2011, p. 212) são pertinentes aqui quando este diz que na clínica fenomenológica, o psicólogo “não se guia pelos sintomas, nem mesmo deseja que desapareçam, mas auxilia o paciente a encontrar um sentido para essas vivências, desde que se estabeleça um vínculo de confiança significativo”. Nesta perspectiva, as vivências dos pacientes esquizofrênicos possuem um significado particular para cada um, muito embora os comportamentos deles sejam similares.

O psicólogo busca compreender o modo como este paciente vivencia a realidade com esta doença e como o sofrimento o afeta (ANTÚNEZ, 2011). Isto toca no vínculo que Antúnez diz ser necessário para a intervenção clínica e que vai de encontro ao afeto catalisador salientado nas intervenções realizadas por Nise.

O aspecto intersubjetivo das vivências humanas adquire protagonismo na clínica fenomenológica. O reconhecimento do outro como seu semelhante é condição *sine qua non* para o tratamento dentro desta perspectiva. Em Husserl (1931/2001a), o outro é meu *analogon*, meu semelhante, e, como tal, sua esfera psíquica não me é plenamente acessível, contudo, por eu e ele possuímos estruturas em comum, o seu mundo me é compreensível. No processo de compreensão do outro, são criadas novas associações e novas possibilidades de compreensão que são recíprocas, dado que este movimento revela nossas semelhanças e diferenças.

Destarte, a relação intersubjetiva é uma relação de abertura, cujas possibilidades são ampliadas no momento em que me disponho a compreender o outro (e, assim, aprender com ele) suspendendo meus *a priori*s. Uma relação intersubjetiva assentada sobre a atitude

natural enxerga o outro como um objeto que posso encaixar em conceitos fechados e, assim, deter sobre ele um saber supostamente absoluto.

Esta foi a crítica que Husserl (1931/2001a) teceu à psicologia: esta baseava seu método nas ciências naturais, atentando-se somente para aquilo que era observável, para o externo. Porém, a psicologia só poderia ser efetivamente psicologia se se voltasse para a subjetividade e o aspecto intencional da consciência.

Se Husserl (1931/2001a) afirma que cada ser humano tem seu mundo com seu sistema de fenômenos, sistema este que compreendo como um termo ainda não elaborado para “mundo-da-vida”, e tais sistemas apresentam “anomalias” (variações), a esquizofrenia pode ser entendida como uma variação das possibilidades de existir enquanto ser humano. E, neste sentido, esta visão fenomenológica pode ser posta em paralelo aos inumeráveis estados do ser, entendimento que Nise tomou emprestado de Artaud, como já comentado anteriormente em Silveira (2015).

Cabe ao psicólogo apreender subjetivamente como se dá, para cada cliente esquizofrênico, a sua existência enquanto tal. Somente buscando compreender e respeitar o paciente em sua singularidade posso apreender os sentidos que ele atribui à sua condição e, caso seja para este difícil encontrá-los, Antúnez (2011) explicita que a clínica é o espaço no qual o sujeito pode encontrar a si mesmo, refletido no olhar do outro.

Logo, consoante Cremasco (2009) a tarefa da fenomenologia é voltar ao cogito para buscar um conhecimento mais basilar do que o pensamento objetivo, aquele da vivência primitiva do mundo. A clínica fenomenológica surge como o espaço de redescoberta destas vivências, no qual a intersubjetividade, acessada através da empatia, é fundamental para mobilizar o processo terapêutico.

Este contato pode ser possibilitado no encontro de diversas maneiras: através de um gesto, de um toque ou suspiro, do silêncio, do acolhimento. Aqui, posso me referir novamente ao episódio em que Adelina se comunicou com Nise através de um beijo, comunicou-se a seu modo próprio e recebeu da psiquiatra o acolhimento de tal modo de se relacionar. Assim, o terapeuta deve considerar o modo particular como o cliente se aproxima dos objetos, situações e pessoas, suas expectativas, dificuldades e resistências (FREITAS, 2009).

Se bem estabelecidas sobre o respeito e o interesse em conhecer o cliente, as relações afetivas representam o acolhimento do esquizofrênico em sua singularidade e, encontrando ele assim o apoio e interlocução necessários para defrontar-se com seu próprio mundo, ele tem maiores possibilidades de reelaborar suas vivências e obter melhor qualidade de vida.

Holanda e Schleder (2015) apontam que as qualidades implicadas em uma relação intersubjetiva terapêutica, porém, como a sensibilidade e a intuição destacadas por Nise (SILVEIRA, 2015), são desvalorizadas na academia, ignoradas em detrimento ao pensamento racional. Mesmo na Psicologia, a relação terapeuta-cliente pode se submeter a supostas técnicas, mas o vínculo genuíno é anterior a qualquer característica técnica, ele se constitui como um vínculo entre humanos (FREITAS, 2009).

Certamente, como Nise assevera, o conhecimento teórico não deve ser posto de lado, pois ele é necessário – de fato, o conhecimento racional concede à humanidade inúmeros e importantes benefícios –, entretanto, ele não deve vir antes do sujeito que se encontra e que não se encaixa nas delimitações dos manuais de psiquiatria (SILVEIRA, 1992/2001). Neste sentido, como afirma Freitas (2009, p. 105), “não é apenas como um conjunto de sintomas que carecem de sentido que o cliente se constitui como uma pergunta para o psicoterapeuta, mas pela sua existência”.

Para tal, na clínica fenomenológica, também se faz necessário que o terapeuta mobilize os recursos de que dispõe o sujeito para expressar a si mesmo e despertar as potencialidades que se encontram adormecidas em seu ser (ANTÚNEZ, 2011). Assim, não basta somente adentrar o âmbito da Psicologia ou da Psiquiatria, mas também o da Antropologia, da Filosofia, da Sociologia, da Arte, dentre outros campos do saber. E isto conversa exatamente com a característica interdisciplinar niseana.

Nesta esfera, a intuição é ressaltada como um elemento valioso na atuação profissional. De acordo com Husserl (2006), a intuição traz o objeto à sua doação originária, ela torna possível conhecer o objeto “em carne e osso” anteriormente a todo e qualquer juízo. O processo terapêutico implica a existência da intuição, de modo que o terapeuta possa apreender as essências do fenômeno que se lhe apresenta.

Nise alega que junto à observação clínica atenciosa, aceitava as intuições, mas sempre recorrendo à reflexão que as examinava (SILVEIRA, 2015). Ao exercício da sensibilidade, a capacidade analítica exerce sua contribuição fundamental e mais esclarecedora. Mas este ato não se mostra como um aspecto exclusivo do terapeuta, o cliente também pode revelar sua consciência intuitiva diante do mundo.

Creio que as pinturas dos clientes de Engenho de Dentro se apresentavam como seu modo próprio de expressar tais essências e sentidos. Merleau-Ponty (2012) considera que o gesto de expressão faz aparecer no exterior aquilo que o artista visa, e, através deste gesto, realiza uma recuperação do mundo, refazendo-o para conhecê-lo. A atividade expressiva despotencializa conteúdos dolorosos, os quais, mesmo não desaparecendo, são

metamorfoseados e ajudam a lançar luz sobre outros aspectos do mundo. A obra resultante da atividade expressiva é uma resposta a toda a historicidade e condição vivencial de quem a cria.

A expressão artística, sob este prisma, deve ser considerada enquanto agir movimentado por afetos. Uma vez que Nise observou que seus clientes não eram embotados afetivamente, mas o contrário, as indagações clínicas também perpassam estes conteúdos afetivos e, segundo Sartre (1995), investigar os afetos é investigar aquilo que eles nos podem ensinar sobre o ser que sente. Segundo ele, a emoção é um certo modo de apreender o mundo. Deste modo, se as obras artísticas são expressões desses afetos irrefletidos pelo sujeito, no momento mesmo da criação da obra, seria como Merleau-Ponty (2013b) considera: é difícil separar aquilo que pertence à obra e daquilo que pertence ao artista.

A clínica fenomenológica é um espaço de criação. A todo momento, cliente e psicólogo estão engajados em uma comunicação que os leva a refletir sobre seu próprio mundo-da-vida e, a partir deste terreno, criar novas possibilidades de vivências. Esta comunicação não implica necessariamente a verbalização, mas também o uso de outras potencialidades capazes de revelar conteúdos que as palavras nunca conseguiriam expressar: a criatividade manifestada na expressão artística.

Esta expressão viabiliza, também, quando não há palavras, a quebra do silêncio. De certo modo, a obra fala, presentifica o objeto intencionado pelo cliente, mesmo que de modo irrefletido. E serve como uma expressão para engendrar o movimento de reflexão no cliente, bem como uma espécie de retrato de um momento, que pode ser revisitado diversas vezes no processo terapêutico, adquirindo novos sentidos.

Creio que a arteterapia, proposta criada por Margareth Naumburg e na qual a arte é o principal meio de mediação entre o terapeuta e o cliente, pode acrescentar às próprias reflexões aqui delineadas. O uso da arte no contexto terapêutico atua como facilitador “no processo autoconhecimento e de (re)significação do sujeito acerca de si próprio e de sua relação com o mundo (REIS, 2014, p. 148). Neste cenário, quaisquer considerações sobre o valor estético da obra criada são irrelevantes. O que interessa é que a criatividade seja ensejada enquanto possibilidade terapêutica. Apresento ainda o seguinte destaque:

[...] não se trata apenas da expressão da subjetividade, da objetivação de emoções, sentimentos e pensamentos em uma forma artística (desenho, pintura, modelagem, etc.), mas especialmente da sua transmutação pela arte, da sua reconfiguração em novas formas e em outros sentidos, em um processo no qual, ao criar na arte, o sujeito se recria na vida (REIS, 2014, p. 149).

Ao suspender suas teorias e *a priori* e ir de encontro ao mundo-da-vida de seu cliente, o psicólogo está se disponibilizando também a buscar novas formas de acessar as

essências dos fenômenos. Penso que o exercício da observação e o ato empático, tal como Nise ensina, lhe oportunizam identificar que recursos ou facilitadores podem ser utilizados no caso de cada cliente. E, uma vez que ele se familiarize com esses novos modos de atuar, seu olhar poderá se tornar cada vez mais atento a detalhes muito importantes, como aconteceu com Nise e as mandalas.

O estudo das Interações Humano-Animal (IHAs), apresentado nesta dissertação, também evidencia este tipo de interação como relevante colaborada na psicologia clínica fenomenológica por ser propícia para a vivência do afeto e do cuidado no âmbito terapêutico. Como já apontado, uma das características mais notáveis da atuação terapêutica de Nise consistiu na sua percepção de como alguns clientes se relacionavam com animais que apareciam no Hospital Pedro II.

Em muitas dessas interações humano-animal, Nise conseguiu intuir que aquilo que se desdobrava entre os monitores e os clientes também se revelava quando os animais eram inseridos no mesmo ambiente: o afeto agia como catalisador do processo terapêutico. A relação humano-humano apresenta uma série de desafios de convivência, muitos dos quais relacionados ao constante julgamento que impomos ao outro. Por outro lado, tal qual coloca Collares (2019), os animais não julgam o sujeito de acordo com qualquer diagnóstico e, assim, este sujeito pode se sentir mais confortável na presença desse ser que não é humano como ele, mas que o acolhe tal qual ele é.

Acrescento ainda que a inserção dos animais na Psicologia Clínica é um importante passo para a retomada da sua valorização na nossa história. No capítulo 5, elucidei brevemente a naturalização da relação entre humanos e animais, considerando que, em certos períodos históricos e culturas, os animais tiveram protagonismo nas comunidades humanas (SILVEIRA, 2015; ROCHA; MUÑOZ; ROMA, 2016; BORBA, 2017; BASTOS; BORBA, 2018). Em sociedades primitivas, quando o ser humano ainda estava intimamente relacionado à vida na natureza, os animais assumiram importantes papéis ritualísticos e, mesmo, divinos.

A objetificação deles se deu cada vez mais à medida que o ser humano se apartou de sua relação com a natureza e passou a se julgar superior a ela, esquecendo, assim, de sua própria animalidade. Esta objetificação está diretamente relacionada com episódios de maus-tratos aos animais, no qual o que existe é um ser humano em um modo de existir adoecido que “só encontra vias por meio da violência [...] – pois não há empatia ou alteridade – e que, ao contrário do vínculo enquanto cuidado, não evidenciam abrir uma nova potencialidade de dirigir-se ao mundo, mas antes um afastamento dele (BASTOS; BORBA, 2018).

Deste modo, o estabelecimento do vínculo entre humano e animal na clínica fenomenológica permite ao psicólogo compreender de que modo se dão as relações do cliente com o mundo (COLLARES, 2019). Nesta perspectiva clínica, tal qual entendem Bastos e Borba (2018), a interação estabelecida revela novos sentidos e provoca o exercício do cuidado e do autocuidado, bem como o resgate da própria essência do ser humano enquanto indissociável da animalidade.

No século XX, uma das técnicas mais utilizadas pela Psiquiatria foi a do eletrochoque. O leitor poderá se recordar das críticas que Nise tecia à esta técnica, como já abordado anteriormente. O que me cabe refletir aqui é sobre como o médico Ugo Cerletti teve a ideia de utilizar este método ao ver porcos sendo eletrocutados antes do abate. Não sei dizer o que mais me surpreende, se é como ele pode ter tido tal ideia de utilizá-la em seres humanos ao ver um tal ato de violência contra outros seres viventes ou se é o fato de que muitos outros psiquiatras a aceitaram prontamente. A primazia técnica e falta de empatia foram responsáveis por muito sofrimento. Não houve aí qualquer respeito, nem pelo animal, nem pelo ser humano, neste caso, aquele com esquizofrenia.

Na clínica fenomenológica, no entanto, a inserção dos animais na intervenção terapêutica deve apresentar uma total inversão deste pensamento puramente técnico. O animal aparece não mais como cobaia de experimentos ou como um mero objeto, mas como coterapeuta. Isto é, ele é valorizado em seu modo único de aparecer no mundo, do mesmo modo que o cliente (BASTOS; BORBA, 2018). Neste contexto, todos aqueles envolvidos na interação necessitam ter liberdade para estabelecer o vínculo genuíno.

Retomando o entendimento de Painter e Lotz (2007), Ruanaskoski (2007), ao encontro dos quais vem ainda Bastos e Borba (2018), ao reconhecerem os animais enquanto um outro, retorno à Husserl (2001b) e sua compreensão de que há muitas coisas que o sujeito não pode aprender senão através da experiência do outro. Neste sentido, o outro, através de suas vivências e modo de ser, me oferece conhecimento que, do contrário, eu nunca conseguiria vivendo isoladamente. E, portanto, o animal enquanto pertencente a uma espécie distinta, é capaz de revelar essências que a própria experiência humana não comporta, mas que em muito podem contribuir para os próprios sentidos que ele doa para os fenômenos.

No campo da clínica fenomenológica, portanto, a IHA se relaciona a questões fundamentais, como o afeto, o cuidado, a intersubjetividade, e a resignificação das vivências. Sempre colocando o cliente enquanto centro de uma transformação terapêutica e enquanto que oferecerá ao psicólogo a oportunidade de suspender seus *a priori*, para intuir os fenômenos tal



qual eles lhe aparecem e, assim, aprender com o cliente quais possibilidades existem para a inserção de novos elementos, como a arte, ou dos coterapeutas.

Deste mesmo modo, a percepção apriorística de Nise possibilitou a ela perceber os recursos dos quais os seus clientes dispunham para expressarem a si mesmos, quais sejam aqueles elucidados em sua atuação clínica: a expressão artística e a interação humano-animal. Se o modo através do qual o paciente permite que a psiquiatra adentre seu mundo-da-vida é através da expressão artística ou da relação com os animais, então o terapeuta deve trabalhar com isto.

Nas intervenções clínicas de Nise, a expressão “terapêutica ocupacional” foi posteriormente substituída por outra que Nise acreditava ser mais adequada ao caráter de suas intervenções. Ela relata que um dos clientes, Luís Carlos, uma vez pediu a uma monitora que o deixasse fazer um gato com um pano de veludo. Terminada sua obra, Luís, admirado com o gato, escreveu um poema:

Gato simplesmente angorá  
do mato,  
azul olhos nariz cinza  
orelha castanho macho  
agora rapidez  
Emoção de lidar (SILVEIRA, 1998, p. 30)

Ela adotou, então, ao ver a felicidade de Luís em manipular seu gato de veludo, o termo Emoção de Lidar para denominar sua metodologia. A temática do afeto em Nise, que perpassou todas as suas intervenções, passou então a qualificar plenamente sua atuação clínica, demonstrando que a ciência nunca deve se enclausurar em uma suposta superioridade de conhecimento, pois as pessoas só podem ser conhecidas em seus próprios mundos. O conhecimento científico só é possível àquele que o intenta, se entrar em contato com os fenômenos através de como os sujeitos os apreendem, através de uma ética, a qual é fundamento tanto na fenomenologia quanto nas intervenções de Nise.

Como entendem Holanda e Schleder (2015), tanto para Nise da Silveira quanto para a abordagem fenomenológica, o esquizofrênico é alguém que vive por meio da esquizofrenia e não o objetificar significa respeitá-lo em sua diferença, pois é o único que consegue dizer sobre seu modo próprio de estar no mundo. E esta é uma tarefa árdua que o psicólogo deve empreender no exercício de sua Clínica Fenomenológica.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, chego ao ponto de encerramento desta dissertação. Relembrando todo o processo de pesquisa, com suas alegrias e dores, posso refletir sobre os objetivos estabelecidos para nortear minha análise e, agora, sou capaz de dizer se foram cumpridos ou não. Como apontado no capítulo de introdução, esta dissertação tem por objetivo investigar as intervenções clínicas de Nise da Silveira por meio da expressão artísticas e da interação humano-animal, buscando suas contribuições para a clínica fenomenológica no mundo-da-vida contemporâneo.

Como pôde ser visto, os capítulos foram bem delimitados para atenderem à um tópico de cada vez: a expressão artística, nos capítulos 3 e 4, a interação humano-animal no capítulo 5, e a convergência de tais intervenções niseanas para a Psicologia Clínica Fenomenológica, no capítulo 6. Todo o estudo foi efetuado através metodologia fenomenológica, a fim de revelar as essências do fenômeno da clínica empreendida por Nise. E, revisitando toda a análise, creio que o objetivo foi cumprido.

Decerto, este estudo apresenta limitações. Toda a investigação sobre as intervenções de Nise se deram sobre o material escrito por ela, bem como sobre obras e artigos de comentadores, o que foi deveras proveitoso, mas que julgo terem sido poucas diante da riqueza do trabalho de Nise. Surpreende-me que trabalhos científicos sobre ela ainda estejam em tão pouco número, o que tornou o meu processo de pesquisa uma espécie de escavação em busca de referências.

Ademais, ao mesmo tempo em que esta é a primeira dissertação que faz uma revela a afinidade entre as a forma de atuar niseana e a psicologia fenomenológica, o que certamente é um feito a ser celebrado, a própria escassez de referências neste quesito também representou um grande desafio. Penso que tais limitações impossibilitaram uma análise mais completa.

Ao mesmo tempo, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, ela oferece seus próprios impedimentos à compreensão do fenômeno das intervenções clínicas de Nise. O Museu de Imagens no Inconsciente existe no Rio de Janeiro ainda atuando nos moldes delimitados por sua fundadora e, creio, uma análise fenomenológica das intervenções que se dão lá atualmente só poderia gerar uma produção científica ainda mais prolífica sobre os campos de encontro entre Nise e a psicologia fenomenológica.

Elaborar um estudo sobre as intervenções clínicas de Nise da Silveira é um exercício imaginativo. Ao ler sobre sua história e aquela de seus clientes, parece haver um distanciamento natural em virtude do tempo e espaço que nos separam, tornando fácil esquecer

que a discussão aqui desenvolvida se dá sobre uma narrativa referente a pessoas que de fato existiram.

Contudo, a superação disto toca em uma questão relevante sobre a pesquisa fenomenológica, qual seja: não há um afastamento neutro entre o pesquisador e o seu objeto de estudo. A pesquisa exige, sim, o exercício da redução eidética e da consideração da relação indissociável entre sujeito, objeto, consciência e mundo-da-vida.

Este raciocínio se debruça sobre a colocação de Melo (2001) quando este afirma que a história de Nise e os clientes de Engenho de Dentro não se perdem em um devaneio, pois a psiquiatra acolheu as produções imaginárias de seus clientes e acompanhou o fio condutor de suas narrativas pelo viés da emoção. A pesquisa é um processo analítico acompanhado da subjetividade, especialmente quando o objeto de estudo envolve pessoas e suas histórias. Deste modo, esta pesquisa pressupõe a busca das essências dos fenômenos da clínica niseana, como demanda que, para que isto aconteça, estejam implicadas minha racionalidade, mas também minha subjetividade.

Uma vez que paro para pensar que tudo o que investiguei a respeito da trajetória pessoal e profissional de Nise não se trata de uma ficção, mas de pessoas com um mundo-da-vida tal como eu, toda a exploração deste tema adquire coloração de matizes diversas. Devo confiar que a construção do conhecimento também é acompanhada pelo fio condutor da emoção.

O que acontece, de fato, é uma transformação vivencial que amplia as possibilidades de abertura ao mundo. Em essência, a clínica psicológica se trata disto também: transformação vivencial. O método de Nise, por último denominado por ela mesma de “emoção de lidar”, traduz isto e sua descrição medular pode ser demonstrada nos termos utilizados por Oliveira, Melo e Vieira-Silva (2017): atividade, afetividade e liberdade. Eles caracterizam estas palavras como o tripé terapêutico de Nise da Silveira.

Quando Nise chegou no Setor de Terapia Ocupacional (STOR) do Centro Psiquiátrico, efetivamente, não havia terapia alguma em curso. O setor era negligenciado e as atividades ali desenvolvidas serviam ao propósito de auxiliar o hospital, não o interno. É interessante notar que todas as enfermarias tinham o eletrochoque e o coma insulínico como componentes do tratamento, portanto, o STOR era o único setor no qual Nise poderia atuar já que se recusava a aderir às práticas em voga (SILVEIRA apud GULLAR, 2009).

Para ela, a inércia é algo poderoso. Tendo estudado os tratados de psiquiatria da época, ela constatava no hospital precisamente o contrário do que alegavam: não havia qualquer decadência da vida psíquica ou apagamento das atividades nos internos (SILVEIRA apud

BOCAI *et al.*, 2009). Em grande parte, os sintomas apresentados eram potencializados, se não mesmo criados, pela própria inércia à qual estavam submetidos naquele ambiente. O ócio é bem-vindo somente quando serve ao propósito de contemplação da existência, como pode ser visto em dadas filosofias e culturas, e ainda assim ele não é uma proposta contínua, mas acontece em momentos e são determinados pela própria necessidade do sujeito. Este não era o caso dos que estavam sendo tratados no hospital.

Uma análise atenta da existência humana revela que o ser humano necessita do movimento para criar condições de ter saúde física e psicológica. Por este ângulo, de acordo com Oliveira, Melo e Vieira-Silva (2017), a proposta da terapêutica ocupacional é a de utilizar atividades que possam auxiliar o cliente a elaborar e expressar o sofrimento psíquico. Nise partiu deste norte para determinar o que deveria ser feito naquele setor, começando com as possibilidades dos próprios internos e, assim, ela afirma que a inovação se deu em permitir a eles o caminho da expressão (SILVEIRA apud GULLAR, 2009).

Este caminho, entretanto, não é calçado pelos usuais blocos da linguagem racional e verbal, algo que ainda hoje não é compreendido pelo modo usual de fazer ciência. A comunicação entre dois seres que falam, cada um em um idioma diferente, não consegue suscitar qualquer entendimento entre as partes e este nunca ocorrerá se pelo menos um deles não se dispor a aprender o idioma do outro. Mas, para isto, além de disponibilidade de abertura, deve haver também a dedicação à observação e ao estudo.

Do mesmo modo, Nise afirma que a comunicação verbal com o esquizofrênico terá poucas probabilidades de sucesso se ele não se encontra em um ponto avançado de seu processo de cura. Logo, esta comunicação deveria partir da linguagem não-verbal. É demonstrado o percurso por este caminho e disponibilizado, então, sob o abrigo da criatividade (SILVEIRA, 1992/2001).

A criação do ateliê de pintura e modelagem revelou que os clientes apresentavam grande capacidade criativa, mesmo sem nunca terem pintado antes. Creio que este é um dos detalhes mais significativos de todo este estudo: mesmo aprisionados no ambiente hostil do hospital psiquiátrico e, por vezes, internos por muitos anos, as habilidades de formulações imaginárias apareciam em intensos matizes. A expressão dessas imagens retirava os clientes da inércia e os colocava na posição de agentes, ao mesmo tempo em que criavam uma ponte para que fossem compreendidos. Em resumo, como já explicitado, “pintar seria agir” (SILVEIRA, 2015, p. 15).

O pensamento racional nos habitua à lógica da linguagem verbal, o que se expressa como curioso, uma vez que as crianças, em geral, são bem versadas na arte do faz-de-conta e,

por alguns anos, interessadas na expressão de seus mundos através de desenho e pintura. O processo de crescimento nos afasta desta outra linguagem ao ponto de desmerecê-lo nos adultos. A imagem, porém, é uma elaboração da imaginação que atua como uma janela para uma infinidade de horizontes.

Segundo Merleau-Ponty (2012, p. 126), não é possível fazer o inventário da pintura, pois “ela não é uma soma de signos [...], mas um tipo geral de conduta, e que abre um horizonte de investigações”. Para este autor, a obra de arte faz o artista e espectador compartilharem a humanidade cultural e histórica da qual participam. Uma vez que observamos o entendimento distinto que a psicologia analítica, amplamente adotada por Nise, e o viés fenomenológico adotam sobre a constituição humana, a criação artística abarca em ambas a retomada do mundo que se nos apresenta como cultural, mas também enquanto passado, presente e futuro pessoal e histórico.

Partindo disto, penso que a postura clínica deve comportar a humildade enquanto um de seus pilares: o terapeuta não pode se alçar à posição de conhecedor absoluto, mas sim estar ciente de que o processo terapêutico é um processo de aprendizagem também para ele mesmo. Nise nos explicita isto ao dizer que a instância racional sempre foi objeto de glórias, enquanto que o imaginário atraía pouca atenção (SILVEIRA, 2009).

Tal qual Husserl (2006) entende que a imaginação permite a criação de infinitas construções e, assim, uma liberdade para acessar diversas possibilidades de essência, também Nise entende que o imaginário goza de legitimidade e liberdade para encandear as imagens por ele configuradas (SILVEIRA, 2009). Portanto, permito-me uma pequena ampliação na afirmação de Nise: pintar não é somente agir, mas também ser livre.

Ao mesmo tempo as atividades do ateliê não teriam sido tão profícuas se os clientes não tivessem encontrado lá um ambiente onde a liberdade não fosse encorajada por meio da afetividade. A expressão “afeto catalisador” foi, ao meu ver, muito bem cunhada por traduzir o fenômeno sobre ao qual se referia: o afeto enquanto agente potencializador da marcha terapêutica, o fenômeno central de sua intervenção.

Dentre os papéis do monitor, o de catalisador era o principal. Nise expressa que, quanto mais grave a condição do esquizofrênico, maior será sua necessidade de encontrar um ponto de apoio no mundo (SILVEIRA, 2015). A observação e a prática denunciam que o conhecimento técnico é somente um dos componentes essenciais ao lidar com os esquizofrênicos. Sob uma ótica tecnicista, ele pode ser visto enquanto um objeto, algo fechado e a relação estabelecida é uma objetificante.

Como debate Luczinski e Ancona-Lopez (2010), esta interação leva a uma consideração dos sintomas a partir somente de teorias, ignorando as singularidades e complexidade da pessoa. Porém, a relação deve pautada em uma atitude de abertura, tal qual asseguram Oliveira e Borba (2019), através da vivência empática no debruçar sobre o vivido do outro. Quando trato da relação humano-humano e também da humano-animal, é o entrelaçamento dos movimentos afetivos entre os seres.

A relação para se dar de fato deve despedir o utilitarismo. A fundamentação teórica efetuada demonstrou como o encontro caracterizado pelo afeto catalizador se apresentou em Engenho de Dentro. Nas palavras de Nise, é necessário “constância, paciência e um ambiente livre de qualquer coação, para que relações de amizade e de compreensão possam ser criadas” (SILVEIRA, 2015, p. 86), o mesmo ambiente que a clínica terapêutica deve ser.

Os animais podem oferecer afeto sem pedir nada em troca, são capazes de interagir com outros sem as vendas do preconceito. Certamente, tal qual os monitores, eles podem agir como catalisadores para alguns e inibidores para outros; enquanto catalisadores, no entanto, os animais contribuem para a criação de um ambiente agradável e ajudam a fortalecer a relação do cliente com o mundo externo.

Considerando que, o que muitas vezes estes esquizofrênicos receberam fora e dentro do hospital foi a violência física e/ou psicológica por parte dos humanos, penso que a interação com o animal oportuniza também o afeto sem o receio que a interação com outro humano pode causar. Em paralelo, Nise levanta também a questão acerca de a possibilidade de os animais serem marginalizados em nossa sociedade contribuir para a formação de seu vínculo com os esquizofrênicos (SILVEIRA, 2015). Os coterapeutas não-humanos, assim, aparecem como muito mais aptos ao processo terapêutico do que muitos psiquiatras do século XX.

Muito embora Nise não tenha sistematizado um estudo sobre a interação humano-animal, sua contribuição no campo desta relação como terapêutica foi uma das primeiras no Brasil e permitiu ao campo científico conhecer e aprofundar os estudos e práticas chamadas hoje de Intervenções Assistidas por Animais, as quais acontecem em diversos espaços e com objetivos diversos.

Percebo então que todo o percurso elucidado pelo método “emoção de lidar” só foi possível por razão da atitude niseana de suspensão teórica e dedicação empática quando do contato com o cliente. Este também é o ponto de partida da fenomenologia. Em Husserl (2006), para que seja possível compreender os fenômenos, é necessário que o sujeito suspenda seus *a priori* acerca dele e, do mesmo modo, em Nise, seu saber sobre a esquizofrenia prioriza acima

de tudo o contato direto com aquilo que o cliente diz, escuta ou faz (SILVEIRA apud LEAL, 1994).

Como podia a psiquiatria dizer que ele era embotado afetivamente se Nise pode observar em diversas situações que esta afetividade se encontrava ativa no relacionamento com o humano e o animal, mesmo que à maneira particular do esquizofrênico? Como dizer que suas capacidades cognitivas deterioravam se eles não só demonstravam capacidade de aprendizagem, mas também uma atividade criativa que muito impressionou até mesmo críticos de arte e renomados artistas?

Somente por esta atitude, chamada aqui de atitude fenomenológica, o terapeuta pode compreender o mundo-da-vida do cliente e elaborar novas formas de acessá-lo, de acordo com a subjetividade deste. Holanda e Schleder (2015) explicitam em seu entendimento que na metodologia niseana, a partir do modo de ser do esquizofrênico, a sua reabilitação envolve a composição de estratégias de ser no mundo, buscando assegurar a sua autonomia acerca do seu próprio futuro.

Tudo isto comporta uma mudança de paradigma, no sentido em que a ciência tradicional herdeira da abordagem naturalista ainda sustenta em seu seio a cisão entre sujeito/objeto, restando o seu progresso em direção ao conhecimento autêntico. Tanto Husserl (2006, 1936/2012) quanto Nise (SILVEIRA 1992/2001, 2015) defendem que isto não só é prejudicial à compreensão do ser humano, como é uma grande ingenuidade. A fenomenologia e Nise entendem que o sujeito não existe fora da relação, concluindo que não há sujeito sem objeto e vice-versa, nem sem um mundo que os circunda, mesmo que não seja visto pelo outro.

Sob esta perspectiva, tomo a crença de Nise de que o mundo é uma totalidade (SILVEIRA apud LEAL, 2009). Não há partes cindidas ou fragmentos, mas sim, uma unidade que pode adquirir em diferentes perspectivas, nomes diferentes, mas que permanece enquanto um aspecto que constitui o mundo e a existência. À esta questão, posso lembrar ao leitor sobre as mandalas, elementos capitais no trajeto de Nise e produção de seus clientes.

A mandala é uma imagem circular ou que tende ao círculo e que na psicologia junguiana representa a própria psique e sua organização autocurativa (JUNG, 2000). Muito embora a clínica fenomenológica não trabalhe com este conceito de psiquismo, eu considero a mandala realmente ilustrativa da totalidade à qual me referi. Se posso me permitir aludir à geometria, o círculo é chamado de “a forma perfeita”. Nele, a distância de qualquer ponto à sua margem oposta é sempre igual e no qual não há um ponto de começo ou fim. Não é sem motivo que ele simboliza a ideia cultural de ciclo.

Todas as explicações efetuadas neste texto e a análise desta pesquisa me levaram a compreender que a clínica psicológica fenomenológica, tomando emprestado as contribuições de Nise da Silveira, deve atuar como uma mandala. Ela deve buscar a integração dos modos de existir do cliente, considerando o seu aspecto biopsicossocial, recorrendo ao encontro intersubjetivo. Para Luczinski e Ancona-Lopez (2010), o encontro intersubjetivo na clínica é mobilizador e permite ao cliente elaborar suas vivências e doar sentidos ao mundo.

Decerto que este encontro exige paciência e esforço de ambas as partes, mas as intervenções clínicas de Nise são a constatação daquilo que é possível alcançar quando as possibilidades científicas e humanas participam do esforço de revelar esta unidade de todas as coisas.



## REFERÊNCIAS

- ADELINA Gomes. **Cinquentenário do Museu de Imagens do Inconsciente**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/cinquentenariodomuseu/adelina-gomes.php>>. Acesso em: 27 maio 2019.
- ALES BELLO, A. **Introdução à Fenomenologia**. Bauru: Edusc, 2006.
- ANTÚNEZ, A. E. A clínica fenomenológica refletida a partir de Edith Stein: humanologia. **Kairós – Rev. Acadêmica de Prainhas**, Prainhas, v. 8, n. 2, 2011, p. 202-216. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/267416939/A-clinica-psicologica-refletida-a-partir-de-Edith-Stein-pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2019.
- ARTE e Psiquiatria. **Itaú Cultural**. 2016. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/arte-e-psiquiatria/>>. Acesso em: 12 abr. 2020.
- BARTLETT, S. Roots of human resistance to animal rights: psychological and conceptual blocks. **Animal Law**, Durham, v. 8, n. 143, 1994, p. 143-176. Disponível em: <<https://law.lclark.edu/live/files/26580-08fbartlett>>. Acesso em: 7 fev. 2020.
- BASTOS, F; BORBA, J. M. A Terapia Assistida por Animais (TAA) e a Psicologia – um estudo fenomenológico das diferentes modalidades de vínculos entre humanos e demais animais na terapêutica. **Revista Ambivalências**, São Cristovão, v. 6, n. 11, 2018, p. 242-267. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/view/7639>>. Acesso em: 7 jul. 2020.
- BUENO, S. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2d. São Paulo: FTD, 2007.
- BOCAI, D. *et al.* Nise da Silveira, Artaud e Jung. In: MELLO, L. C. (org.). **Encontros – Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Azougue, 2009, p. 44-75.
- BORBA, J. M. P. Saúde na Infância, Medicalização da existência e as Intervenções Assistidas com Animais: alternativa ou “nova” tecnificação. In: **A Infância Medicalizada: discursos, práticas e saberes para o enfrentamento da medicalização da vida**. Curitiba: Editora CRV, 2015.
- \_\_\_\_\_. Contribuições da Educação Assistida por Animais – EAA para a Psicologia da Educação: uma análise fenomenológica. **InterEspaço – Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 3, n. 11, 2017, p. 187-210. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/6088>>. Acesso em: 7 jul. 2020.
- BOUCHER, K. L.; WILL, L. A. An overview of animal facilitated therapy. **Iowa State University Veterinarian**, Iowa, v. 53, 1991, p. 10-14. Disponível em: <[https://lib.dr.iastate.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3370&context=iowastate\\_veterinarian](https://lib.dr.iastate.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3370&context=iowastate_veterinarian)>. Acesso em: 7 fev. 2020.

- BROWN, C. Animal Heritage and the Moral Experience. In: PAINTER, C.; LOTZ, C. (org.) **Phenomenology and the Nonhuman Animal**: at the limits of experience. Dordrecht: Springer, 2007. p. 85-95.
- BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.
- CÂMARA, F. Vida e obra de Nise da Silveira. **Psychiatry online**. Brasil, v. 7, n. 9, 2002. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano02/wal0902.php>>. Acesso em: 23 abril 2019.
- CAMARGO, P.; HORTA, B. Do caralampismo à emoção de lidar. In: MELLO, L. C. (org.). **Encontros – Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Azougue, 2009, p. 104-115.
- CASTRO, E; LIMA, E. M. Resistência, inovação e clínica no pensamento e no agir de Nise da Silveira. **Interface** – comun., saúde, educ., São Paulo, v. 11, n. 22, 2007, p. 365-376. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832007000200017&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832007000200017&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 7 maio 2018.
- CHAN, G. T. **Emygdio de Barros**: o poeta de espaço. 2009. 183f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- CHELINI, M. O.; OTTA, E. Cães, cavalos...e os outros. In: CHELINI, M. O.; OTTA, E. (org.). **Terapia Assistida por Animais**. São Paulo: Manole, 2016, p. 313-326.
- COLLARES, L. V. **Diálogos entre as Intervenções Assistidas por Animais – IAA's e a Psicopatologia Fenomenológica**: possibilidades clínicas de intervenção em Psicologia. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís. 2019.
- COSTA, J. F. **História da Psiquiatria no Brasil**: um corte ideológico. 5 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- CREMASCO, M. V. Algumas considerações de Merleau-Ponty para a psicologia em “Fenomenologia de Percepção”. **Rev. da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 15, 2009, p. 51-54.
- DESCARTES, R. **Discurso do método**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1637/2001.
- \_\_\_\_\_. **Meditações Metafísicas**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1641/2016.
- EMYGDIO de Barros. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22976/emygdio-de-barros>>. Acesso em: 27 maio 2019.
- ESPOSITO, L. *et al.* Introdução. In: MCCARDLE, P. *et al.* (org.). **Os animais em nossa vida**: família, comunidade e ambientes terapêuticos. Campinas: Papyrus, 2013. p. 17-21.
- FERNANDO Diniz. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2015. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23088/fernando-diniz>>. Acesso em: 27 maio 2019.

FINE, A.; BECK, A. Understanding our kinship with animals: input for health care professionals interested in the human/animal bond. In: FINE, A. (org.). **Handbook of Assisted Therapy**. Cambridge – Massachusetts: Elsevier, 2010. p. 4-15.

FOUCAULT, M. **História da Loucura**: na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FREITAS, J. Reflexões sobre a relação psicoterapêutica. **Rev. da Abordagem Gestáltica**, Campinas, v. 15, n. 2, 2009, p. 103-107. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672009000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000200005)>. Acesso em: 3 mar. 2020.

FREITAS, F.; AMARANTE, A. A importância de Hans Prizhorn para a Reforma Psiquiátrica no Brasil. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 117, 2018, p. 503-517. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-11042018000200503&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-11042018000200503&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 18 jan. 2019.

GAETA, I. Arteterapia junguiana: uma leitura da psicologia analítica de Carl Gustav Jung através das mandalas. **Rev. de Arteterapia da AATESP**, São Paulo, v. 7, n. 2, 2016, p. 63-78.

GOTO, T. A. **Introdução à Psicologia fenomenológica**: a nova psicologia de Edmund Husserl. São Paulo: Paulus, 2008.

GOTO, T. A.; HOLANDA, A.; COSTA, I. Fenomenologia Transcendental e a Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl. **Revista NUFEN - phenomenology and interdisciplinarity**, Belém, v. 10, n. 3, 38-54, 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912018000300004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912018000300004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 3 jul. 2020.

GRAMARY, A. De Prizhorn a Dubuffet: a repercussão das coleções de arte criada por doentes psiquiátricos na arte do século XX. **Leituras**, v. 2. n. 2, 2005. Disponível em: <[http://www.saude-mental.net/pdf/vol7\\_rev2\\_leituras1.pdf](http://www.saude-mental.net/pdf/vol7_rev2_leituras1.pdf)>. Acesso em: 18 jan. 2019.

GRANDGEORGE, M.; HAUSBERGER, M. Human-animal relationships: from daily life to animal-assisted therapies. **Annali dell’Istituto Superiore di Sanità**, Rome, v. 47, n. 4, 2011, p. 397-408. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/aiss/2011.v47n4/397-408/en>>. Acesso em: 7 fev. 2020.

GUIMARÃES, M. O inconsciente é um oceano. In: MELLO, L. C. (org.). **Encontros – Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Azougue, 2009, p. 166-179.

GULLAR, F. Uma psiquiatra rebelde. In: MELLO, L. C. (org.). **Encontros – Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Azougue, 2009. p. 12-33.

JAFFÉ, A. O simbolismo nas artes plásticas. In: JUNG, C. (org.). **O homem e seus símbolos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964/2008, p. 309-367.

JUNG, C. G. **Fundamentos de Psicologia Analítica**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNG, C. G. Chegando ao Inconsciente. In: Jung, C. (org.). **O Homem e seus símbolos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1964/2008, p. 15-132.

HOLANDA, A.; SCHLEDER, K. Nise da Silveira e o enfoque fenomenológico. **Rev. Abordagem Gestáltica**, v. 21, n.1, 2015, p. 49-61. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672015000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672015000100006)>. Acesso em: 23 abr. 2018.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1936] 2012.

\_\_\_\_\_. A ingenuidade da ciência. **Scientia Studia**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 659-67, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Meditações Cartesianas**. São Paulo: Madras, 1931/2001a.

\_\_\_\_\_. **Sur l'intersubjectivité I**. Paris: Presse Universitaires de France, 2001b.

IAHAIO. **The IAHAIO White Paper: definitions for animal assisted interventio and guidelines for wellness of animals involved**. 2014. Disponível em: <<http://iahaio.org/best-practice/white-paper-on-animal-assisted-interventions/>>. Acesso em: 2 maio 2019.

IMAGENS do inconsciente. Direção: Leon Hirzman. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1983/1986. 1 DVD (205 min.).

KARAIM, T. **Representations of insanity in the art and Science of nineteenth-century France: form the demonic to the degenerate**. 2016. 112f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Universidade de Missouri, Kansas City, 2016.

KLEE, P. **The diaries of Paul Klee: 1898-1918**. Berkeley: Un. Of California Press, 1992.

LEAL, L. G. Nise da Silveira – entrevista. **Psicologia – ciência e profissão**, Brasília. v. 14, n. 1-3, 1994. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931994000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931994000100005)>. Acesso em: 13 jun. 2018.

LEAL, L. G. Conversando com Nise da Silveira. In: MELLO, L. C. (org.). **Encontros – Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Azougue, 2009. p. 140-163.

LEVINSON, B. **Pet Oriented Child Psychotherapy**. 2 ed. Springfield: Charles C. Thomas Publisher, 1997.

LIMA, G; SILVA, V. Da Psiquiatria ao Comunismo: a trajetória de Nise da Silveira no Rio de Janeiro. In: Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: saberes e práticas científicas, 16, 2014, **Anais...** Rio de Janeiro: s/ editora, 2014. Disponível em: <[http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1402087419\\_ARQUIVO\\_Artigo-NisedaSilveira.pdf](http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1402087419_ARQUIVO_Artigo-NisedaSilveira.pdf)>. Acesso em: 13 jun. 2018.

LIMA, T. C.; NOGUEIRA, L. R.; PEREIRA, K. M. Nise da Silveira: uma metodologia na contramão. **ECOS – estudos contemporâneos da subjetividade**. Rio de Janeiro: v. 6, n. 2, 2016, p. 211-222. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1853/1335>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

LIMA, E.; PELBART, P. Arte, Clínica e Loucura: um território em mutação. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, 2007, p. 709-735. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702007000300003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702007000300003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 17 jan. 2019.

LISBOA, L. C. O mundo contemporâneo é impaciente. In: MELLO, L. C. (org.). **Encontros – Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Azougue, 2009, p. 84-101.

LUCZINSKI, G.; ANCONA-LOPEZ, M. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, 2010, p. 75-82. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2010000100009&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2010000100009&script=sci_arttext)>. Acesso em: 3 mar. 2020.

MAGALDI, F. **A unidade das coisas: Nise da Silveira e a genealogia de uma psiquiatra rebelde no Rio de Janeiro, Brasil**. 2018. 426f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018a.

MAGALDI, F. Psyche meets matter: body and personhood in the medical-scientific project of Nise da Silveira. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, 2018b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/hcsm>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

MARCANTONIO, J. A loucura institucionalizada: sobre o manicômio e outras formas de controle. **Psicólogo informação**, São Paulo, v. 14, n. 14, 2010, p. 139-159. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-88092010000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100009)>. Acesso em: 17 jan. 2019.

MARTINS, F. M.; O esquema da coisa (das ding) de Husserl e a esquizofrenia. **Revista de Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 15, n. 2, 2009, p. 99-102. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672009000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000200004)>. Acesso em: 7 jul. 2020.

MARTINS, C. E. A Farra do Boi e os crimes culturalmente motivados: um olhar crítico sobre a decisão do STF, por ocasião do RE n. 153.531/SC. **Rev. do Ministério Público do RS**, Porto Alegre, n. 82, 2017, p. 35-84. Disponível em: <[https://www.amprs.com.br/public/arquivos/revista\\_artigo/arquivo\\_1527272882.pdf](https://www.amprs.com.br/public/arquivos/revista_artigo/arquivo_1527272882.pdf)>. Acesso em: 7 fev. 2020.

MCCARDLE, P. *et al.* Ser humano e animal em interação terapêutica: visão geral. In: MCCARDLE, P. *et al.* (org.). **Os animais em nossa vida: família, comunidade e ambientes terapêuticos**. São Paulo: Papyrus, 2013. p. 137-147.

MCGREGOR, J. **The Discovery of the Art on the insane**. New Jersey: Princenton University Press, 1992.

MELO, W. **Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.

MELO, W. Maceió é uma cidade mítica: o mito da origem em Nise da Silveira. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, 2007, p. 101-124. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pusp/v18n1/v18n1a06.pdf>>. Acesso em: 3 de março de 2020.

\_\_\_\_\_. Nise da Silveira, Fernando Diniz e Leon Hirzman: política, sociedade e arte. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 3, 2010, p. 633-653. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642010000300011&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642010000300011&script=sci_arttext)>. Acesso em: 4 maio 2020.

MELO, W.; FERREIRA, A. Clínica, pesquisa e ensino: Nise da Silveira e as mutações na psiquiatria brasileira. **Rev. Latinoam. de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 16, n. 4, 2013, p. 555-569. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142013000400005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142013000400005)>. Acesso em: 14 jun. 2018.

MELLO, L. C. **Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde**. Curitiba: Museu Oscar Niemeyer, 2009.

\_\_\_\_\_. **Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde**. Rio de Janeiro: Automática Ed., 2014.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. A Linguagem Indireta. In: MERLEAU-PONTY. **A Prosa do Mundo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 93-193.

\_\_\_\_\_. A dúvida de Cézanne. In: MERLEAU-PONTY. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2013a, p. 123-152.

\_\_\_\_\_. O olho e o espírito. In: MERLEAU-PONTY. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2013b, p. 15-56.

MISSAGIA, J. A noção husserliana de mundo da vida (Lebenswelt): em defesa de sua unidade e coerência. **Trans./Form./Ação**, Marília, v. 41, n. 1, 2018, p. 191-208. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732018000100191&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732018000100191&script=sci_arttext)>. Acesso em: 7 abr. 2019.

MOREIRA, V. Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica fenomenológica. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 15, n. 4, 2010, p. 723-731. Disponível

em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-73722010000400008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-73722010000400008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 7 abr. 2019.

MUÑOZ, A.; PESSOA, A.P.; OLIVEIRA, V. O inconsciente, a criação artística e uma experiência de arte-educação com psiquiatrizados em Salvador. **Rev. Ohun**, Bahia, v. 3, n. 3, p. 136-152, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/1731>>. Acesso em: 4 jul. 2018.

NISE da Silveira: vida e obra. **Centro Cultural do Ministério da Saúde**. 2014. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/frases.php>>. Acesso em: 27 maio 2019.

O PLANETÁRIO de Deus. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra11570/o-planetario-de-deus>>. Acesso em: 27 maio 2020.

OCUPAÇÃO Nise da Silveira. **Itaú Cultural**. 2016. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/>>. Acesso em: 27 maio 2019.

OLHAR de Nise, o. Direção de Jorge Oliveira. Brasil: JVC, 2015. 1 DVD (84 min.), son., color.

OLIVEIRA, M. A. de. **Criatividade e resiliência na vida de Nise da Silveira**. 2012. 194f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2012.

OLIVEIRA, P.; MELO, W.; VIEIRA-SILVA, M. Afetividade, liberdade e atividade: o tripé terapêutico de Nise da Silveira no Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados. **Pesquisas e Práticas Psicosociais**, São João del Rei, v. 12, 2017, p. 23-35. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082017000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000100003)>. Acesso em: 3 mar. 2020.

OLIVEIRA, T. C.; BORBA, J. M. Contribuições da fenomenologia husserliana para a Psicologia Clínica. **Revista NUFEN - phenomenology and interdisciplinarity**, Belém, v. 11, n. 3, 2019, p. 154-169. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912019000300010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912019000300010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 7 jul. 2020.

PAINTER, C.; LOTZ, C. Introduction. In: PAINTER, C.; LOTZ, C. (org.) **Phenomenology and the Nonhuman Animal**: at the limits of experience. Dordrecht: Springer, 2007, p. 1-11.

PELLETIER, J.; DAVIDSON, I. À l'origine même de la psychiatrie comme nouvelle spécialité médicale: le partenariat Pinel-Pussin. **Santé Mentale au Québec**, v. 40, n. 1, 2015, p. 19-33. Disponível em: <<https://www.erudit.org/fr/revues/smq/2015-v40-n1-smq02004/1032380ar/>>. Acesso em 17 jan. 2019.

PÉREZ-ÁLVAREZ, M.; GARCÍA-MONTES, J.; SASS, L. La hora de la Fenomenología em la Esquizofrenia. **Clínica y Salud**, Madrid, v. 21, n. 3, p. 221-233. Disponível em: <[http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1130-52742010000300003](http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1130-52742010000300003)>. Acesso em: 3 jul. 2020.

RANIERI, L.; BARREIRA, C. A empatia como vivência. **Memorandum**, Belo Horizonte, v. 23, p. 12-31. Disponível em : <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6553>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

REIS, A. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 34, n. 1, p. 142-157, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932014000100011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932014000100011&script=sci_arttext)>. Acesso em: 7 jul. de 2020.

RIBEIRO, A. Cães domesticados e os benefícios da interação. **Rev. Bras. de Direito Animal**, Bahia, v. 8, 2011, p. 249-262. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/11062>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

ROCHA, C. Comportamento animal. In: CHELINI, M. O.; OTTA, E. (org.). **Terapia Assistida por Animais**. São Paulo: Manole, 2016. p. 61-88.

ROCHA, C.; MUÑOZ, P.; ROMA, R. P. História do relacionamento entre animais humanos e não humanos e da TAA. In: CHELINI, M. O.; OTTA, E. (org.). **Terapia Assistida por Animais**. São Paulo: Manole, 2016. p. 45-49.

ROMA, R. P. A relação entre o terapeuta, o condutor e o cão no contexto da terapia assistida por animais. IN: CHELINI, M. O.; OTTA, E. (org.). **Terapia Assistida por Animais**. São Paulo: Manole, 2016, p. 131-148.

RUONAKOSKI, E. Phenomenology and the study of the animal behavior. In: PAINTER, C.; LOTZ, C. (org.) **Phenomenology and the Nonhuman Animal: at the limits of experience**. Dordrecht: Springer, 2007. p. 75-84.

SANCHEZ, D. Estranheza e propriedade: a experiência da empatia em Edmund Husserl. **Ekstasis – Revista de Fenomenologia e Hermenêutica**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 2014, p. 99-111.

SANDERS, C. Actions speak louder than words: close relationships between humans and nonhuman animals. **Symbolic Interaction**, v. 6, n. 3, 2003, p. 405-426. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1525/si.2003.26.3.405>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

SANT'ANNA, P. A. **As imagens no contexto clínico de abordagem junguiana: uma interlocução entre teoria e prática**. 2001. 350 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SARTRE, J. P. **Esquisse d'une théorie des émotions**. Paris: Hermann, 1995.

SAVALLI, C.; ADES, C. Benefícios que o convívio que um animal de estimação pode promover para a saúde e o bem-estar do ser humano. In: CHELINI, M. O.; OTTA, E. (coord.). **Terapia Assistida por Animais**. São Paulo: Manole, 2016. p. 23-43.



SERPA JR., O. Psiquiatra e Neurociências: como “redescobrir” o cérebro sem eclipsar o sujeito. **Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 7, n. 2, 2004, p. 110-124. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142004000200110](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142004000200110)>. Acesso em: 20 abr.2019.

SERPELL, J. Animal-assisted interventions in historical perspective. In: FINE, A. (org.). **Handbook of Assisted Therapy**. Cambridge – Massachusetts: Elsevier, 2010. p. 17-32.

SERPELL, J. As perspectivas históricas e culturais das interações dos seres humanos com animais de estimação. In: MCCARDLE, P. *et al.* (org.). **Os animais em nossa vida: família, comunidade e ambientes terapêuticos**. Campinas: Papirus, 2013. p. 27-40.

SILVA, J. O. **A Psiquiatra e o Artista**: Nise da Silveira e Almir Mavignier encontram as imagens do inconsciente. 2006. 125p. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2006.

SILVEIRA, N. **Cartas a Spinoza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1995.

SILVEIRA, N. **Gatos, a emoção de lidar**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Ed., 1998.

SILVEIRA, N. **O Mundo das Imagens**. São Paulo: Ed. Ática, 1992/2001.

SILVEIRA, N. Retrospectiva de um trabalho vivido no Centro Psiquiátrico Pedro II no Rio de Janeiro. **Rev. Latinoam. de Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 9, n. 1, 2006, p. 138-150. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142006000100138](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142006000100138)>. Acesso em: 13 mar. 2019.

SILVEIRA, N. Carta a Spinoza. In: MELLO, L. C. (org.). **Encontros – Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Azougue, 2009. p. 36-41.

SILVEIRA, N. **Imagens do Inconsciente**. 3 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2015.

SLEGELIS, M. H. A study of Jung’s mandala and its relationship to art psychotherapy. **The Arts in Psychotherapy**, Amsterdam, v. 14, 1987, p. 301-311. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0197455687900189>>. Acesso em: 7 jan. 2020.

STRUCHINER, C. Fenomenologia: de volta ao mundo-da-vida. **Revista Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 13, n. 2, 2007.

TOMELIN, N. Cultura, arte e dignidade do trabalho: Nise da Silveira, Fernando Diniz e outros companheiros. **ArteCultura**, Uberlândia, v. 18, n. 33, 2016, p. 83-98. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/37950>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

TRUJILLO, K.; TEDESCHI, P.; WILLIAMS, J. H. A pesquisa encontra a prática: questões para o treinamento de base científica no campo da interação dos seres humanos com os animais. In: MCCARDLE, P. *et al.* (org.). **Os animais em nossa vida: família, comunidade e ambientes terapêuticos**. Campinas: Papirus, 2013. p. 245-264.

WALSH, F. Human-animal bonds I: the relational significance of companion animals. **Family Process**, Philadelphia, v. 48, n. 4, 2009, p. 462-480. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19930433>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

WORRINGER, W. **Abstraction and Empathy**: a contribution to the psychology of style. Chicago: Elephant Paperbacks, 1997.

VASCONCELLOS, A. O bem-estar do animal coterapeuta. In: CHELINI, M. O.; OTTA, E. (org.). **Terapia Assistida por Animais**. São Paulo: Manole, 2016. p. 149-176.

VIEIRA, H.; CAVALCANTI, M. A.; CAVALCANTI, E. Imagens do Inconsciente: alianças entre arte e terapia. **Revista Valore**, Volta Redonda, v. 2, n. 2, 2017, p. 259-271. Disponível em: <<https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/download/77/69>>. Acesso em: 03 mar. 2019.